



UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências
Campus de Bauru – SP

SUZI DORNELAS E SILVA ROCHA

**VIAJANDO PELA CULTURA AFRICANA E
AFRO-BRASILEIRA: relações étnico-raciais na
Educação Física**

BAURU – SP
2020



SUZI DORNELAS E SILVA ROCHA

VIAJANDO PELA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: relações étnico-raciais na Educação Física

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

BAURU – SP
2020





Rocha, Suzi Dornelas e Silva.

Viajando pela cultura africana e afro-brasileira :
relações étnico-raciais na Educação Física / Suzi
Dornelas e Silva Rocha, 2020
212 f. : il.

Orientadora: Andresa de Souza Ugaya

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2020

1. Processos Educativos. 2. Relações Étnicos-
Raciais. 3. Cultura Africana e Afro-Brasileira. 4.
Educação Física Escolar. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

SUZI DORNELAS E SILVA ROCHA

VIAJANDO PELA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: relações étnico-raciais na Educação Física

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

Data da defesa: 27/03/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya
Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus Bauru

Membro Titular: Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
Universidade Federal de São Carlos - UfsCar

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Denise Ivana de Paula Albuquerque
Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Presidente Prudente

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências
Unesp – campus de Bauru





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de SUZI DORNELAS E SILVA ROCHA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 27 dias do mês de março do ano de 2020, às 14:00 horas, no(a) Sala 01 do prédio da pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, Profa. Dra. DENISE IVANA DE PAULA ALBUQUERQUE do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - SP, Professor Doutor LUIZ GONÇALVES JUNIOR do(a) Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de SUZI DORNELAS E SILVA ROCHA, intitulada **VIAJANDO PELA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA

Profa. Dra. DENISE IVANA DE PAULA ALBUQUERQUE

Professor Doutor LUIZ GONÇALVES JUNIOR



Para todos/as alunos/os que passaram por minha trajetória e que foram o combustível primordial para o desenvolvimento deste trabalho.



AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de uma construção coletiva. Dessa forma, deixo meus mais sinceros agradecimentos a todos e todas que contribuíram para sua conclusão.

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar com sabedoria e discernimento.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya por ser minha inspiração como profissional e ser humano, como também pela paciência e ensinamentos.

Aos membros da banca Prof.^a Dr.^a Denise Ivana de Paula Albuquerque e Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior, pela contribuição imensurável para este trabalho.

Aos professores e professoras que passaram pela minha trajetória, da formação básica ao mestrado. Obrigada por compartilharem seus saberes e contribuírem não só para minha formação acadêmica, como também humana.

A Prof.^a Dr.^a Denise Aparecida Corrêa, amiga e parceira de trabalho e responsável por despertar o meu interesse e paixão pelo tema desta pesquisa.

A todos/as educadores/as do “Projeto Brincando e Dialogando” que puderam compartilhar comigo a experiência da docência e que me ajudaram a refletir sobre minha atuação pedagógica diariamente.

A toda equipe, alunos/as e comunidade escolar da Escola Estadual Professor José Ranieri por acreditarem e apoiarem este trabalho, sem vocês nada disso seria possível.

Aos alunos e alunas participantes desta pesquisa, agradeço pelo carinho recebido e por serem brilhantes em todo o processo.

As professoras Karla, Maria Aparecida e Juliana por serem minhas parceiras. Juntas somos mais!

Ao produtor audiovisual Levi Mateus, por registrar brilhantemente momentos valiosos deste trabalho.

A minha família e amigos/as que me confortaram e ajudaram nesse processo e entenderam a minha ausência. Em especial, ao meu esposo e companheiro Ronaldo pelo apoio, cumplicidade e paciência.



Agradeço, enfim, a todos e todas que abriram os caminhos para que eu chegasse até aqui.





*“Ainda que pareça excessivo para nós adultos que somos, sem a voz da criança,
não há descoberta possível, nem poesia, nem paraíso, nem dor, nenhum
conhecimento, nenhuma comunhão”.*

(NARANJO, 2018).



ROCHA, Suzi Dornelas e Silva. **Viajando pela cultura africana e afro-brasileira: relações étnico-raciais na Educação Física.** 2020. 212 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, 2020.

RESUMO

A sociedade brasileira tem sua formação inicial marcada pelas influências de culturas de matrizes europeias, africanas e indígenas, o que configura características, costumes e valores tão presentes e enraizados na história e identidade do país. No entanto, percebemos que as culturas de matrizes africanas e indígenas possuem pouco espaço em processos educativos nos contextos escolares. Diante essa realidade, e focando especificamente nas culturas africana e afro-brasileira nas aulas de Educação Física, traçamos os seguintes questionamentos: é possível desenvolver um planejamento docente dentro da perspectiva das relações étnico-raciais que seja significativo para a aprendizagem dos/as estudantes? Conhecimentos e vivências acerca da história e cultura africana e afro-brasileira possibilitam atitudes não preconceituosas, fortalecem referenciais e a identidade afro-brasileira? Qual a percepção dos/as estudantes sobre o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira? Partindo dessas questões, essa pesquisa de abordagem qualitativa, cujo referencial metodológico foi a pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), objetivou identificar e compreender os processos educativos decorrentes de uma intervenção com elementos culturais de matriz africana junto a estudantes de uma turma de 5.º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física. Essa foi realizada em uma escola de Educação Básica do município de Bauru, interior do estado de São Paulo, e o público participante foram 26 estudantes e suas respectivas famílias. Para o levantamento de dados, utilizamos os registros do caderno dos/as estudantes, os diários de campo da pesquisadora, questionário inicial e final com os/as estudantes e o questionário dos/as convidados/as que participaram do evento “Festival Viagem pelos Caminhos da África” realizado como parte da pesquisa. A análise categorial temática (GOMES, 2009) seguiu por meio do agrupamento de ideias e expressões dos/as participantes, assim foram elaboradas três categorias para discussão: A) Aprendendo e ensinando elementos culturais de matriz africana; B) Estudar outras culturas transforma a nossa cultura e C) Envolvimento da comunidade escolar. Como frutos desse trabalho foram elaborados dois produtos: o “Planejamento Pedagógico: um diálogo com a cultura africana e afro-brasileira” e o audiovisual “Viajando pela Cultura Africana” que tem como intenção oferecer aos/as professores/as subsídios para efetivar a Educação das Relações Étnico-Raciais na escola. Consideramos que essa investigação foi relevante por permitir discutir, (re)pensar e buscar novas possibilidades para o ensino de conteúdos de matriz africana bem como (re)conhecer que uma intervenção pedagógica sistematizada possibilita aos/as envolvidos/as a ampliação do repertório cultural, valorização das raízes e afirmação do pertencimento étnico-racial; a construção do respeito por essas culturas; mudanças de comportamento como o trabalho coletivo; diminuição de atitudes individualistas e o envolvimento da comunidade escolar que percebeu a riqueza desse processo.



Palavras-chave: Processos Educativos. Educação das Relações Étnico-Raciais. Cultura Africana e Afro-brasileira. Educação Física Escolar.



ROCHA, Suzi Dornelas e Silva. **Traveling through African and Afro-Brazilian culture: ethnic-racial relations in physical education.** 2020. 212 f. Dissertation (Professional Master in Physical Education on National Network) - Faculty of Sciences, Paulista State University – UNESP, Bauru, 2020.

ABSTRACT

Brazilian society has its initial formation marked by the influences of cultures of European, African and indigenous origins, which configures characteristics, customs and values so present and rooted in the country's history and identity. However, we realize that cultures of African and indigenous matrices have little space in educational processes in school contexts. In view of this reality, and focusing specifically on African and Afro-Brazilian cultures in Physical Education classes, we outline the following questions: is it possible to develop a teaching plan within the perspective of ethnic-racial relations that is significant for the learning of students? Do knowledge and experiences about African and Afro-Brazilian history and culture enable non-prejudiced attitudes, strengthen references and Afro-Brazilian identity? What is the students' perception of teaching African and Afro-Brazilian history and culture? Based on these questions, this qualitative research, whose methodological framework was action research (THIOLLENT, 2011), aimed to identify and understand the educational processes resulting from an intervention with cultural elements of African origin with students in a class of 5.º year of Elementary School in Physical Education classes. This was held at a Basic Education school in the city of Bauru, in the interior of the state of São Paulo, and the participating public was 26 students and their respective families. For data collection, we used the students' notebook records, the researcher's field diaries, initial and final questionnaire with the students and the questionnaire of the guests who participated in the event “Festival trip along the paths of Africa” held as part of the research. Thematic categorical analysis (GOMES, 2009) followed through the grouping of ideas and expressions of the participants, so three categories were developed for discussion: A) Learning and teaching cultural elements of African origin; B) Studying other cultures transforms our culture and C) Involvement of the school community. As a result of this work, two products were elaborated: “Pedagogical Planning: a dialogue with African and Afro-Brazilian culture” and the audiovisual “Traveling through African Culture”, which intends to offer teachers / subsidies to carry out the Education of Ethnic Relations-Racials at school. We consider that this investigation was relevant because it allows discussing, (re) thinking and searching for new possibilities for teaching content from an African matrix as well as (re) knowing that a systematic pedagogical intervention allows those involved to expand the cultural repertoire, appreciation of roots and affirmation of ethnic-racial belonging; building respect for these cultures; behavior changes such as collective work; decrease in individualistic attitudes and the involvement of the school community that perceived the richness of this process.



Keywords: Educational Processes. Education of Ethnic-Racial Relations. African and Afro-Brazilian Culture. School Physical Education.





LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reconhecendo a África como um continente	60
Figura 2 – Confeccionando o jogo MemorAfro	62
Figura 3 – Aprender brincando como o jogo MemorAfro	63
Figura 4 – Capa do caderno de registros da Aurora.....	67
Figura 5 – Cartinha Oxalá	69
Figura 6 – Momento da aula com o Jogo <i>G'bala</i>	70
Figura 7 – Ensinando a brincadeira <i>Amagamulamulazetxê</i>	73
Figura 8 – Representação da experiência de Meliodas BR.....	74
Figura 9 – Confeção das máscaras na aula de Arte.....	76
Figura 10 – Estudantes apresentando a letra do <i>RAP Festival</i>	78
Figura 11 – Mesa das comidas organizada pela comunidade escolar.....	79
Figura 12 – Escultura de elefante emprestado pela família.....	79
Figura 13 – Caixas preparadas pelos/as funcionários/as da escola	80
Figura 14 – Exposição das máscaras africanas confeccionadas na aula de Arte.....	81
Figura 15 – Participantes do Festival	83



LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Autodeclaração de cor/raça	49
Gráfico 2 – Você fala ou brinca?	54



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações sobre os/as participantes da pesquisa 45





LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CRE	Caderno de Registro dos/as Estudantes
DCP	Diário de Campo da Pesquisadora
EF	Educação Física
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PROEF	Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
QCE	Questionário dos/as convidados/as do evento
QI	Questionário Inicial
QF	Questionário Final
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEESP	Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
UE	Unidade Escolar
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
1 INTRODUÇÃO	23
2 REVISÃO DE LITERATURA	26
2.1 Políticas públicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais	26
2.2 Educação Física e a Educação das Relações Étnico-Raciais.....	31
2.3 A Educação Física Escolar na perspectiva intercultural	37
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.1 Universo da pesquisa	43
3.2 Participantes	44
3.3 Instrumentos	46
3.4 Procedimentos para o levantamento de dados	47
3.5 Procedimentos para a análise de dados	48
4 TRILHANDO OS CAMINHOS PELA ÁFRICA	49
4.1 Categoria A – Aprendendo e ensinando elementos culturais de matriz africana	50
4.1.1 O que nos dizem as crianças	51
4.1.2 Conhecimentos construídos	56
4.2 Categoria B – Estudar outras culturas transforma nossa cultura.....	64
4.3 Categoria C – Envolvimento da comunidade escolar.....	71
5 CONSIDERAÇÕES	84
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	91
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	91
APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	93
APÊNDICE C – Autorização de consentimento para utilização de imagem e vídeo .	95
APÊNDICE D – Autorização de Assentimento para utilização de imagem e vídeo ..	96
APÊNDICE E – Instrumento de coleta de dados/questionário inicial	97
APÊNDICE F – Instrumento de coleta de dados/questionário final	98



APÊNDICE G – Instrumento de coleta de dados/questionário para os/as convidados/as do evento 100

APÊNDICE H – Diário de campo da pesquisadora 101





APRESENTAÇÃO

Toda a minha infância até o início da vida adulta, morei em Presidente Prudente, cidade do interior do estado de São Paulo, onde estudei desde a Educação Infantil até o Ensino Médio em escolas públicas estaduais e municipais. Tive uma infância muito alegre, repleta de brincadeiras na rua, grupinhos de dança das Chiquititas¹ e aulas de balé clássico.

Em busca pelo sonho da Universidade Pública, consegui ingressar no Cursinho Pré-Vestibular Ideal da Universidade Estadual Paulista (UNESP), de Presidente Prudente, que era oferecido por graduandos/as dos cursos do Campus e foi primordial para que eu me preparasse para o vestibular, amenizando algumas dificuldades da Educação Básica.

No ano 2007, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física na UNESP, Campus de Presidente Prudente, a qual considero como umas das maiores conquistas da minha vida. Essa experiência despertou em mim um novo olhar para a Educação Física Escolar e a necessidade de realizar uma prática pedagógica diferente da qual tinha vivenciado por toda a formação básica. Em 2010, concluí a graduação, levando comigo uma formação inicial repleta de experiências, expectativas, dúvidas e incertezas.

Durante os dois anos seguintes à graduação, atuei na cidade de Presidente Prudente, na área de dança, ministrando aulas de balé clássico, *jazz dance* e condicionamento físico em algumas escolas e academias da cidade. Em 2013, depois de ter prestado e ser aprovada no Concurso de Professor de Educação Básica II da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo fui convocada para o cargo de Professora de Educação Física, em que escolhi uma Unidade Escolar (UE) na cidade de Bauru, mudando todo o roteiro da minha vida.

Há seis anos atuo em uma mesma UE, onde cresci pessoalmente e profissionalmente, podendo exercer a profissão da qual escolhi e tenho uma enorme paixão. Nesta mesma escola, criei laços de amizade com profissionais da educação, alunos/as e familiares que levarei para vida toda. Pude trabalhar em parceria com duas colegas de profissão que atuam nos componentes curriculares de Arte e

¹ Chiquititas foi uma telenovela produzida pelo canal argentino Telefé em parceria com Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), exibida entre 1997 a 2001. A trama era permeada por músicas e coreografias que inspiravam as crianças da época. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquititas>. Acesso em: 15 mai. 2020.



Educação Física, que tornaram os desafios da profissão mais leves e foram fundamentais para meu crescimento profissional, como também para o desenvolvimento de projetos² e atividades significativas para os/as estudantes.

No ano de 2014, a escola foi convidada a fazer uma parceria com o “Projeto Brincando e Dialogando”³, do Departamento de Educação Física da UNESP de Bauru sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Denise Aparecida Corrêa, o qual tem a intenção de promover a Educação para as Relações Étnico-Raciais na escola por intermédio de vivências lúdicas e artísticas em uma perspectiva dialogada. Essa parceria, que segue até os dias de hoje, foi um divisor de águas para minha vida profissional, a qual possibilitou uma reflexão acerca da minha prática pedagógica e despertou uma admiração pela temática da Educação das Relações Étnico-Raciais. As culturas africanas, afro-brasileira e indígenas sempre estiveram distantes dos conteúdos abordados durante toda a minha formação básica e acadêmica inicial e, apesar de ter um grande interesse pela sua história e cultura, não me sentia segura em ministrar tais conteúdos. Esse projeto foi o ponto de partida para me encantar com o tema e buscar novos conhecimentos em relação às questões étnico-raciais, e, com isso, reconheci a necessidade em dar mais espaço para as culturas africanas, afro-brasileira e indígenas no contexto escolar, principalmente na Educação Física.

A busca por formação continuada sempre esteve presente em meus anseios profissionais. Diante disso, me inscrevi e fui aprovada no processo seletivo do Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) acreditando que essa seria uma oportunidade de desenvolvimento e reflexão sobre minha atuação pedagógica. No entanto, a espera foi longa, visto que o programa deveria iniciar em 2016 e decorrente a questões políticas e organizacionais teve início apenas em meados de 2018.

Entretanto, essa espera possibilitou a aproximação de dezesseis professores/as de Educação Física que carinhosamente foram apelidados/as por um dos colegas do grupo de “16 desbravadores/as”, o que gerou uma parceria nas descobertas e incertezas do programa tornando esse processo de espera menos doloroso. Ao iniciar o curso, um leque de expectativas e anseios foram almeçados e

² Projetos multidisciplinares desenvolvidos: Copa do Mundo (2014 e 2018); Brincando e Dialogando (2014-2019); Jogos Olímpicos (2016); Era uma vez um conto diferente (2015 e 2017) e Direito de ser criança (2016 e 2018).

³ O “Projeto Brincando e Dialogando” promove vivências lúdicas, diálogos e reflexões acerca dos jogos, brinquedos e brincadeiras de diferentes culturas, com destaque para as africanas, afro-brasileiras e indígenas, no sentido de possibilitar aos/as estudantes participantes, a valorização, o reconhecimento e o respeito à diversidade cultural. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/#!/departamentos/dep-educacao-fisica/projetos-de-extensao/>. Acesso em: 30 mar. 2020.



aos poucos tive que incluir uma jornada de 40 horas semanais de trabalho, uma demanda de tarefas domésticas e mais as exigências da pós-graduação.

As disciplinas oferecidas pelo PROEF foram pertinentes à realidade da Educação Física Escolar e seus sujeitos, possibilitando trocas de experiências positivas e reflexivas proporcionadas nos encontros presenciais e pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Na disciplina “Problemáticas da Educação Física” foi possível levantar e analisar quais os problemas mais comuns encontrados pelos/as professores/as de Educação Física (EF) atuantes no chão da escola. Além disso, a disciplina disponibilizou fóruns interativos em que professores/as de diversas localidades do país pudessem trocar experiências e soluções para amenizar e compreender tais problemáticas.

A disciplina intitulada “Seminários de Pesquisa em Educação Física” abordou conceitos básicos de Metodologia de Pesquisa Científica, orientando o processo inicial do projeto de pesquisa. Em sua primeira parte, contribuiu para a efetivação do tema de pesquisa que gostaria de desenvolver, visto que a Educação das Relações Étnico-Raciais já era algo cogitado desde a aprovação do programa. As etapas seguintes proporcionaram suporte teórico para o delineamento de etapas da pesquisa, como intervenção e redação do texto. Além disso, esta disciplina oportunizou a definição de orientação dos/as mestrandos/as, a qual tive o enorme prazer em ser aceita pela Prof.^a Dr.^a Andresa de Sousa Ugaya, que desde então tem sido excepcional em sua função.

A terceira disciplina “Escola, Educação Física e Planejamento” apresentou debates e reflexões sobre a função social da escola, trazendo a especificidade da Educação Física. Possibilitou conhecer conceitos de organização do planejamento anual e projetos curriculares, bem como analisar e refletir sobre os objetivos, conteúdos e avaliação que envolvem esse componente curricular.

A disciplina “Metodologia do Ensino da Educação Física” teve como foco a didática do/a professor/a, diferentes metodologias de ensino e a relação entre professor/a e estudante com o conteúdo ministrado. Ela complementou a disciplina anteriormente citada promovendo reflexão sobre o planejamento, desenvolvimento de conteúdos diversos e processos avaliativos.

Na disciplina “Educação Física no Ensino Fundamental” os/as mestrandos/as puderam compartilhar suas ações na escola com colegas do mesmo nível de ensino,



dialogando com as possibilidades de ensino e aprendizagem deste componente curricular.

E, por fim, a disciplina “Escola, Educação Física e Inclusão” propôs reflexões acerca do espaço dado as pessoas com deficiência na Educação Física e na sociedade em geral. Apresentou os tipos de deficiências, possibilidades e estratégias para intervenção do/a professor/a afim de incluir a todos/as.

Durante todo o curso tivemos o respaldo de um referencial teórico pertinente, o qual dialogou com os saberes produzidos na universidade e os saberes da prática pedagógica dos/as professores/as que atuam na Educação Física Escolar.

As atividades dos encontros presenciais tornaram as discussões e reflexões do AVA mais sólidas, nos aproximando ainda mais dos/as colegas que viviam em diversas realidades. Não me esqueço da ansiedade para apresentar o primeiro seminário que serviu de aprendizado e preparação para outros momentos durante o curso. Aprendizado esse que contribuiu para o desenvolvimento da minha pesquisa e sua relevância para a Educação Física Escolar.

As experiências otimizadas pelo PROEF despertaram em mim o interesse pela pesquisa científica, a necessidade de compartilhar conhecimentos e ações com demais profissionais, como também planejar a minha prática pedagógica com mais reflexão crítica levando em consideração a realidade escolar. Essas somaram-se à participação em congressos com apresentações de trabalhos a partir das pesquisas realizadas; como palestrante nas disciplinas “Concepções teórico-metodológicas no ensino da Educação Física” e “Dança” ministradas, respectivamente, pelas Professoras Doutoras Cátia Silvana da Costa e Andresa de Souza Ugaya, no curso de Educação Física da UNESP – Bauru, e que contribuíram imensamente para a finalização dessa pesquisa.

Quando reflito sobre o verdadeiro motivo pelo qual me arrisquei nessa jornada, percebo que nada disso faria sentido se não fosse pelos/as estudantes. É o carinho e admiração que demonstram ter por mim que me motivam a buscar novos conhecimentos e refletir sobre minha prática pedagógica. A eles/as e por eles/as que sigo firme nessa caminhada.



1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, sendo uma nação de grande diversidade étnico-racial e cultural, teve forte influência das culturas africanas e indígenas, trazendo com elas suas características e costumes tão presentes e enraizados na identidade histórica do país. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2016, os negros (pardos e pretos) representam a maior parte da população brasileira somando 54%. Esse índice mantém o Brasil como o país não africano com a maior população negra do mundo, ficando na segunda posição, com um número menor apenas do que a Nigéria (BRASIL, 2004).

Assim, entendemos que é fundamental:

[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio cultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais ou sociais (BRASIL, 1997, p. 6).

Diante dessa afirmação, percebemos que as culturas africanas, afro-brasileira e indígena não possuem um espaço merecido no contexto escolar sendo, muitas vezes, marginalizada e ficando restrita a datas comemorativas e/ou a um único componente curricular.

Portanto, a opção pelo tema desta pesquisa não se deu ao acaso, ela advém de alguns questionamentos sobre o espaço ocupado pela cultura africana e afro-brasileira na escola, mais precisamente na Educação Física, sendo estes: é possível desenvolver um planejamento docente dentro da perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais que seja significativo para a aprendizagem dos/as estudantes? Conhecimentos e vivências acerca da história e cultura africana e afro-brasileira possibilitam atitudes não preconceituosas, fortalecem referenciais e a identidade afro-brasileira? Qual a percepção dos/as estudantes sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira?

Reconhecendo também a relevância de incluir a história e cultura africana e afro-brasileira no ambiente escolar, o objetivo desse estudo foi identificar e compreender processos educativos decorrentes de uma intervenção com elementos culturais de matriz africana junto a estudantes de uma turma de 5.º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física.



Os aportes teóricos dessa pesquisa são apresentados em três tópicos. No primeiro, fizemos um levantamento sobre as ações educacionais acerca das Relações Étnico-Raciais, bem como, a promulgação das Leis Federais 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008) e os documentos que subsidiam sua implementação e efetivação nos estabelecimentos de ensino como o Parecer CNE/CP 3/2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) e o Plano Nacional de Implementação dessas diretrizes (BRASIL, 2009). O segundo tópico traz concepções de autores/as no que concerne a inclusão da Educação das Relações Étnico-Raciais no contexto escolar, as dificuldades e possibilidades encontradas nessa perspectiva, assim como, a relevância da Educação Física para a educação antirracista. E, no último tópico, trouxemos uma reflexão sobre os conteúdos da Educação Física na perspectiva intercultural, valorizando as culturas africanas e afro-brasileira e despertando possibilidades pedagógicas para esse componente curricular.

Para esse estudo de abordagem qualitativa, foi adotada a linha metodológica da pesquisa-ação, em que a pesquisadora desempenhou um papel ativo em analisar, conduzir e orientar as situações diante dos problemas encontrados, no acompanhamento e avaliação das ações desencadeadas em função deles (THIOLLENT, 2011). Ele foi realizado na Escola Estadual Professor José Ranieri, localizada no município de Bauru, estado de São Paulo, e envolveu 26 estudantes do 5.º ano do Ensino Fundamental e suas respectivas famílias que acompanharam todo o processo e contribuíram para a que o mesmo fosse desenvolvido.

O levantamento de dados foi realizado em dois momentos. No primeiro, buscamos identificar os conhecimentos prévios e interesses dos/as estudantes acerca das culturas africanas e afro-brasileira através de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Então, elaboramos um planejamento pedagógico para ser desenvolvido ao longo das intervenções, levando em consideração os dados revelados pelo questionário inicial. No segundo momento, verificamos percepções que apontassem para processos educativos significativos nos diários de campo da pesquisadora, como também, as anotações dos/as estudantes nos seus cadernos de registros. Além disso, observamos as respostas do questionário final aplicado com os/as estudantes após o desenvolvimento das ações pedagógicas, assim como, o



questionário respondido pelos/as seus familiares e convidados/as que compareceram no evento organizado pelos/as estudantes.

Os dados levantados foram organizados e analisados por meio de categorias temáticas conforme a proposição de Gomes (2009) e discutidos com os aportes teóricos que fundamentam o estudo.

Como frutos desse trabalho, foi possível elaborar dois produtos: “Planejamento pedagógico: um diálogo com a cultura africana e afro-brasileira” e o audiovisual “Viajando pela Cultura Africana” que, dialogando com o objetivo previamente traçado, foram sendo elaborados no decorrer das ações pedagógicas.

Por fim, desejamos que essa pesquisa e seus respectivos produtos, possam inspirar profissionais da Educação Básica a incluírem a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena em suas aulas tornando efetivas as Leis Federais 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008), no sentido de reconhecer e valorizar tais culturas como fundamentais para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil.



2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Políticas públicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais

O Brasil, historicamente, assumiu uma postura ativa e permissiva diante do racismo e da discriminação racial que atingiu e atinge a população afrodescendente até os dias atuais.

Na busca de reparação dos danos causados pelo racismo estrutural, o Governo Federal passou a redefinir o papel do estado como propulsor das transformações sociais, reconhecendo as disparidades entre brancos/as e negros/as; a necessidade de intervir positivamente com o compromisso de eliminar desigualdades raciais e dando passos fundamentais rumo à afirmação dos direitos humanos básicos da população negra.

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações (BRASIL, 2004, p. 11).

Entre as diversas ações realizadas, foi elaborada e sancionada a Lei n.º 10.639, em março de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) que junto ao Parecer CNE/CP 3/2004 estabeleceu as Diretrizes Curriculares para a implementação dela. Essa Lei instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura da África e dos/as africanos/as no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio. De acordo com o documento, essa decisão tem a intenção de resgatar historicamente a contribuição do povo negro na construção e formação da sociedade brasileira (BRASIL, 2004).

O documento afirma também que a obrigatoriedade da inclusão da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos da Educação Básica tratou-se de uma decisão política e que causa fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores/as. Com essa medida, além de se garantir vagas para negros/as nos bancos escolares, possibilita que haja a necessidade de valorização da história e cultura de seu povo, na busca de se reparar os danos causados à sua identidade e a seus direitos (BRASIL, 2004).



Perante o exposto, entendemos que ao criar essas ações afirmativas, como as Leis e Diretrizes Curriculares para sua implementação, seria possível amenizar os danos causados pelo período escravista e posterior a ele, enaltecendo os saberes e valores africanos e afro-brasileiros, não somente à população negra, como também, aos/as brasileiros/as não negros/as.

Em 2006, o Ministério da Educação (MEC) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) publicou as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Este material apresenta o detalhamento de uma política educacional que reconhece a diversidade étnico-racial, relacionado às faixas etárias e com situações específicas para cada nível de ensino. Acreditava-se que esse documento seria “um instrumento para a construção de uma sociedade antirracista, que privilegia o ambiente escolar como um espaço fundamental no combate ao racismo e à discriminação racial” (BRASIL, 2006, p. 14).

No ano de 2008, um Grupo de Trabalho Interministerial instituído por iniciativa do MEC elaborou o documento “Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003” com o objetivo de desenvolver a Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Em suas metas e estratégias, esse documento previa e enfatizava diferentes responsabilidades dos poderes executivos, dos legislativos e dos conselhos de Educação Municipais, Estaduais e Nacional e as demais instituições públicas no processo de implementação e institucionalização da lei em questão. Segundo ele:

As informações disponíveis sobre a implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais revelam que, apesar da riqueza de muitas experiências desenvolvidas nos últimos anos, a maioria delas restringem-se à ação isolada de profissionais comprometidos(as) com os princípios da igualdade racial que desenvolvem a experiência a despeito da falta de apoio dos sistemas educacionais. A consequência são projetos descontínuos com pouca articulação com as políticas curriculares de formação de professores e de produção de materiais e livros didáticos sofrendo da falta de condições institucionais e de financiamento (BRASIL, 2008, p. 13).

A Lei 10.639/2003 pode ser considerada a conquista de uma luta histórica da população negra e um ponto de partida para uma mudança social. Na política educacional, a implementação dessa significa uma ruptura profunda com o tipo de postura pedagógica que não reconhece as diferenças resultantes do nosso processo de formação nacional. Além do impacto positivo junto à população negra, essa deve



ser encarada como desafio fundamental do conjunto das políticas que visam à melhoria da qualidade da educação brasileira para todos e todas (BRASIL, 2008).

Em 2008, houve a alteração da Lei 10.639/2003 para a 11.645/2008, pois chegou-se ao entendimento de que os indígenas e negros conviviam com problemas da mesma natureza, embora em proporções diferentes. Com a nova legislação, o MEC, em parceria com sistemas de ensino em diversos níveis e modalidades, encarou o desafio de constituir uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, orientada para divulgação e produção de conhecimentos, atitudes, posturas e valores a fim de educar cidadãos e cidadãs em relação à pluralidade Étnico-Racial (BRASIL, 2009).

Pensadores como Cruz, Rodrigues e Barbosa (2011) também enfatizam a relevância das Leis para se incluir a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nos conteúdos escolares, visto sua contribuição para a sociedade brasileira:

De acordo com esses dispositivos legais, os conteúdos programáticos devem incluir diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação do país e da população brasileira, tais como: o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, as culturas negras e indígenas. Espera-se que, com essas revisões, possamos pluralizar a história brasileira e dar o devido valor às contribuições de diferentes grupos para as áreas social, econômica, cultural e política (CRUZ; RODRIGUES; BARBOSA, 2011, p. 13).

Devido a articulação Lei e Educação se fortaleceu a criação do “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”. Para tal ação, o MEC contou com o apoio da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), movimentos sociais, movimento negro, além de intelectuais e ativistas da causa antirracista, que se dedicaram na tarefa de avaliar e propor estratégias para que a implementação das diretrizes fosse ampla e efetiva. Esse documento é resultado das solicitações vindas de anseios regionais e consubstanciada pelo documento anterior, e tem como finalidade institucionalizar a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais, ampliando a atuação dos sistemas de ensino por meio da compreensão e o cumprimento de tais Leis (BRASIL, 2009).

Essas ações se tornam imprescindíveis quando nos deparamos com a realidade da educação básica que:



[...] é profundamente marcada pela desigualdade no quesito da qualidade e é possível constatar que o direito de aprender ainda não está garantido para todas as nossas crianças, adolescentes, jovens e mesmo para os adultos que retornaram aos bancos escolares. Uma das mais importantes marcas dessa desigualdade está expressa no aspecto racial. Estudos realizados no campo das relações raciais e educação explicitam em suas séries históricas que a população afrodescendente está entre aquelas que mais enfrentam cotidianamente as diferentes facetas do preconceito, do racismo e da discriminação que marcam, nem sempre silenciosamente, a sociedade brasileira (BRASIL, 2009, p. 13).

Portanto, fazem-se necessárias condutas afirmativas a fim de reparar as marcas de desigualdade presentes em nossa sociedade. Para isso, é preciso que se torne efetiva as ações educacionais em todos os sistemas de ensino, na busca de promover a Educação das Relações Étnico-Raciais como protagonista nos currículos e pátios escolares.

No ano de 2017, o MEC homologou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que tem como função definir o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos/as estudantes precisam desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de forma que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)⁴. A BNCC é uma referência nacional para a formulação dos currículos das redes de ensino municipais e estaduais assim como das propostas pedagógicas das instituições escolares, contribuindo para outras políticas e ações referentes à formação de professores/as, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada visando o pleno desenvolvimento da educação (BRASIL, 2017).

No que se refere à Educação para as Relações Étnico-Raciais, a BNCC (BRASIL, 2017) sugere que conteúdos de matrizes africanas e indígenas sejam propostos nos diversos componentes curriculares. Tendo como foco a Educação Física, componente curricular que envolve esta pesquisa, essas culturas tem destaque no Ensino Fundamental, pelas unidades temáticas⁵ danças, lutas, jogos e brincadeiras.

⁴ Plano Nacional de Educação (PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024.

⁵ De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), respeitando as possibilidades de organização do conhecimento escolar, as unidades temáticas definem um arranjo dos objetos de conhecimento ao longo do Ensino Fundamental, adequado as especificidades dos diferentes componentes curriculares. Cada unidade temática contempla uma gama maior ou menor de objetos de conhecimento, assim como cada objetivo de conhecimento se relaciona a um número variável de habilidades.



No que concerne à ações dentro dessa perspectiva, no ano de 2018, a Diretoria de Ensino da Região de Bauru solicitou aos/as professores/as coordenadores/as, juntamente com o corpo docente das escolas da Rede Estadual de Ensino, que respondessem a um formulário que tinha como pretensão levantar trabalhos realizados nas unidades escolares que envolvessem a Educação para as Relações Étnico-Raciais e o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, considerando a implementação das Leis Federais 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008). Os trabalhos inscritos deveriam ser de autoria das próprias escolas, os quais seriam posteriormente publicados com fins de divulgação e valorização das ações. Após o período de levantamento, professores/as coordenadoras das escolas que se inscreveram foram convidados/as para uma reunião pedagógica realizada pela Diretoria acima citada para compartilhar as experiências, no entanto, até o presente momento, as mesmas ainda não foram publicadas.

Devido a homologação da BNCC, as redes de ensino, municipais e estaduais, precisaram adequar seus currículos. Dessa forma, a partir dos princípios apontados pela Base, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEESP) formulou o Currículo Paulista. Tal documento passou por um processo de construção em três versões (versão zero, 1 e 2) e buscou valorizar a contribuição da comunidade escolar para sua elaboração. A versão zero (2018) resultou da leitura analítica das proposições da BNCC e a comparação dessa proposta com os documentos curriculares de diferentes redes municipais, privadas e estadual. Essa versão ficou disponível para consulta *on-line* para que professores/as, gestores/as, representantes das universidades e da sociedade civil pudessem contribuir com sugestões para o texto introdutório, os das diferentes etapas de escolaridade e os respectivos componentes curriculares. A versão 1 (2018) foi discutida em 82 seminários regionais com a participação de professores/as e gestores/as representantes das redes públicas e privadas de 611 municípios paulistas. Durante as discussões, foram propostas novas habilidades, bem como a readequação, revisão ou exclusão de habilidades em cada um dos componentes curriculares do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. Após a realização dos seminários regionais, os/as redatores/as do documento analisaram as contribuições apresentadas, incorporando aquelas consideradas. A versão 2, após as correções feitas pelo Conselho Estadual de Educação, foi homologada como Currículo Paulista Versão Final em agosto de 2019 (SÃO PAULO, 2019).



Tal qual na BNCC, a Educação Física é organizada pelo Currículo Paulista como componente curricular da Área de Linguagens, juntamente com Arte, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira e apresenta uma estrutura semelhante ao documento nacional em que a história e cultura de matriz africana e indígena estão presentes ao longo do Ensino Fundamental (SÃO PAULO, 2019).

2.2 Educação Física e a Educação das Relações Étnico-Raciais

Para Corsino e Conceição (2016) a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) busca atender a necessidade de construção de uma educação igualitária rumo às pedagogias que possibilitem a desconstrução de verdades estabelecidas nos currículos oficiais, nos livros didáticos e nas diversas práticas do cotidiano escolar por meio de discursos fundamentados em uma perspectiva colonizadora, reprodutora de uma visão de mundo europeia, masculina, heteronormativa, elitista e adultocêntrica.

A falta de formação dos/as professores/as, gestores/as e coordenadores/as pedagógicos/as no que concerne à Educação das Relações Étnico-Raciais dificulta o processo de efetivação dessas Leis no contexto escolar. Assim sendo, concordamos com as palavras das autoras Cruz, Rodrigues, Barbosa (2011) de que:

Sabemos que os profissionais da educação têm pouca ou nenhuma formação no que diz respeito às questões étnico-raciais, nos conteúdos referentes à educação indígena e afro-brasileira. A escola tem papel importante como espaço social para construção de identidades, de relações entre diferentes operações de construção ideológicas e estereotipadas e se mostra como espaço privilegiado para mudanças em torno de uma educação que respeite as diferenças e a diversidade (CRUZ; RODRIGUES; BARBOSA, 2011, p. 23).

No que diz respeito à implementação e conhecimento dessas Leis, Souza e Pereira (2013) desenvolveram uma pesquisa em escolas da Região Nordeste tendo como participantes gestores/as, coordenadores/as pedagógicos/as, professores/as e estudantes. Os dados apontam que:

A Lei 10.639/2003 não é desconhecida dos gestores, o que pode significar que ela foi divulgada nos meios de comunicação e nos materiais enviados às escolas pelo MEC. No entanto, constatamos que é fraco o seu grau de institucionalização. Porém, algumas escolas não fazem referência à Lei 10.639/2003 no PPP; gestores/as e professores/as não dominam os conteúdos e nem os métodos de ensino que contemplem História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais; os gestores não demonstraram familiaridade com as propostas das Diretrizes



Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e alguns a desconhecem totalmente (SOUZA; PEREIRA, 2013, p. 63).

Por conseguinte, notamos que as escolas dessa região têm pouco conhecimento sobre a implementação de tais Leis e acesso restrito a materiais, publicações e diretrizes disponibilizadas para o cumprimento delas e a inserção da história e cultura africana e afro-brasileira no ensino regular e na proposta político-pedagógica da escola.

Souza e Pereira (2013) afirmam ainda que as publicações produzidas e distribuídas pelo MEC com o objetivo de auxiliar os/as docentes na abordagem da história e cultura africana e afro-brasileira relacionadas às tais Leis não chegam a todas as escolas e quando chegam, ficam guardadas nas estantes e inacessíveis aos/as professores/as e estudantes ou nem sequer são desencaixotadas.

Moreira e Silva (2016), em uma pesquisa realizada em Salvador, perceberam que a cidade foi a primeira a elaborar uma diretriz local para tratar a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) após a distribuição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Segundo as autoras, o documento homologado em 2016 pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, formatado pelo Centro de Educação para Igualdade Racial e de Gênero juntamente o Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia teve como objetivo balizar o aperfeiçoamento docente sugerindo um tratamento temático transversal e ações com perspectivas na problematização dos valores de ancestralidade, identidade e resistência. Todavia, notamos que a Educação Física sendo considerada como componente curricular obrigatório e responsável por uma área do conhecimento, era o único não contemplado no documento.

Percebemos que apesar do esforço pela introdução e utilização de tais conteúdos nas escolas regulares, não visou contemplar todas as áreas de conhecimento desmerecendo a dimensão do repertório da Educação Física Escolar e suas vivências como componente curricular primordial para o conhecimento e valorização da diversidade cultural afro-brasileira.

De acordo com Muller, Santos, Gonçalves e Costa (2009), desde a promulgação da Lei 10.639/2003 até o ano de seu estudo, foi possível perceber um grande número de iniciativas para sua implementação nos sistemas de ensino. Segundo as autoras, o poder público tem assumido algumas políticas de estímulo em



relação a essa implementação, contudo há muito que se fazer no que se refere aos conteúdos previstos pela citada Lei e discussão da história e cultura africana e afro-brasileira, que são de grande valia.

Moreira e Silva (2016) acreditam que ainda é preciso avançar na discussão sobre a Lei, dimensionando a tensão entre sua aplicabilidade e suas propostas, pois para desconstruir conceitos, reparar culturas e combater preconceitos é necessária uma luta vigorosa que precisa ser exercitada na escola em forma de interesse comum e interdisciplinar. Para as autoras isso será possível se houver uma ampla negociação política envolvendo a sociedade como um todo.

A escola é profundamente marcada pela desigualdade no quesito da qualidade e é possível constatar que o direito de aprender ainda não está garantido para todas as nossas crianças, adolescentes, jovens e mesmo para os adultos que retornaram aos bancos escolares. Uma das mais importantes marcas dessa desigualdade está expressa no aspecto racial. Estudos realizados no campo das relações raciais e educação explicitam em suas séries históricas que a população afrodescendente está entre aquelas que mais enfrentam cotidianamente as diferentes facetas do preconceito, do racismo e da discriminação que marcam, nem sempre silenciosamente, a sociedade brasileira (BRASIL, 2009, p. 13).

Concordamos com Corsino e Conceição (2016) quando salientam que as Leis podem e devem ser implementadas por todos os componentes curriculares e a Educação Física, cuja especificidade se faz presente na área de linguagens, pode desempenhar papel fundamental ao proporcionar reflexão sobre os processos de construção histórica e cotidiana no que diz respeito às contribuições das manifestações da cultura corporal afro-brasileira, africana e indígena na constituição do Brasil.

Para tanto, não basta saber da existência das Leis e de seus regimentos, é preciso buscar por novos conhecimentos e ações no contexto escolar a fim de dar mais representatividade a história e cultura africana e afro-brasileira em todos os componentes curriculares e reconhecer sua contribuição na formação de uma sociedade igualitária, democrática e livre de preconceitos.

Apesar de ter sido percebida por diversos pesquisadores/as como uma instituição responsável por disciplinar e reproduzir desigualdades raciais, de gênero, de classe e geração, a escola também se constitui como uma estância de socialização privilegiada para uma abordagem transformadora, cuja principal marca é promover reflexão e não se calar diante de temas que atravessem os interesses das minorias sociais (CORSINO; CONCEIÇÃO, 2016).



A escola como instituição social é o lugar em que as relações são partilhadas, construídas e representadas por meio de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Nesse lugar se vivencia um cotidiano repleto de multiplicidade de culturas, saberes, construção da identidade, de formação da cidadania e de aprendizado (SANTOS; COELHO, 2010, p. 218).

Diante disso, é preciso assumir a responsabilidade que a escola tem de romper com situações e atitudes discriminatórias e racistas, contribuindo para formação de um cidadão reflexivo, crítico e consciente.

Gomes e Silva (2011), acreditam que a educação escolar, como parte constituinte do processo de humanização, socialização e formação, precisa estar associada aos processos culturais, à construção das identidades de gênero, de raça, de idade, de escolha sexual, entre outros.

Para Muller, Santos, Gonçalves e Costa (2009) combater a discriminação racial no ambiente escolar e na sociedade significa, também, construir imagens e referenciais positivos que possibilitem perspectivas de futuro em que ascensão social não seja marcada pelo rótulo de exceção.

De acordo com Brasil (2004) as pedagogias de combate ao racismo e discriminação que foram elaboradas para a Educação das Relações Étnico-Raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os/as negros/as e despertar entre os/as brancos/as o conhecimento e reconhecimento das contribuições dos povos africanos. Entre os/as negros/as, será possível subsidiar conhecimentos e segurança para se orgulhar de sua origem africana, e para os/as brancos/as, oportunizar o reconhecimento das influências, a contribuição, a participação e a importância histórica e cultural dos/as africanos/as na nossa sociedade, bem como seu jeito de ser, viver e de se relacionar com as outras pessoas. O documento acrescenta que “[...] a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projetos conjuntos para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 2004, p. 14).

De acordo com Grando e Pinho (2016), os estudos das Relações Étnico-Raciais têm buscado compreender as concepções que estruturam a nossa sociedade e elaborado teorias e conceitos que acompanham o movimento de resistência, luta e concretização de políticas públicas e de ações afirmativas aos povos que enfrentaram a violência do extermínio, exploração física, simbólica e cultural.



Se, na contemporaneidade, a grande luta da Educação visa ao enriquecimento das práxis na perspectiva da quebra de preconceitos e do respeito às origens, identidades e culturas, a grande tarefa, pois, da Educação Física é lutar para ser potencializada no processo (MOREIRA; SILVA, 2016, p. 52).

Reconhecendo a relevância da Educação Física Escolar, percebemos sua função para além do conhecimento do corpo, do mesmo jeito que valorizamos seu papel na formação do/a estudante reflexivo/a e crítico/a diante das influências da sociedade. Corsino e Conceição (2016) consideram que a Educação Física Escolar tem papel fundamental de contribuir para o pensamento sobre a cultura corporal contemporânea, pois tem protagonizado diferentes cenários que envolvem relações racistas, machistas, homofóbicas e tantas outras desigualdades, inclusive, por meio de mídias hegemônicas.

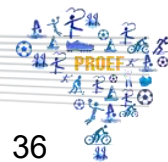
Nesse sentido, Grando e Pinho (2016) apontam que:

A prática pedagógica empreendida na escola pela Educação Física deve, ir processualmente decodificando os modos de fazer e saber dos diferentes grupos sociais constituídos na comunidade escolar e sociedade brasileira, a fim de desconstruir os estereótipos fundamentados nas teorias racialistas e engessados pelos modos de acumulação do capitalismo, os quais, articulados, inibem processos de alteridade, respeito à diversidade cultural e ainda naturalizam processos de violência e subalternização de culturas, excluindo pelas práticas corporais, as pessoas (GRANDO; PINHO, 2016, p. 32).

As autoras afirmam ainda que os estudos das Relações Étnico-Raciais têm buscado compreender as concepções, as quais estruturam a sociedade brasileira e têm elaborado teorias e conceitos que acompanham o movimento de resistência, luta e concretização de políticas públicas e de ações afirmativas aos povos que enfrentaram a violência de extermínio, exploração da força física, simbólica e cultural.

Portanto, na busca por amenizar atitudes de racismo e preconceito na escola, faz-se necessário o fortalecimento da Educação das Relações Étnico-Raciais nas aulas de Educação Física, visto que elas podem contribuir para um reconhecimento e valorização da identidade dos/as estudantes negros/as e seus valores étnico-raciais. Conseqüentemente, as aulas se tornam um espaço que permite um diálogo sobre comportamentos e atitudes preconceituosas, assuntos, os quais, na maioria das vezes, são negligenciados no ambiente escolar.

Para Moreira e Silva (2016), os estudos das Relações Étnico-Raciais na Educação Física:



[...] deve conduzir a uma reflexão sobre o corpo e poder e, desvelar até que ponto estas relações influenciaram na reprodução de estereótipos racistas. Defendemos também que corpo, movimento e cultura como campos de estudos da educação física são temáticas que, potencializadas no currículo e no projeto político-pedagógico podem colaborar para o reconhecimento das desigualdades sociais, culturais e educacionais produzidas pelo fenômeno do racismo assim como estancar seus efeitos que são contemporâneos (MOREIRA; SILVA, 2016, p. 54).

Grando e Pinho (2016) exemplificam que práticas como danças afro-brasileiras e indígenas devem ser apresentadas como expressões artísticas que possuem uma história e enraizamento cultural específico. Não se ensina dança indígena, mas uma dança que é específica de um determinado grupo indígena que tem uma história vinculada ao território e suas relações com a sociedade, pois as técnicas corporais, as pinturas, os ornamentos, instrumentos, os sentidos e significados da dança respondem a uma relação sociocultural e econômica de adaptação com essas ligações estabelecidas.

Com base no exemplo das autoras, percebemos que acontecem muitos equívocos ao tratar as Relações Étnico-Raciais na perspectiva educativa, não somente com a dança, mas com outros conteúdos em que não existe uma intimidade ou conhecimento mais aprofundado sobre a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena.

Para Cruz, Rodrigues e Barbosa (2011), esses equívocos acontecem devido à falta de formação de professores/as no que concerne às questões étnico-raciais e nos conteúdos referentes a cultura indígena e afro-brasileira. As autoras afirmam que a escola tem como função social fundamental a construção de identidades, de relações entre diferentes operações de construção ideológicas e estereotipadas, e se mostra como espaço privilegiado para mudanças em torno de uma educação que respeite as diferenças e a diversidade.

Partindo desse pressuposto, Gomes e Silva (2011) salientam que entre as perspectivas que se têm aberto para o estudo de formação de professores/as, tem sido encontrado um interesse maior para aquelas que focam nas histórias de vida, o desenvolvimento profissional, a formação de professores/as reflexivos e de novas mentalidades. Questões essas que, até pouco tempo, não eram levadas em conta, mas que pesquisas e debates de caráter pedagógicos relativos à construção das identidades, valores, ética, relações de gênero, espiritualidade, de raça, de trabalho tem mostrado serem relevantes aspectos na atuação profissional dos/as professores/as. É, a partir disso, que a diversidade étnico-cultural começa a ser



reconhecida como uma questão, mais do que uma temática, que precisa ser articulada à formação de professores/as e às práticas educativas escolares e não escolares (GOMES; SILVA, 2011).

Logo, percebemos a necessidade de valorizar e tornar efetiva a Educação das Relações Étnico-Raciais na escola, da mesma forma que a superação das dificuldades para incluí-las. Para isso, é preciso que os/as profissionais do âmbito educacional estejam motivados/as e busquem formação pedagógica por meio de grupos de estudos, espaços de discussão nas escolas, além da formação continuada, auxiliando-os/as ter mais intimidade e segurança ao inserir questões acerca da história e cultura africana e afro-brasileira em seus planejamentos pedagógicos e não se calarem diante de situações preconceituosas e racistas no ambiente escolar.

2.3 A Educação Física Escolar na perspectiva intercultural

Neste tópico apresentaremos a Educação Física Escolar em uma perspectiva de educação intercultural, identificando propostas e trazendo possibilidades pedagógicas para esse componente curricular nos Anos Iniciais (1.º ao 5.º ano) do Ensino Fundamental.

Ao apresentar a interculturalidade como perspectiva de educação, concordamos com a colocação de Candau (2008):

A educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc. (CANDAU, 2008, p. 54).

Isto posto, a interculturalidade na Educação Física Escolar precisa estar atrelada à uma prática planejada que supere a transmissão de conteúdos descontextualizados, e sim que leve em consideração as experiências dos/as estudantes, o contexto em que está inserida e a contribuição dos/as demais integrantes da comunidade escolar. Com isso, acreditamos que essa perspectiva possa contribuir para a formação do/a estudante democrático/a que consiga desconstruir seus próprios pré-conceitos e dialogar sobre as diferenças, respeitando



e compreendendo a diversidade cultural presentes em nossa sociedade. Assim sendo, Candau (2008, p. 52) acredita que a interculturalidade está orientada “à construção de uma sociedade democrática, plural, humana e que articule políticas de igualdade com políticas de identidade” e que busque promover uma educação para o reconhecimento do outro, dialogando entre os diferentes grupos sociais.

Entendendo que todos/as os/as integrantes da comunidade escolar são fundamentais nos processos educativos interculturais, Gomes e Silva (2011) afirmam:

A sociedade brasileira é pluriétnica e pluricultural. Alunos, professores e funcionários de estabelecimento de ensino são, antes de mais nada, sujeitos sociais – homens e mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos, pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais, integrantes de distintos grupos sociais. São sujeitos com histórias de vida, representações, experiências, identidades, crenças, valores e costumes próprios que impregnam os ambientes educacionais por onde transitam com suas particularidades e semelhanças, compondo o contexto da diversidade. Por isso ao planejar, desencadear e avaliar processos educativos e formadores, não podemos considerar a diferença como um estigma. Ela é, sim, mais um constituinte do nosso processo de humanização. Por meio dela, nós nos tornamos partícipes do complexo processo de formação humana (GOMES; SILVA, 2011, p. 18).

Para Fleuri (2014), a educação intercultural favorece a construção de um projeto comum, por meio do qual é possível integrar dialeticamente as diferenças, pois “sua orientação está focada na construção de uma sociedade plural, democrática e eminentemente humana, capaz de articular políticas de igualdade com políticas de identidade” (FLEURI, 2014, p. 92). O autor salienta ainda que, mais do que uma atitude de solidariedade e sensibilidade para com o outro, a interculturalidade implica uma revisão radical das perspectivas socioculturais, políticas e epistemológicas que mobilizam a interagir com o outro.

Quando pensamos na palavra “jogo”, percebemos que não é uma tarefa fácil defini-lo, visto que muitos significados podem ser atribuídos e compreendidos de formas diferentes. Para Kishimoto (2009), quando falamos de jogo, podemos relacionar a jogos políticos, de adultos, crianças, animais ou amarelinha, xadrez, adivinhas, contar histórias, brincar de mamãe e filhinha, futebol, dominó, quebra-cabeças, construir barquinho, brincar na areia e uma variedade de outros, ou seja, embora os jogos recebam a mesma denominação, cada um tem sua especificidade.

Segundo Prista, Tembe e Edmundo (1992, p. 5) “O jogo é uma manifestação tão antiga quanto o próprio homem. A humanidade sempre jogou, e uma análise cuidadosa permite constatar que são muitas as funções do Jogo que lhe atribuem um



estatuto privilegiado dos actos de preparação para a vida” (PRISTA; TEMBE; EDMUNDO, 1992, p. 5).

Dessa maneira, o jogo é considerado o fenômeno cultural mais antigo da sociedade, sendo ele inato e não restrito apenas aos seres humanos. Acredita-se que os animais brincam tal como os seres humanos, basta observá-los em seu cotidiano e atitudes. Nas palavras de Huizinga (2000, p. 7) “[...] Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional”.

Para as crianças, o jogo e o brinquedo fazem parte de seu cotidiano, onde podem viver no mundo da fantasia, de encantamento, sonhos, e na descoberta do mundo, em que o faz-de-conta e a realidade se encontram.

Muitas criações e descobertas humanas aconteceram como resultado de um jogo. Assim, confirma Huizinga (2000):

As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatá-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza (HUIZINGA, 2000, p. 7).

Diante disso, não se pode reduzir ou banalizar o jogo, pois se percebe sua contribuição para a aprendizagem do ser humano e seu desenvolvimento em sociedade, mostrando-se fundamental para criatividade humana.

Brincar e jogar sempre tiveram uma função fundamental no crescimento e desenvolvimento do ser humano. Pelo seu carácter sensório-motor e socializante o Jogo é, porque agradável, o meio privilegiado que a criança encontra para aprender a agir com seu corpo e relacionar-se com o mundo que a rodeia. Pelo Jogo, a criança solicita e desenvolve todos os mecanismos biológicos disponíveis que lhe permitem a sua existência corporal, psíquica e social (PRISTA; TEMBE; EDMUNDO, 1992, p. 5).

Para os africanos, os jogos sempre estiveram ligados à vida social da mesma maneira que a espiritualidade, artes, entre outras manifestações culturais da humanidade. O indivíduo vive dentro de comunidades, onde aprende e ensina dentro



de uma unicidade. Os jogos sempre foram instrumentos de ensino e aprendizado, além de ser uma forma de linguagem usada para transmitir as conquistas da sociedade em vários campos do conhecimento. Ao ensinar um jogo, os membros mais velhos de um grupo transmitiam – e ainda transmitem – às crianças e jovens, uma série de conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural do grupo. Ou seja, ao ensinar um jogo, estão ensinando valores, modos de vida e comportamentos próprios daquela sociedade (MARANHÃO; BEDANI; MENDES, 2011).

Todavia, a oralidade sustentou e ainda sustenta, a disseminação da cultura entre os africanos e por onde passam. Maranhão (2009) acredita que, para os africanos trazidos para o Brasil, assim como para os indígenas, a cultura é livremente veiculada por meio da oralidade e possivelmente suas brincadeiras e jogos foram difundidos nas regiões brasileiras por onde passaram.

A partir das ideias de Cunha (2016), quando falamos do lúdico no contexto africano e afro-brasileiro nos remetemos à vivência lúdica nutrida pelos conteúdos, valores, histórias, ritmos, enfim, pela cultura negra, em suas mais diferentes manifestações. Sejam elas por meio de fragmentos dos antigos povos africanos como jogos de tabuleiros, expressões musicais como o *hip hop*, pelas danças como uma roda de jongo ou pelos batuques de samba. Manifestações estas que compõem o vasto leque do que denomina lúdico africano e afro-brasileiro.

[...] abordar a cultura africana pelo lúdico, não significa negar as dores da diáspora, mas afirmar o protagonismo e a sensibilidade artística desses homens e mulheres. É essa força de recriação de seu mundo que vemos na criança africana que hoje transforma lixo em brinquedo, que usa a terra como tabuleiro, que faz sua bola de panos velhos e sai a jogar futebol (CUNHA, 2016, p. 17).

Cunha (2016), contudo, alerta que algumas manifestações lúdicas não podem ser apontadas como exclusivamente da cultura africana, em virtude das trocas culturais do processo de vinda dos/as africanos/as para o Brasil e a condição dolorosa imposta pela colonização e a dinâmica da diáspora⁶. Mesmo diante desse difícil período histórico, os elementos culturais africanos foram disseminados pelo Brasil e pelo mundo, ressignificando e mantendo vivo os valores africanos como forma de resistência.

⁶ O termo diáspora define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas.



Maranhão (2009) afirma que com o passar do tempo e a realidade vivida pelos/as descendentes de africanos/as no Brasil, muitos dos jogos foram ressignificados, pois sofreram influência recíproca das culturas africanas, portuguesa e indígenas.

Assim como o jogo, a dança está presente na vida dos/as africanos/as agregando diversos significados. Nas palavras de Andrade (2005):

A dança está presente em todas as atividades cotidianas do homem e da mulher africanos: na caça, na pesca, no trato com a terra, nas cerimônias de casamento, de nascimento, nos rituais de passagem da adolescência para a idade adulta, e até mesmo na morte (ANDRADE, 2005, p. 139).

A dança africana dispõe de um amplo repertório de etnias, ritos, origens e conceitos. No Brasil, encontram-se vários legados das danças africanas, não apenas nas religiões de matriz africana, da mesma forma no samba, na capoeira e em ritos e práticas do cotidiano, como: expressões de angústia, sofrimento, recordações, ânsia de liberdade (ANDRADE, 2005).

No Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019), jogos, brincadeiras e danças de matriz africana são propostos, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pelo componente curricular Educação Física por meio de objetos de conhecimento. No primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, a unidade temática brincadeiras e jogos são apresentados pelo objeto de conhecimento “As brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional”, na intenção de identificar as brincadeiras e jogos do contexto familiar. Somente no terceiro, quarto e quinto ano que a história e cultura africana e indígena são apresentadas com destaque, por meio do objeto de conhecimento “Brincadeiras e jogos do Brasil e do mundo, incluindo os de matriz indígena e africana”. Segundo o documento:

Apesar do objeto de conhecimento se repetir três anos, a proposta é que os alunos experimentem esses jogos, com aprofundamento dos jogos de matriz indígenas no terceiro ano, dos jogos de matriz africana no quarto e ambas as matrizes são retomadas no quinto ano para que seja possível identificar suas semelhanças e diferenças (SÃO PAULO, 2019, p. 719).

As unidades temáticas danças e lutas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental são propostas da mesma forma que a unidade temática brincadeiras e jogos. Com isso, tem como intuito partir do contexto familiar (localidade e região) até chegar às esferas nacional e mundial, incluindo as de matriz indígena e africana. As lutas



aparecem a partir do terceiro ano, propondo a experimentação e posteriormente outras formas de executar os movimentos (SÃO PAULO, 2019).

Conforme o documento citado, acreditam ser necessário aprofundar o processo cognitivo do objeto de conhecimento no ano e na unidade temática ao longo do Ensino Fundamental. Nesse contexto, algumas habilidades foram apresentadas em alguns anos e em outros não, por isso precisa-se garantir aos/as estudantes o contato com todos os objetos de conhecimento, possibilitando a ampliação e o aprofundamento de sua aprendizagem (SÃO PAULO, 2019).

Abordar conteúdos de matriz africana por meio da interculturalidade na Educação Física pode ser um grande desafio. Para tanto, é necessário que o/a professora/a tenha consciência de seus significados e valores como a clareza de seus objetivos, caso contrário “pode vir a ser um mediador inconsciente dos estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão” (SILVA, 2005, p. 24).

Observamos, desse jeito, que há uma carência do enfoque global das Relações Étnico-Raciais nos currículos e livros didáticos e sua presença, quando aparece, é permeada por paradigmas eurocêntricos. Para Silva (2005):

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos, pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado (SILVA, 2005, p. 24).

Acreditamos que caminhos foram abertos com a promulgação das Leis 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008). Propostas pedagógicas e currículos vêm apresentando a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na Educação Física, visto que até pouco tempo isso não era efetivo. No entanto, ainda faz-se necessário ações nas Secretarias de Ensino Municipais e Estaduais favorecendo a formação continuada dos/as profissionais, a fim de fortalecer distintas metodologias e conteúdos da história e a cultura africana, afro-brasileira e indígena na Educação Física com enfoque global, para que não sejam intermediados por estereótipos.



3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Universo da pesquisa

Para a realização desta pesquisa foi adotada uma linha metodológica de caráter qualitativo que, segundo Gomes (2011), tem por finalidade não quantificar opiniões ou pessoas, e sim explorar o conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar.

Para Gomes (2011), na pesquisa qualitativa, ao analisarmos e interpretarmos as informações, devemos notar tanto o que é homogêneo quanto o que se diferencia dentro de um mesmo contexto social.

[...] quando falamos de análise e interpretação de informações geradas no campo da pesquisa qualitativa, estamos falando de um momento em que o pesquisador procura finalizar o seu trabalho, ancorando-se em todo o material coletado e articulando esse material aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação teórica. Nesse sentido, estamos nos referindo a uma etapa final do processo de investigação (GOMES, 2011, p. 80).

O percurso investigativo desse estudo ocorreu por meio da pesquisa-ação que se caracteriza por ser um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada em uma estreita associação com a ação ou a resolução de um problema coletivo, em que seus/suas pesquisadores/as e participantes, da situação ou do problema, estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011).

Esse método baseia-se em analisar as diferentes formas de ação, com observação e ação e permite aos/as pesquisadores/as e grupos participantes meios de se tornarem “capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular, sob forma de diretrizes de ação transformadora” (THIOLLENT, 2011, p.14).

Entendemos que a pesquisa-ação é do tipo participativo, visto que exige a participação das pessoas envolvidas nos problemas investigados, assim como o/a pesquisador/a tem um papel ativo “no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 2011, p. 21).

O Projeto de Pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice C) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – Apêndice D) passaram pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista Júlio



de Mesquita Filho – Faculdades de Ciência – Campus de Bauru, sendo aprovado pelo parecer número 3.198.798.

A pesquisa foi realizada no ano letivo de 2019 em escola estadual do município de Bauru, localizado na região centro-oeste do estado de São Paulo. A escola funciona em período matutino e vespertino e possui 423 estudantes matriculados/as nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para atender a demanda do público, a unidade escolar conta com 18 professoras polivalentes, 1 professora especialista em Educação Física, 1 professora especialista em Arte, 1 diretora, 1 vice-diretora, 1 coordenadora pedagógica, 2 professoras de Educação Especial, 1 gerente de organização escolar, 6 agentes de organização escolar, 1 merendeira e 2 funcionários/as da limpeza, somando-se 34 integrantes, sendo 31 do sexo feminino e 3 do masculino.

3.2 Participantes

Os/as participantes foram estudantes matriculados em um 5.º ano do Ensino Fundamental. A escolha ocorreu por existir uma aproximação entre a pesquisadora e os/as estudantes, por se tratar de uma turma que a mesma já vinha realizando um trabalho pedagógico desde o 1.º ano, inclusive, acerca das Relações Étnico-Raciais, da história e cultura africana e afro-brasileira.

Os/as estudantes que foram, através da assinatura do TCLE, autorizados/as pelo/a responsável a participar da pesquisa, assinalaram o TALE, o que totalizou 26 participantes. No período de desenvolvimento do estudo, houve a saída de alguns/algumas por motivos de transferência de escola, bem como a entrada de novos/as. Assim, efetivamente, foram 20 estudantes⁷ que participaram durante todo o decorrer do semestre letivo.

O Quadro 1 apresenta as informações sobre a autodeclaração dos/as estudantes que participaram da pesquisa.

⁷ Ao longo de todo o presente trabalho, as falas dos discursos dos/as estudantes foram transcritas literalmente sem alterações. Os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos/as estudantes participantes da pesquisa.



Quadro 1 – Informações sobre os/as participantes da pesquisa

(continua)

	Nome fictício	Sexo	Idade	Cor/raça (autodeclaração)	Naturalidade	Religião (autodeclaração)
1	Alice Queen	Feminino	10	Branca	Bauru/SP	Católica
2	Aurora	Feminino	11	Parda	Bauru/SP	Evangélica
3	Bella	Feminino	12	Amarela	Macatuba/SP	Evangélica-Deus é amor
4	Brenda	Feminino	11	Branca	Bauru/SP	Católica
5	Dog	Masculino	11	Branca	Bauru/SP	Cristã
6	Katryna	Feminino	10	Branca	Bauru/SP	Católica
7	HBTX Troll	Masculino	11	Parda	Bauru/SP	Evangélica
8	Michael Jackson Alan Walker	Masculino	11	Preta	Bauru/SP	Testemunha de Jeová
9	Melissa	Feminino	11	Parda	Bauru/SP	Evangélica/Igreja Universal do Reino de Deus
10	Gabriela	Feminino	10	Branca	Transferida ⁸	Transferida
11	Emanuely	Feminino	10	Branca	Santa Fé/PR	Evangélica/Assembleia de Deus de Belém
12	Max	Masculino	11	Indígena	Macatuba/SP	Católica
13	Miguel	Masculino	11	Branca	Bauru/SP	Evangélica
14	Felipe	Masculino	10	Preta	Transferido	Transferido
15	MC Mirela	Feminino	11	Parda	Bauru/SP	Evangélica
16	Raquel	Feminino	11	Branca	Bauru/SP	Católica
17	Meliodas BR	Masculino	11	Parda	Bauru/SP	Evangélica
18	Isabela da Silva	Feminino	10	Parda	Bauru/SP	Evangélica/Igreja Pentecostal a fonte dos que clamam
19	Pudim Amassado	Masculino	10	Parda	Bauru/SP	Evangélica/Igreja Pentecostal escolhidos de Deus

⁸ Estudante transferido/a antes do período de autodeclaração religiosa e naturalidade.



Quadro 1 – Informações sobre os/as participantes da pesquisa

	Nome fictício	Sexo	Idade	Cor/raça (autodeclaração)	Naturalidade	Religião (autodeclaração)
20	Stiven	Masculino	11	Parda	Bauru/SP	Evangélica/ Quadrangular
21	Naruto Usanaque	Masculino	12	Branca	Transferido	Transferido
22	Anita	Feminino	10	Preta	Transferida	Transferida
23	Pantera Negra	Masculino	10	Parda	Bauru/SP	Católica
24	Lionel Messi	Masculino	10	Branco	Transferido	Transferido
25	Zury	Feminino	11	Parda	Bauru/SP	Sem religião
26	Rihanna Amba Marshemellow	Feminino	10	Branca	Transferida	Transferida

Fonte: Elaborado pela autora.

3.3 Instrumentos

Como instrumentos dessa pesquisa foram utilizados o questionário, os cadernos de registro dos/as estudantes e o diário de campo da pesquisadora no qual foram feitas anotações das percepções acerca das ações pedagógicas realizadas ao longo do semestre letivo. Segundo Minayo (1996, p. 64) “[...] quanto mais ricas forem as anotações nesse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e análise do objeto estudado”. Para registrar os diários de campo, utilizamos gravador de voz do *smartphone* para captar os detalhes das aulas, bem como as falas dos/as estudantes em momentos de diálogo. Posteriormente aos encontros, o áudio gravado era transcrito no diário. Diante disso, foi imprescindível que a pesquisadora descrevesse de modo minucioso as informações, facilitando a futura análise e discussão dos dados levantados.

Os registros nos cadernos dos/as estudantes (CRE) foram realizados no momento da aula ou posterior a ela, não havendo regra para as anotações e nem a obrigatoriedade para isso. Os/as estudantes tiveram a liberdade para realizar o registro conforme sua motivação.

Foi realizada através de questionários com perguntas abertas e fechadas, disponíveis para consulta no Apêndice E e F, uma coleta inicial e outra final com os/as estudantes participantes, além de um questionário para os/as familiares e amigos/as



(Apêndice G) que compareceram ao evento organizado pelos/as mesmos/as. Para Del-Masso, Santos e Cotta (2018, p. 6) “[...] o questionário é um dos instrumentos de pesquisa mais conhecidos para a coleta de dados, sendo constituído de questões abertas e/ou fechadas versando sobre um determinado tema de pesquisa”.

Os questionários foram respondidos por escrito, com ou sem a presença da pesquisadora e entregue posteriormente.

3.4 Procedimentos para o levantamento de dados

Propusemos um questionário inicial como diagnóstico da pesquisa na intenção de perceber quais eram os conhecimentos prévios dos/as estudantes em relação a história e cultura africana e afro-brasileira. Posteriormente, desenvolvemos, ao longo do 1.º semestre letivo de 2019, nas aulas de Educação Física, um planejamento pedagógico com elementos de matriz africana enfatizando jogos, brincadeiras e danças como unidades temáticas principais. Todos os 43 encontros foram registrados em diário de campo, no qual a pesquisadora relatou todas as etapas e acontecimentos das aulas. Os/as estudantes também fizeram registros dos conteúdos ministrados, seus estudos, percepções e sentimentos em um caderno ofertado pela professora-pesquisadora. Por fim, realizamos um levantamento final por intermédio de um novo questionário.

Para o encerramento das ações pedagógicas da pesquisa os/as estudantes participantes organizaram e realizaram o “Festival Viagem pelos Caminhos da África” com jogos, brincadeiras, danças, comidas e exposição sobre as culturas africanas e afro-brasileira para seus/suas familiares e amigos/as, apresentando os conhecimentos construídos ao longo dos processos educativos. Após o festival, os/as familiares e demais convidados/as, que participaram do evento, responderam um questionário que objetivou identificar quais foram suas percepções acerca do evento.

A partir disso, elaboramos dois produtos, sendo eles: “Planejamento Pedagógico: um diálogo com a cultura africana e afro-brasileira” e o audiovisual “Viajando pela Cultura Africana” que compartilhada de todas as etapas realizadas para a concretização do Festival.



3.5 Procedimentos para a análise de dados

A análise dos dados foi organizada com base nas percepções apresentadas nos 26 questionários iniciais (QI) e 20 questionários finais (QF) respondido pelos/as estudantes⁹, 43 diários de campo da pesquisadora (DCP), 20 cadernos de registros dos/as estudantes (CRE) e 20 questionários dos/as familiares e convidados/as do evento (QCE).

Todos os dados levantados foram submetidos à análise categorial temática de conteúdos apresentada por Gomes (2009), a qual consiste em um agrupamento de ideias e expressões com base nos dados revelados a partir do procedimento sistemático de leitura cuidadosa, descrição dos conteúdos e identificação dos núcleos de sentido ou asserções orientadas pelo objetivo da pesquisa. Segundo o autor, trabalhar com categorias significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.

Gomes (2019) salienta ainda que em sua experiência com pesquisa não há uma fronteira nítida entre as coletas das informações, o início do processo de análise e interpretação. O que devemos verificar no material coletado é se: “(a) revela qualidade, principalmente quanto à impressão e à clareza dos registros e (b) é suficiente para a análise” (GOMES, 2011, p. 81).

A organização das categorias foi realizada em três momentos: no primeiro juntamos todo o material levantado no decorrer das realizações das ações pedagógicas. Em seguida, realizamos leituras de todo o conteúdo e partimos para o agrupamento de ideias que expressassem o mesmo núcleo de sentido e, por fim, a elaboramos três categorias de análise: A) Aprendendo e ensinando elementos culturais de matriz africana; B) Estudar outras culturas transforma a nossa cultura e C) Envolvimento da comunidade escolar.

⁹ Dos/as 26 estudantes que responderam o questionário inicial, 20 permaneceram até o final da intervenção e responderam o questionário final.



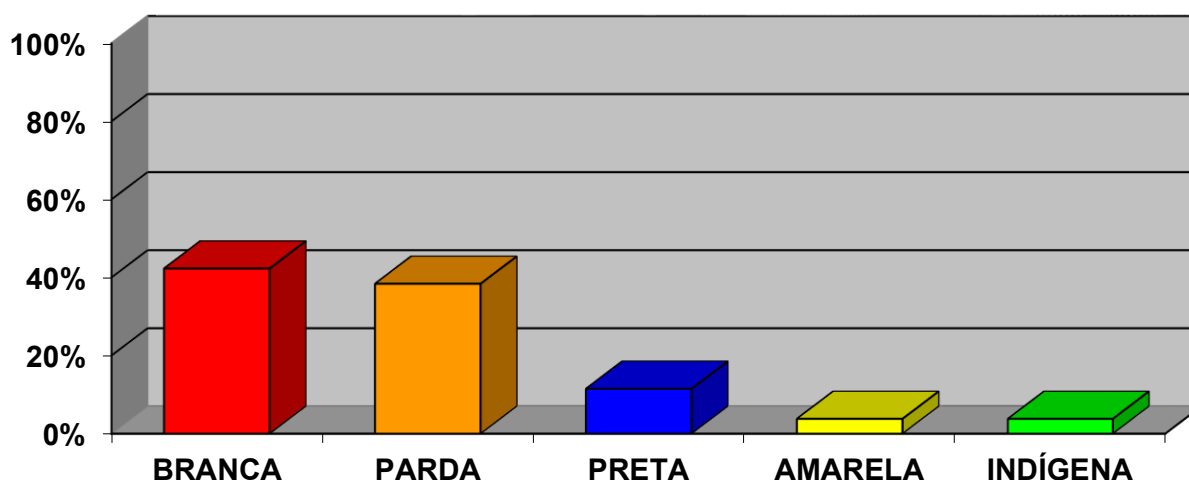
4 TRILHANDO OS CAMINHOS PELA ÁFRICA

No início do primeiro bimestre de 2019, foi realizada a primeira coleta de dados. Solicitamos aos/as estudantes que respondessem ao questionário com as seguintes perguntas: 1) Como você se autodeclara em relação à cor/raça? Por quê? 2) O que você sabe sobre a cultura africana e afro-brasileira? 3) O que você quer aprender sobre a história e cultura africana e afro-brasileira? e 4) Você fala ou brinca sobre o que aprendeu sobre a história e cultura africana e afro-brasileira com sua família e amigos fora da escola? Sim ou não? Por quê?

Dos/as 26 estudantes que responderam o questionário inicial, 20 são estudantes que já tiveram contato com a história e cultura africana e afro-brasileira nas séries anteriores nas aulas de Educação Física e 6 são estudantes que faziam parte da turma há pouco tempo.

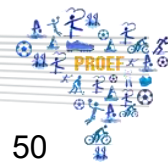
Na questão “Como você se autodeclara em relação à cor/raça?” os/as estudantes deveriam assinalar a alternativa que estivesse relacionada a sua percepção em relação a cor/raça. Essas denominações foram baseadas de acordo com a classificação do IBGE: branca, parda, preta, amarela ou indígena¹⁰. Diante disso, as declarações foram organizadas no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Autodeclaração de cor/raça



Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁰ Classificação do IBGE em relação a cor/raça da população brasileira. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 30 mar. 2020.



De acordo com os dados do gráfico, dos/as 26 estudantes 42,3% se classificou como branca, 38,4% como parda, 11,5% como preta, 3,8% como amarela e 3,8% como indígena. Sabendo que a escola é o espaço onde acontece o encontro de várias culturas, questionamos se ela consegue atender a diversidade étnico-racial presente em nossa sociedade.

A escola como instituição social é o lugar em que as relações são compartilhadas, construídas e representadas por meio de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Nesse lugar se vivencia um cotidiano repleto de multiplicidade de culturas, saberes, construção da identidade, de formação da cidadania e de aprendizado (SANTOS; COELHO, 2010, p. 218).

No entanto, mesmo compreendendo que esse é um papel primordial dessa instituição, ainda existe uma grande fragilidade em se valorizar e reconhecer essa diversidade de forma efetiva nos pátios escolares.

Para a análise de dados retomamos ao objetivo geral que foi identificar e compreender processos educativos decorrentes de uma intervenção com elementos culturais de matriz africana junto a estudantes de uma turma de 5.º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física.

Assim sendo, os conteúdos dos dados geraram três categorias temáticas que foram sistematizadas da seguinte forma: A) Aprendendo e ensinando elementos culturais de matriz africana, B) Estudar outras culturas transforma a nossa cultura e C) Envolvimento da comunidade escolar.

4.1 Categoria A – Aprendendo e ensinando elementos culturais de matriz africana

Neste tópico, iremos ressaltar os processos educativos que possibilitaram a construção de aprendizagens dos/as estudantes em relação a elementos culturais africanos e afro-brasileiros, permitindo que pudessem compartilhar tais conhecimentos com outras pessoas.



4.1.1 O que nos dizem as crianças

Com base nas respostas no QI, foi realizado um diagnóstico dos conhecimentos prévios, curiosidades e interesses dos/as estudantes sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, dessa maneira, possibilitou o desenvolvimento de um planejamento pedagógico que abordasse esses aspectos.

No que concerne aos conhecimentos prévios apresentados, notamos que os/as estudantes tiveram contato com elementos oriundos das culturas africanas antes do desenvolvimento desta pesquisa. Neste caso, obtiveram destaque no QI as asserções acerca do conhecimento e vivência de brincadeiras das culturas africanas e afro-brasileira, como enfatizam as seguintes falas: “*Que tem várias brincadeiras legais*” (Brenda); “[...] *brincadeiras que fazem parte do meu cotidiano*” (Rihana Amba Marshemellow); “*A brincadeira que tem 6 latas e tem que ir dois em 2 passar por cima e falar o nome do jogo depois disso tem que derrubar todas as latas*” (MC Mirela) e “*Várias brincadeiras como a brincadeira Shaka Zulu*” (Aurora). A atividade mencionada pela MC Mirela diz respeito ao jogo “*My God* de Moçambique” (PRISTA; TEMBE; EDMUNDO, 1992) e a citada por Aurora se trata de uma brincadeira afro-brasileira que contextualiza a luta do povo Zulu¹¹ por territórios no continente africano. Ambas as brincadeiras foram vivenciadas nas aulas de Educação Física nos anos anteriores e que permaneceram na memória dos/as estudantes.

Ademais, notamos nas percepções do QI, conhecimentos relacionados ao período de escravização e a influência dos/as africanos/as na formação cultural brasileira. Tiveram destaque os seguintes excertos: “*Aprendi sobre capoeira, danças, comidas, costumes, cotidianos, brincadeiras*” (Michael Jackson Alan Walker); “*Aprendi sobre os escravos da África*” (Gabriela); “*Aprendi sobre os quilombos*” (Aurora). Percebemos que muitos/as estudantes têm conhecimento sobre o período da escravização no Brasil e a contribuição dos povos africanos na construção da nossa sociedade.

Um aspecto interessante foi a possibilidade de identificar fragilidades no entendimento dos/as estudantes em relação à África e aos/as africanos/as e pensar em estratégias para amenizá-las. Apreendemos também, que eles/as têm o conhecimento voltado para os animais selvagens e a pobreza, como podemos identificar nas seguintes falas: “*Eu sei que é cheia de animais*” (HBTX Troll) e “[...] *que*

¹¹ O povo Zulu localizado em sua maioria na África Subsaariana, especificamente na África do Sul.



eles moram num país pobre e que eles dependem dos alimentos naturais” (Dog). Outro aspecto relevante observado foi o desconhecimento de informações acerca da história e cultura africana e afro-brasileira: “[...] na minha outra escola não tinha isso mas agora estou em outra escola comecei a estudar isso agora [...]” (Melissa).

Barbosa e Tonelli (2011) enfatizam que o continente africano é frequentemente apresentado nos livros didáticos como um bloco homogêneo e as ilustrações mostram cenas, as quais animais e pessoas se confundem em meio a florestas. Por isso, insiste-se na visão transpassada pelo exotismo, relacionada ao modo de se vestir, de se comportar e falar. As autoras salientam ainda que os conteúdos destinados ao estudo da história da África, quando aparecem “são colocados nos manuais de história na última unidade a ser vista no ano letivo: se der tempo, estuda; se não der, não faz diferença” (BARBOSA; TONELLI, 2011, p. 52).

Para mudar essa realidade, acreditamos na necessidade em dar ênfase ao ensino de conteúdos de matriz africana na escola, proporcionando conhecimentos significativos e contextualizados aos/as estudantes, com o objetivo de desconstruir estereótipos e pré-conceitos tão presentes em nossa sociedade.

Diante disso, concordamos que:

[...] a relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática (BRASIL, 2004, p. 17).

No tocante aos conhecimentos prévios, tivemos a intenção de saber onde e de que forma tiveram o contato com essas culturas. Então, percebemos que a grande parte dos/as estudantes aprenderam sobre a história e cultura africana e afro-brasileira na escola, porém alguns/algumas apresentaram ter buscado mais conhecimentos de outras maneiras, como é mencionado por Michael Jackson Alan Walker (Q1): “*Tudo isso aprendi na escola com professores e outros motivos*”.

Notamos também, alguns relatos que revelam tais conhecimentos diretamente ao componente curricular de Educação Física e a professora pesquisadora, por ter sido trabalhado conteúdos de matriz africana em anos letivos anteriores. Algumas falas deixam isso evidente: “*Eu aprendi com a professora Suzi, na escola, nas aulas de Ed. Física*” (Rihana Amba Marshemellow); “*Aprendi com Prof. Suzi na escola Ranieri*” (HBTX Troll); “*Com a minha professora de Educação Física*” (Alice Queen);



“*Eu aprendi nas aulas de Educação Física*” (Pantera Negra) e; “*Eu aprendi com as professoras; Suze, Cidinha, Marcia e Pricila, eu aprendi na escola*” (Katryna). Essas falas referenciam estudantes que já frequentavam essa mesma escola e tiveram contato com elementos de matriz africana.

Um aspecto que se destacou nas falas é mencionado por Katryna, ao apontar que as professoras polivalentes e do componente curricular de Arte também contribuíram para o conhecimento acerca da história e cultura africana e afro-brasileira.

Chamou-nos a atenção uma única fala que referencia outra escola e professora que desenvolveu conteúdos de matriz africana em suas aulas: “*Eu aprendi na escola Mercedes e quem eu aprendi foi com a professora do Mercedes*” (Dog). Mediante essa colocação, entendemos que conteúdos de matriz africana têm sido abordada em outros contextos, apesar de ser pouco apontado pelos/as estudantes vindos/as de outras instituições escolares.

Na intenção de valorizar o interesse e curiosidade dos/as estudantes no planejamento pedagógico, apresentamos a questão no QI: “O que você quer aprender sobre a história e cultura africana e afro-brasileira?” e, com base nas respostas, identificamos quais assuntos tinham interesse em aprender nas aulas de Educação Física em relação a história e cultura africana e afro-brasileira.

Assim sendo, elencamos relatos relacionados à ampliação do repertório de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras e seus elementos culturais. Percebemos que os/as estudantes demonstram ter interesse em conhecer mais sobre essas culturas por meio do contato lúdico, além do interesse de conhecer suas origens e as características culturais que envolvem tal jogo ou brincadeira, conforme destaca MC Mirela ao dizer que quer aprender: “*Mais e mais brincadeiras que eu ainda não sei*” (MC Mirela), tal como a Aurora: “*Quero aprender novas brincadeiras e origens*”.

Um relato que nos chama a atenção é da Isabela da Silva, que diz que gostaria de aprender: “*As brincadeiras, por que posso ensinar para outras pessoas*”; com esse relato entendemos que ela se reconhece como agente do conhecimento, mostrando ser possível compartilhar seus saberes em outros contextos.

Em relação ao interesse em se conhecer elementos culturais africanos e afro-brasileiros, obtiveram destaques as seguintes asserções: “*Eu quero aprender mais sobre a cultura africana e afro-brasileira*” (Michael Jackson Alan Walker) e; “[...] *mais sobre a cultura africana e afro-brasileira*” (Alice Queen). Um aspecto observado diz



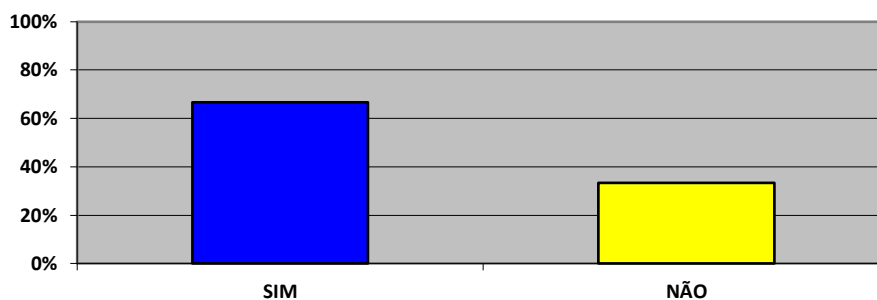
respeito ao interesse em aprender mais sobre os diversos idiomas falados no continente africano, como revela Meliodas BR: “*Eu quero aprender as linguagens*”. Outro ponto interessante faz referência à curiosidade de conhecer elementos específicos como apresentado pelos seguintes relatos: “*Queria saber como eles se vestem*” (Meliodas BR); “*O jeito que eles se casam*” (Pantera Negra) e; “*comidas diferentes*” (Rihanna Amba Marshemellow).

Entendemos ser primordial estimular a curiosidade dos/as estudantes sobre essas culturas, despertando o interesse em aprender sobre ele. Com isso, concordamos com Freire (1996, p. 88) quando diz que “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

As asserções apresentadas revelam o interesse dos/as estudantes em aprender sobre aspectos culturais dos povos africanos que vão além dos jogos e brincadeiras, possibilitando uma ampliação do conhecimento e a superação de estereótipos existentes acerca dessas culturas.

Com as questões: “Você fala ou brinca sobre o que aprendeu sobre a história e cultura africana e afro-brasileira com sua família e amigos fora da escola? Sim ou não? Por quê?” tivemos a intenção de investigar se os/as estudantes, que já tiveram contato com conteúdos de matriz africana, ensinam o que aprendem nas aulas de Educação Física em outros contextos fora da escola e por quais motivos. Diante disso, organizamos as respostas no gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Você fala ou brinca?



Fonte: Elaborado pela autora.



De acordo com os dados do gráfico percebemos que 66,6% dos/as estudantes comentam ou brincam com seus/suas familiares e amigos/as sobre o que aprendem nas aulas fora da escola e 33,3%, não comentam.

Dos/as estudantes que ensinam e/ou comentam sobre o que aprenderam nas aulas, os motivos são: *“Porque é muito importante que os pais saibam o que as professoras passam na escola”* (Katryna); *“Para ensinar aos meus pais, meus amigos [...] E sempre quando tem brincadeira nova brinco com meus colegas”* (Isabela da Silva) e; *“Para eles aprenderem também”* (Pantera Negra). Observamos, portanto, que os/as estudantes consideram relevante compartilhar seus conhecimentos para outras pessoas e reconhecem ser possível ensiná-los em outros contextos.

No que concerne as justificativas pelas quais os/as estudantes não comentam ou não ensinam sobre o que aprendem fora da escola, destacaram-se: *“Por que eu não estou muito acostumada dessas brincadeiras, por que essas brincadeiras eu só faço na escola”* (Gabriela); *“Porque minha mãe não fala disso nem meus amigos fora da escola”* (Felipe) e; *“Porque eu esqueço de fala”* (Dog). Um aspecto observado está relacionado a justificativa dos estudantes de não terem para quem ensinar ou por não dar tempo, como é apresentado pelo Meliodas BR: *“As vezes não dá tempo ou ninguém quer”*.

Corroborando com o exposto acima, entendemos que quando o/a estudante têm a oportunidade de comentar, ensinar ou compartilhar algo com seus/suas familiares, ou em outros contexto, torna-se um “sujeito que se abre para o mundo e aos outros, inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1996, p. 136), e a escola pode ser o lugar onde esse sujeito possa encontrar vários mundos.

Com base nos dados levantados por meio do questionário inicial e em decorrência da análise, pudemos notar que os/as estudantes reconhecem a relevância de aprender sobre as culturas oriundas da África e que esses conhecimentos possibilitam uma ampliação do repertório cultural, sendo possível compartilhá-los em outros contextos. Percebemos também, a necessidade de apresentar conhecimentos para além de jogos e brincadeiras como lutas, danças, histórias de matriz africana que contextualizem e valorizem os elementos culturais de diversos povos.



Diante da análise dos dados, queremos ressaltar dois aspectos significativos: o primeiro diz respeito à fragilidade na aprendizagem da história e cultura africana e afro-brasileira, como foi apresentado pelos relatos dos/as estudantes oriundos/as de outras escolas; e, o segundo aspecto revela a necessidade de superar estereótipos e pré-conceitos enraizados no modo de ver essas culturas.

Em face do exposto, foi possível refletir, analisar e organizar um planejamento pedagógico que buscasse atender as expectativas e interesses dos/as estudantes pela história e cultura africana e afro-brasileira, bem como buscar desconstruir pré-conceitos e estereótipos apresentados nos dados.

4.1.2 Conhecimentos construídos

Posteriormente ao desenvolvimento do planejamento pedagógico citado, realizamos um levantamento de falas e percepções que apontassem para a construção de novas aprendizagens acerca de elementos culturais, históricos e geográficos de matriz africana.

Para comentar sobre as aprendizagens construídas durante esse período, é relevante mencionar conhecimentos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira que alguns/algumas estudantes apresentaram durante a intervenção, contribuindo para o interesse e aprendizagem dos/as demais colegas.

No seguinte relato, um estudante apresenta conhecimentos relacionados a um idioma de matriz africana aprendido em seu contexto familiar:

[...] Diante da curiosidade dos/as alunos/as pelos idiomas falados nos países disse para os alunos que na Nigéria se falava o Hauçá, como idioma materno, e o Inglês [...] Eu disse também que o lorubá é um dialeto muito falado pelos/as nigerianos/as.[...] Em relação ao idioma lorubá, disse que ele é falado por muitos povos africanos devido ao povo “Banto” e o Naruto Usanaque disse: eu sei um pouco de lorubá; eu conheci com meu avô; ele aprendeu com o pai dele, ele sabe tudo de lorubá. Os colegas ficaram curiosos e pedi a ele que perguntasse mais sobre isso ao seu avô. Durante o caminho para a quadra o Naruto Usanaque e eu conversamos e ele disse: meu avô fala bem fluente, é que meu vô e meu pai viajaram muito e eles aprenderam línguas [...] (DCP VII).

Essa contribuição feita por Naruto Usanaque despertou nos/nas demais o interesse em conhecer novos idiomas falados no continente africano, e, a partir disso, a pesquisa passou a enfatizar elementos linguísticos nas aulas. Possibilitar espaços



para compartilhar os conhecimentos dos/as estudantes, estimulou o Naruto Usanaque a trazer novas contribuições, como no seguinte relato:

[...] Ao abrir o livro perceberam que na capa interna tinha os nomes dos países da África. Na dedicatória, o autor dedicava seu livro à Tetê Omim e o Naruto Usanaque disse “Omim é água em Iorubá”, e professora Helena confirmou que estava correto, consultando pela *internet*: água doce [...] (DCP VIII).

Reconhecemos que os processos educativos vão além dos momentos das aulas ou, até mesmo, dos muros da escola. Em vista disso, se faz necessário dialogar com os/as estudantes para que reconheçam sua participação e de outras pessoas como agentes da construção de conhecimento. As palavras de Freire (1996) complementam esse pensamento:

Se tivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais das ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que vários gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheio de significação (FREIRE, 1996, p. 44).

Os diálogos favoreceram o interesse dos/as estudantes em apresentar seus conhecimentos, gerando assim um ambiente agradável para aprendizagens mais significativas. Nesse caso, concordamos com as palavras de Muller, Santos, Gonçalves e Costa (2009) ao apontarem o papel primordial do/a professor/a nos processos educativos:

O professor é o agente mediador entre o aluno e os conhecimentos e conteúdos culturais veiculados na e pela escola. É através de seu comportamento e prática que a escola age e concretiza/legitima sua existência (MULLER; SANTOS; GONÇALVES; COSTA, 2009, p. 68).

Um aspecto que merece destaque está relacionado a fala apresentada pela MC Mirela: “[...] Professora, você percebeu que todo mundo que entra no Ranieri não sabe nada sobre a África?” (DCP IX). Esse questionamento surgiu quando dois novos estudantes foram matriculados nesta sala durante a intervenção e quando perguntado se eles conheciam algo relacionado a África e Educação Física, a resposta era negativa ou pouco contextualizada. Diante deste questionamento e o espaço dado a essas culturas na Educação Física escolar, concordamos com as palavras dos autores:



[...] entendemos haver, no âmbito da área de Educação Física, poucas produções que reconhecem, enaltecem, valorizam e, de certa forma, contribuem para uma educação antirracista. Mesmo a prática corporal de raiz africana mais conhecida, a capoeira, raramente é desenvolvida como conteúdo da Educação Física Escolar e, mesmo quando isto ocorre, dificilmente vai além da repetição de movimentos descontextualizados, ou seja, que apresentem e valorizem sua relação com a cultura em que foi gerada e, assim, favoreçam a construção de uma identidade negra positiva (MARANHÃO; GONÇALVES JUNIOR; CORRÊA, 2007, p. 2).

Em relação aos conhecimentos históricos e geográficos africanos e afro-brasileiros, reconhecemos uma aprendizagem significativa dos/as estudantes. Nesse sentido, foram organizadas falas que certificassem esse aprendizado. O seguinte relato representa conhecimentos de vários elementos culturais africanos e afro-brasileiros construídos com base na música “África” - Palavra Cantada (PERES; TATIT; ANTUNES, 2011) e possibilitou que a pesquisadora se atentasse a necessidade de abordar o período histórico da escravização no planejamento pedagógico:

[...] Na roda de conversa sobre o que aprenderam com essa atividade se destacaram as falas: [...] aprendi que precisa atravessar o mar para ir pra África. (Miguel); Aprendi das árvores, das culturas, falava sobre a Bahia na música. (MC Mirela); Que na Bahia tem bastante Cultura Africana. (Michael Jackson Alan Walker); Como alguns povos lá chamam Deus. (Alice Queen); Tem um povo que se chama Banto. (Aurora); Que os escravos se refugiavam para se defender. (Zury). Durante a conversa surgiram alguns questionamentos e dúvidas relevantes que precisam ser amenizados como: Os negros ficavam com roupa? (Felipe); Isso existiu? (Melissa), essas perguntas surgiram quando conversávamos sobre o período de escravização e, diante disso, senti a necessidade de abordar esse tema no planejamento futuro [...] (DCP XVIII).

Após tais questionamentos, as seguintes percepções contextualizam o que concerne ao período de escravização no Brasil:

[...] Perguntei aos alunos o que eles sabiam sobre esse tema e eles responderam: Eu acho que é tipo usar uma pessoa independente da cor e o gênero dela e fazer coisas que ela é obrigada a fazer só que as vezes ela não quer fazer (Aurora); Fazer algo que não quer. (Alice Queen) [...] o que eles acharam que foi positivo com a vinda dos negros africanos para o Brasil e eles falaram: Deu mais origem a nossa cultura (Michael Jackson Alan Walker); Feijodada (vários alunos); Brincadeiras (Katryna); Danças (Pantera Negra); Línguas diferentes (Naruto Usanaque); Capoeira (Miguel) [...] (DCP XXIII).



Com base nessas falas, percebemos que os/as estudantes têm conhecimento sobre a condição de escravizados que foi imposta aos/as negros/as africanos/as, do mesmo modo que entendem esse triste período histórico brasileiro. No entanto, eles/as reconhecem elementos positivos que a vinda dos/as africanos/as acrescentou na nossa cultura. Essa afirmação se fortalece com base na fala do Michael Jackson Alan Walker:

[...] A importância disso é que com as culturas dos africanos a gente criou a cultura afro-brasileira, então bastante costumes dos africanos entrou na nossa cultura, por isso que a gente tem que agradecer a África por tudo que tem, que tanta coisa que a gente nem sabe que tem influência da África mas tem...pra gente conhecer o que é a África pra gente [...] (DCP XXXI).

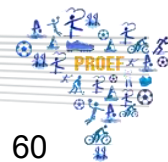
Corroborando com a fala do estudante, vamos ao encontro das palavras de Gonçalves Junior (2010):

Consideramos imprescindível a necessidade de busca de conhecimento da história da cultura corporal de diferentes povos que habitam no Brasil, tais como os africanos e seus descendentes e indígenas de diferentes etnias, com sensibilidade para lutas, dentre elas: por liberdade; pela defesa de direitos; pela resistência da folclorização e/ou o branqueamento da sua cultura; pela recomposição da sua humanidade, corporeidade e identidade diante das discriminações e preconceitos que visam levá-los, bem como nos levar, ao esquecimento de nossas raízes multiculturais (GONÇALVES JUNIOR, 2010, p. 63).

Quanto aos elementos geográficos, notamos a descoberta da África como um continente e o interesse de conhecer os países que fazem parte dele. Em muitos momentos, os/as estudantes demonstraram a superação de seu pré-conceito quanto ao continente africano, como é apresentado no DCP XXXI:

[...] Eu acho que aprendi bastante coisa, eu pensava que a África era só um país, mas agora eu comecei a conhecer os países e os continentes, e eu gostei de aprender. (Katryna); Eu aprendi que a África tem 54 países, e as brincadeiras e as músicas, eu ensinei para minha irmã, eu mostrei o diário para ela. (Pantera Negra); Quando eu comecei achar que a África era um continente, eu sabia lá que existia a Angola, aí, eu fui vendo que tinha a Nigéria, Senegal, tudo, e, aí, aprendi todos os países... é algo muito legal pra gente conhecer, pra gente aplicar na nossa vida, pra gente ter mais conhecimento [...] (Michael Jackson Alan Walker).

Reparamos que essa reflexão também foi registrada no caderno dos/as estudantes:



[...] pra mim foi importante aprender porque antes eu achava que a África era apenas um país mais na verdade é um Continente e tem 54 países [...] (CRE – Brenda).

[...] A africa tem 54 países e o país que eu mais gostei foi Botsuana, eles falam cetsuana e inglês [...] (CRE – Isabela da Silva).

Com isso, observamos que os/as estudantes aprenderam sobre elementos históricos e geográficos em relação a África, que se trata de um grande continente, comparado a outros, e não apenas um país (ver Figura 1), registrando em seus cadernos:

[...] O projeto foi legal, foi uma experiência diferente aprendemos mais brincadeiras, mais sobre essa cultura e que a África é um continente porque eu achava que era um país e profª você está de parabéns porque você fez eu gostar de geografia mais do que matemática [...] (CRE – Dog).

Figura 1 – Reconhecendo a África como um continente



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

No tocante às aprendizagens de elementos culturais africanos e afro-brasileiros, identificamos a ampliação no repertório de conhecimentos, visto que os/as estudantes relataram ter aprendido uma variedade de jogos e brincadeiras, danças,



comidas, instrumentos musicais, idiomas, crenças, lutas, entre outros. Quanto a isso, as falas que se enquadram nessa perspectiva foram:

[...] agora eu comecei a conhecer os países e os continentes, e eu gostei muito de aprender, o livro *Ndule Ndule*¹² eu gostei muito que nem agora eu tenho meu diário de campo e agora eu anoto quase tudo lá... aprendi brincadeiras, moeda de cada país, linguagens, as músicas, as músicas, eu gostei muito e queria continuar e já passei para várias pessoas o que eu aprendi aqui nas aulas, ensinei para minha madrinha, minhas primas, minha família e amigas (Katryna); Eu aprendi sobre as culturas, danças, brincadeiras, e as brincadeiras que eu mais gostei foi a *Amagamulamulazetxê*¹³ que é de Moçambique, por isso que eu escolhi ela pra mim poder apresentar pras pessoas que vão vir no Festival, eu achei ela legal porque ela puxa outras brincadeiras, ela puxa cabo de guerra, ela lembra, ela não é que nem as outras, igual ela tem algumas coisas diferentes e ela é da África, ela é afro-brasileira (Alice Queen); Eu aprendi muita coisa legal, brincadeiras, culturas, e a brincadeira que eu mais gostei foi o jogo da memória, eu gostei dela porque nós mesmos fizemos e podemos criar bastante coisa, comida, países no jogo da memória, eu achei muito legal porque você pode brincar com muitas pessoas e conhecer mais países (Isabela da Silva) [...] (DCP XXXI).

Diante dessas falas, podemos destacar três aspectos: o primeiro é apontado na fala de Katryna que considera relevante a aprendizagem desses elementos culturais, sentindo a necessidade de aprofundar mais seus conhecimentos e que essa experiência contribuiu para que compartilhasse tais aprendizagens em outros contextos, a ponto de ser discutido em outra categoria; o segundo é apresentado pela Alice Queen, ao relacionar a brincadeira vivenciada à outras do contexto brasileiro, segundo ela, essa agregou um valor maior por ser da África; já o terceiro aspecto observado, refere-se ao jogo “MemorAfro¹⁴” (ver Figura 2) mencionado por Isabela da Silva que cita a experiência de construção de um jogo da memória pelas/os próprios/as estudantes, envolvendo conhecimentos culturais, históricos e geográficos africanos e afro-brasileiros e, de acordo com ela, foi possível aprender brincando.

¹² BARBOSA, Rogério Andrade. **Ndule ndule**: assim brincam as crianças africanas. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

¹³ PRISTA, Antonio; TEMBE, Mussá; EDMUNDO, Hélio. **Jogos de Moçambique**. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992.

¹⁴ O jogo MemorAfro foi criado pela graduanda em Educação Física Marília Baldoíno dos Santos (UNESP/Bauru) em um planejamento pedagógico coletivo para o Projeto de Extensão “Brincando e Dialogando”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Denise Aparecida Corrêa, tendo como proposta a história e cultura africana e afro-brasileira.



Figura 2 – Confeccionando o jogo MemorAfro



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Em outros momentos, os/as estudantes também mencionam que aprender brincando (ver Figura 3) se torna ainda mais significativo, conforme declarou Michael Jackson Alan Walker (QF): *“Algo interessante e muito divertido porque você aprende brincando, que cada brincadeira tem seu país e que a cultura africana é única por isso ela está no meu coração”*.

Com as percepções reveladas pelo/as estudantes, notamos o quanto foi prazeroso a experiência intercultural por meio do contato lúdico. Nesse sentido, enfatizamos as palavras de Cunha (2016):

Reconhecer, valorizar e positivar a ancestralidade africana, que caracteriza o povo brasileiro, permite aos alunos se perceberem herdeiros dessa cosmovisão e próximos culturalmente das crianças dos países africanos. Nesse processo, os jogos e as brincadeiras surgem como uma profunda experiência intercultural e intracultural. Um encontro alegre com a cultura do “outro” e um mergulho em nossas próprias raízes culturais, híbridas e multicoloridas (CUNHA, 2016, p. 24).



Figura 3 – Aprender brincando como o jogo MemorAfro



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Ao analisar o questionário inicial, percebemos o interesse dos/as estudantes em conhecer comidas oriundas do continente africano. Esse foi um ponto a ser apresentado nas aulas e que reverberou em um resultado positivo quanto às aprendizagens, segundo o que apontam as seguintes asserções:

[...] Aprendi comidas da África os significados das comidas o porquê ela era da África como ela foi feita e as histórias, as brincadeiras as mesmas coisas as histórias como elas são etc... [...] (QF – MC Mirela).

[...] comidas como: cuz cuz, feijoada, farofa, vatapá, *qumbe* e *koeksusters* [...] (QF – Pudim Amassado).

Percebemos a relevância em aprender essas culturas nas aulas de Educação Física, quando os/as estudantes apontam justificativas para valorizar esse aprendizado. Neste caso, merecem destaques as seguintes percepções:

[...] Eu achei bem legal e diferente porque na minha outra escola eu não aprendia sobre a cultura africana então é bem diferente e legal [...] (QF – Emanuely).



[...] Interessante, porque eu não sabia sobre a cultura africana e afro brasileira. Só algumas coisas tipo a capoeira e o projeto abriu novos conhecimentos [...] (QF – Bella).

Os/as familiares também declaram suas percepções sobre o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, seja pela dedicação e interesse dos/as estudantes ou da sua experiência ao participar do festival organizado por eles/as. Destacamos os relatos:

[...] Gostei muito pois aprender sobre outras origens e cultura é muito gratificante para o conhecimento de todos, principalmente de nossas crianças. Foi um grande aprendizado das quais eles levarão para a vida toda [...] (QCE – Mãe da Raquel).

[...] Com esse projeto pude conhecer ainda mais a cultura Africana, seus costumes e suas brincadeiras. Foi muito bom! [...] (QCE – Mãe da Alice Queen).

[...] Muito bom, confesso que teve brincadeiras reveladas que nunca tinha visto, para mim foi um dia de aprendizado com os alunos do 5º ano. No meu ponto de vista acho que deveria ser mais divulgado nas escolas. Vocês estão de Parabéns [...] (QCE – Mãe da Emanuely).

[...] Eu achei um projeto muito criativo, participativo e muito legal, esse intercambio pra nossa geração poder aprender e conhecer. Estão todos de parabéns [...] (QCE – Mãe da Katryna).

Um ponto que nos chamou a atenção está presente em um relato no caderno de registro da Aurora: A Nigéria tem a maior população negra do mundo, e em segundo lugar é o Brasil, quando soube disso fiquei impressionada e feliz ao mesmo tempo. Essa percepção faz referência aos momentos mencionados em aula sobre a posição do Brasil em relação a população negra mundial e a relevância de se estudar sobre essa cultura, por fazer parte na construção histórica e cultural da nossa sociedade. Diante disso, percebemos que essa informação chamou a atenção de Aurora de forma positiva, ao ponto de registrá-la em seu caderno.

4.2 Categoria B – Estudar outras culturas transforma nossa cultura

Neste tópico iremos analisar e discutir asserções que representam a transformação no modo de ver as culturas africanas e a valorização da cultura afro-brasileira, superando pré-conceitos e estereótipos existentes com relação aos seus elementos. Iremos ressaltar também o (re)conhecimento das raízes e pertencimento



étnico-racial dos/as estudantes, tal qual a construção de valores, desenvolvimento do trabalho em equipe, superação de dificuldades e mudanças de comportamento dos/as estudantes que foram observadas durante a intervenção pedagógica de elementos de matriz africana.

O importante é buscarmos, entre todos aqueles àqueles que queremos construir uma sociedade mais democrática, livre do racismo e da intolerância, as experiências e as trocas nos ajudarão a avançar na construção de uma nação que abrace e valorize a todos os seus filhos, independente da cor de sua pele e da sua origem étnico-racial (MULLER; SANTOS; GONÇAVES; COSTA, 2009, p. 49).

Acreditamos que a apresentação de novos conteúdos de matriz africana despertou o interesse dos/as estudantes em conhecer sua ascendência, sobretudo, valorizar seu pertencimento étnico-racial, como podemos observar nas seguintes asserções:

[...] Quando comentamos da “origem da gente” que fala na música o Michael Jackson Alan Walker disse: porque a maioria das pessoas que tipo do Brasil se tornou negro é por conta dos africanos [...]. Sobre a descendência africana no Brasil o HBTX Troll comentou: Sabe o que significa que quase todo o pessoal do mundo são descendentes de africano, eu o Michael Jackson Alan Walker até vocês. Outros alunos se manifestaram em relação à sua descendência: Eu sou indiano. (Max) (acho que ele quis dizer indígena); Eu sou descendente de africano. (Naruto Usanaque). A Gabriela disse que é descendente de alemães e comentou sobre seu nome. [...] A professora Helena também contou de suas raízes africanas e indígenas, e contou que seu avô trabalhou na reserva do Xingu. [...] A maioria da minha família é negra, porque do meu pai é quase tudo negro, meu vô é negro e o pai da minha mãe também era negro e minha avó que era branca, só que a maioria do meu vô era negra [...] (DCP XVII).

Maranhão (2009) quando comenta que propor vivências, experiências concernentes a cultura negra para negros/as e não negros/as é uma forma de desalienação, ou ao menos de, compreender o mundo em sua multiplicidade e diversidade, é abarcar um modo de vida singular, transcendente, é fazer a viagem de volta às origens, ao berço da humanidade e se fortalecer, traduz muito que vivenciamos ao longo das práticas pedagógicas com os/as estudantes ao longo do semestre.

No decorrer do projeto “Viajando pela Cultura Africana”, outros/as estudantes se interessaram em conhecer suas raízes, instigando seus/suas familiares e compartilhando a sua descoberta com os/as demais colegas, como relata o DCP XLI:



[...] Neste dia estava em minha casa verificando as mensagens no grupo intitulado pelas alunas como Projeto de Ed. Física. [...] Nos primeiros áudios a Alice Queen disse assim: Professora, Suzi, acabei de descobrir uma coisa. (Áudio 1) é...o bisavô da minha mãe que é meu tataravô, ele tinha muita descendência africana. (Áudio 2) ele chegou até a participar do tempo da escravidão. (Áudio 3) e os pais dele vieram da África ou ele, minha mãe, ela não sabe ainda ele morreu com 117 anos. (Áudio 4). Achei muito bacana ela se interessar por descobrir isso e começamos a conversar sobre. Tudo isso graças a minha mãe que me contou. (Áudio 5). Elogie tanto ela quanto sua mãe por compartilharem isso conosco. Ele ajudou a fundar a cidade de Gália também.... minha mãe disse no banco de uma praça lá em Gália tá escrito o nome dele. (Áudio 6). Professora, eu perguntei para minha mãe, eu tenho descendência africana, indígena e europeia sim [...] (Áudio 7).

É gratificante perceber o interesse dos/as estudantes nesse aspecto e isso possibilitou um diálogo com seus/suas familiares na busca do reconhecimento de suas raízes.

Frente às questões de pertencimento étnico-racial, observamos mudanças estéticas em estudantes que passaram a valorizar seus cabelos de forma positiva, como enfatizado na seguinte percepção:

[...] Quando cheguei na sala a MC Mirela e a Melissa vieram até mim para mostrar seus cabelos. A MC Mirela estava com tranças afro e a Melissa estava com seu cabelo natural, sem alisar como de costume. A MC Mirela disse que fez para o festival e a Melissa completou que também tinha mudado para o festival. Elogiei as duas e disse que achei lindo e fiquei feliz por estarem empolgadas e pensar em mudar especialmente para o projeto [...] (DCP XXXIII).

Conforme afirma Santos (2007, p. 56):

O cabelo se constituiu na característica fenotípica mais mencionada como marca para práticas de estereótipos contra alunos negros. As afirmações sobre o uso de expressões pejorativas a respeito do cabelo dos alunos negros são de fácil constatação.

É fundamental não reforçar padrões de beleza eurocêntricos perante a diversidade presente no contexto escolar. Maranhão (2009, p. 66), aponta que:

[...] Cotidianamente, diversos espaços sociais, sobretudo a escola, impõem “modelos”, “padrões” de comportamentos, de belezas aceitáveis ou refutáveis sobre as pessoas, com isso, as crianças e adultos também ficam vulneráveis a essa imposição.

As ações do projeto “Viajando pela Cultura Africana” permitiram amenizar essas problemáticas, refletindo em valorização e reconhecimento, além de despertar nos/as estudantes o fortalecimento de suas referências e identidade étnico-racial,



conforme trecho do DCXXXIII citado anteriormente e o desenho da capa do caderno de registros feito por Aurora (ver Figura 4).

Figura 4 – Capa do caderno de registros da Aurora



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Outro aspecto fundamental a ser mencionado se refere ao posicionamento dos/as estudantes frente a situações de preconceito, discriminação racial, racismo e *bullying*, como nos mostra os seguintes relatos:

[...] A Aurora comentou sobre algo que a deixou indignada, era uma imagem do *Apartheid* em que tinham bebedouros para brancos separados dos negros. Ela disse isso é um absurdo porque todos somos iguais e que não existe diferença de ser negro e branco [...] (DCP IV).

[...] fez parte da minha vida no sentido do *bullying* eu acho muito feio as pessoas que julgam sem saber [...] (QF – Katryna).

As falas dessas estudantes revelam o desconforto frente a situações discriminatórias e racistas, conforme expressa Muller, Santos, Gonçalves e Costa (2009), torna-se primordial:

Combater a discriminação racial no ambiente escolar e no social significa, também, construir imagens referenciais positivas que possibilitem perspectivas de futuro em que ascensão social não seja marcada pelo rótulo da exceção (MULLER; SANTOS; GONÇALVES; COSTA, 2009, p. 104).



Outro fator que abrange a categoria “Estudar outras culturas transforma nossa cultura” relaciona-se à superação de estereótipos e pré-conceitos presentes no imaginário dos/as estudantes em relação a África. Para esses fins, o questionário inicial foi essencial para delinear quais aspectos precisariam ser amenizados em relação a esses conceitos. Posteriormente a um planejamento pedagógico sistematizado, foi possível notar mudanças de paradigmas nos/as estudantes, como nas percepções a seguir:

[...] não sabia que o Egito e Marrocos ficava na África (Pudim Amassado – [...] DCP VI).

[...] eu poderia jurar que a Jamaica ficava na África...por causa do Usain Bolt...ele é negro [...] (Michael Jackson Alan Walker – DCP VI).

[...] Que os africanos que a vida deles não é só caçar animais é também se divertir criar máscaras eles não são tão diferentes de nós e também que a África é um continente não um país [...] (QF – Dog).

Conforme o que foi apontado, vimos que o desenvolvimento do projeto com conteúdos de matriz africana despertou nos/as estudantes negros/as e não negros/as o interesse em (re)conhecer suas raízes, permitindo assim, um diálogo sobre sua ascendência e pertencimento étnico-racial. Conseqüentemente, proporcionamos um novo olhar sobre essas culturas quanto à sua valorização e a desconstrução de estereótipos existentes, contribuindo para que os/as estudantes se posicionassem frente a situações preconceituosas, discriminatórias e racistas.

Acreditamos que conteúdos referentes a história e cultura africana e afro-brasileira possibilitaram a valorização do trabalho coletivo, colaboração e participação de todos, promoção da união e respeito, amenizando atitudes individualistas. Notamos tais resultados nas seguintes asserções presentes no DCP IX:

[...] Você tem que ter confiança e se perder tem que levantar, sacudir a poeira e continuar em frente [...] (Michael Jackson Alan Walker).

[...] Pra mim não foi tipo, se eu tivesse perdido eu não ia ligar porque eu também tava torcendo pro time deles [...] (Aurora).

[...] Pra mim eu achei assim ah tô competindo mas se eu perder não tem problema, então tô brincando para se divertir [...] (Melissa).

[...] Eu tava torcendo para o outro time também, se ganhasse tanto faz, eu perdi mas eu tô rindo que nem um bobo aqui (risos) [...] (Alice Queen).

[...] Sobre a brincadeira ser da África: ensina a ter respeito [...] (Max).



Em outros momentos, os/as estudantes apresentam ações que relatam como o trabalho em equipe foi valioso:

[...] Como o Naruto Usanaque conhece mais afundo as religiões do Candomblé e Umbanda ajudou a Alice Queen na representação do Oxalá, ela disse assim: Ele falou do cajado com uma coroa na ponta dele, e 12 passarinhos mas eu não vou fazer os 12 porque é muita coisa então acho que vou fazer uns 3 no máximo assim e mostrou o seu esboço... em relação a um ajudar o outro o HBTX Troll disse: Professora nós estamos nos ajudando [...] (DCP XX).

Esse relato diz respeito a aula em que os/as estudantes confeccionavam o jogo MemorAfro e realizavam as representações de cada carta (ver Figura 5).

Figura 5 – Cartinha Oxalá



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

A organização do festival promoveu mais colaboração e aproximação dos/as estudantes, o que resultou em mudanças nas relações afetivas entre eles/elas:

[...] A Katryna disse que: esse festival deixou a gente mais próximo porque antes do festival eu só conhecia a Brenda, só conhecia a Aurora, a Raquel, a MC Mirela mas agora eu conheço todo mundo e eu me sinto mais pertencente... eu me sinto mais próxima de todo mundo [...] (DCP XXXV).

A figura 6 representa a vivência do jogo *G'bala*¹⁵, que em sua dinâmica era necessário que todos/as os/as participantes trabalhassem coletivamente para concluir o objetivo.

Figura 6 – Momento da aula com o Jogo *G'bala*



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Seguem falas dos/as estudantes acerca da organização coletiva do festival e o aprendizado com o trabalho coletivo, assim como as emoções e sentimentos diante dessa experiência:

[...] Eu achei emocionante, era como um jogo de futebol trabalhando em equipe [...] (QF – Dog).

[...] Eu achei muito legal por que todo mundo se ajudou e deu tudo certo e muita gente tava feliz pro festival que ninguém ficou brincando e teve colaboração [...] (QF – Emanuely).

[...] Foi muito legal trabalhar em equipe com a sala porquê todos colaboraram para realizar esse projeto e o Festival [...] (QF – Alice Queen).

[...] Maravilhoso, porque a gente ajuda uns aos outros [...] (QF Raquel).

¹⁵ O jogo *G'bala* foi inspirado na criação das estudantes Melina Radaelli Gatti e Patricia Rossi na disciplina “Fundamentos da Capoeira”, ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior e oferecida pelo Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar). O desenvolvimento desse jogo foi publicado no capítulo do livro: CORRÊA, Denise Aparecida; PATRINHANI, Gisele Fregolente. Construindo uma práxis pedagógica dialógica na motricidade escolar. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz. (org.). **Motricidade**: experiências de educar e educar-se. São Carlos: EDUFSCar, 2017. p. 53-66.



[...] para mim isso foi uma das melhores experiências da minha vida, isso foi maravilhoso e achei legal fazer isso junto com meus colegas. Gostei [...] (QF – Melissa).

Percebemos que essa experiência contribuiu para construção de valores positivos e vivências prazerosas, despertando neles/as o reconhecimento do trabalho em equipe e o respeito pelo próximo.

4.3 Categoria C – Envolvimento da comunidade escolar

Nesta categoria, enquadraram-se percepções que expressaram o envolvimento da comunidade escolar: estudantes, professoras/es, familiares, funcionários/as, gestão escolar e coordenação pedagógica na participação do projeto “Viajando pela Cultura Africana” e na colaboração para a organização do evento e que foram fundamentais na construção de aprendizagens significativas para os/as estudantes.

Durante o desdobramento desse projeto, identificamos um crescimento considerável no interesse dos/as estudantes pelas culturas apresentadas e isso contribuiu para que eles/elas compartilhassem esses conhecimentos com outras pessoas. Assim sendo, achamos necessário apresentar a percepção da pesquisadora pelo interesse de um estudante por mais conhecimentos sobre os países:

[...] O Pantera Negra me encontrou antes da aula e me mostrou um atlas que ele ganhou da mãe dele. Quando eu cheguei na sala, ele me disse: Sabe aquele livro que eu te mostrei, ele tem as bandeiras da África, faz tempo que minha mãe tem, porque eu ganhei acho que foi antes de ontem. e eu perguntei: Você se interessou? e ele respondeu: Sim, porque tem os países, os países da África [...] (DCP XXIV).

Em alguns momentos, os/as estudantes mencionaram o interesse em viajar para o continente africano e conhecer outros países:

[...] Enquanto eu entregava as fichas para os alunos a Aurora disse: Eu vou para a Nigéria e a Alice Queen para Madagascar, e a partir disso outros colegas falaram: Eu vou para Botsuana; Eu vou para Guiné Bissau [...] (DCP XX).

Isso é muito significativo, visto que antes dessa experiência, a África não era um destino mencionado e valorizado por eles/elas.



No que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia e protagonismo, observamos, desde o questionário inicial, um grande interesse dos/as estudantes em compartilhar o que aprenderam, tal percepção que os/as revelaram como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem e reverberou na organização e realização de um festival com esse intuito.

A disposição em ensinar outras pessoas ficou perceptível em atitudes e falas apresentadas ao longo desse período.

[...] A Aurora e a Alice Queen chamaram as meninas (no total de 12) para brincar de Caçador e a Gazela brincadeira da Tanzânia. Elas se organizaram em círculo e utilizaram os coletes como vendas e explicaram as regras [...] (DCP XV).

[...] No dia anterior a essa aula, eu estava sentada no pátio e vários alunos da turma vieram até mim, comentar sobre a expectativa para o festival e após isso o Michael Jackson Alan Walker, a Aurora, a Alice Queen e a Brenda se organizaram para brincar de *Amagamulamulazetxê* enquanto esperavam seus familiares vir buscá-los. Eles chamaram outras crianças da escola para brincar também e eu fiquei observando como eles se divertiam e explicavam corretamente as regras conduzindo a brincadeira [...] (DCP XXVII).

Com a organização e realização do festival, observamos o quanto essa experiência resultou em processos educativos significativos. Um aspecto a ser destacado refere-se ao desenvolvimento do trabalho em equipe: *“Muito legal, pois compartilhar isso com outras pessoas é muito bom fazer isso com o apoio dos colegas; e complementou a fala revelando sobre o trabalho bem-sucedido: Muito alegre de saber que os pais gostaram da cultura africana, e aprenderam que todas podem aprender sobre a cultura africana não importa a idade”* (QF – Michael Jackson Alan Walker).

Outro aspecto relevante está relacionado à experiência de ser professor/a por um dia e os sentimentos e emoções que envolvem o desenvolvimento desse papel:

[...] Eu me senti uma professora, por quê podi ensinar as regras, podi mostrar os significados das cartas [...] (QF – Isabela da Silva).

[...] Eu me senti como se fosse a Suzi ensinando pra gente as coisas sobre as brincadeiras do livro *Ndule Ndule*, isso foi muito legal, ensinar para os pais foi engraçado [...] (QF – Aurora).

Os/as estudantes revelam que essa experiência possibilitou um aprendizado maior quando se está ensinando e também a importância de aprender com os erros: *“É muito legal porque você não está ensinando para seus familiares e sim para*



familiares que você não conhece, eu fui errando e aprendendo com isso” (QF – MC Mirela).

Essa percepção de MC Mirela e a experiência em compartilhar os conhecimentos (ver Figura 7) vai ao encontro da fala de Freire (1996, p. 23) “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Figura 7 – Ensinando a brincadeira *Amagamulamulazetxê*



Fonte: Fotografia tirada por Levi Matheus – Produtor Audiovisual¹⁶ (2020).

A dedicação e o empenho dos/as estudantes na realização do festival também foram notados pelos/as familiares e amigos/as, o que foi identificado nos QCE:

[...] Muito organizado, os alunos se dedicaram por completo em tudo o que faziam, caprichosos e muito atenciosos com todos os que estavam presentes, adorei fazer parte desse festival. Me diverti muito voltando a ser criança por algumas horas ao lado dos alunos [...] (QCE – Mãe da Raquel).

[...] Achei tudo perfeito, os alunos se dedicaram muito, todos sabiam explicar certinho as brincadeiras. Todos empolgados para dar explicações. As máscaras ficaram lindas [...] (QCE – Mãe do Pantera Negra).

¹⁶ Levi Mateus – Produtor Audiovisual: profissional responsável pela gravação do desenvolvimento do projeto e produção do audiovisual “Viajando pela Cultura Africana”.



O compromisso de compartilhar os conhecimentos aprendidos refletiu fora do ambiente escolar, em que os/as estudantes mencionaram momentos que tiveram essa experiência:

[...] Eu vou na casa da minha vó e lá tenho uns amigos que moram do outro lado da rua e em outras quadras, aí tem umas horas que a gente tá lá brincando, mas não tem nada pra gente fazer, a gente enjoa daquela brincadeira e, às vezes, ensino as brincadeiras que eu aprendo aqui na escola [...] (Alice Queen – DCP XI).

[...] Sabe aquela brincadeira da areia? Eu ensinei meu irmãozinho [...] (Melissa – DCP XVII)

[...] E hoje sempre que chego em casa, eu falo tudo para minha mãe e ela acha legal também. Eu até brinco com meu irmão dessas brincadeiras (ver Figura 8), como o Cão que rouba o osso eu como era maior ficava sem querer ganhando quando ele ficou chorando! Kkkkk daí eu deixei ele ganhar [...] (CRE – Meliodas BR).

Figura 8 – Representação da experiência de Meliodas BR



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Notamos que o conhecimento construído em aula também teve impacto nas famílias. Michael Jackson Alan Walker relata que (QF): “*Na minha casa e eu falava aos meus pais das brincadeiras Amagamulamulazetxê, Ndule Ndule da onde eram e como podíamos brincar*”. Em outro momento, sua mãe apresenta uma percepção sobre a participação do seu filho nesse projeto: “*Achei muito bom, porque meu filho*



se envolveu, explicando a cultura em casa para a família” (QCE – Mãe do Michael Jackson Alan Walker).

A participação das professoras Polivalente e do Componente Curricular Arte foram fundamentais na realização do projeto “Viajando pela Cultura Africana”. No momento em que a proposta foi apresentada para a professora Polivalente, ressaltamos que essa poderia contribuir incluindo conteúdos de matriz africana nos componentes curriculares que ministrava quando se sentisse à vontade. Dessa forma, durante a intervenção percebemos seu interesse e aproximação com o tema em questão e isso favoreceu para a aprendizagem dos/as estudantes.

[...] Expliquei que o tema da aula de hoje era muito importante e que foi comentado por muitos deles nas aulas, e que tinha haver com a leitura que a professora Helena tinha colocado na rotina “O marimbondo do Quilombo”. Perguntei para os alunos com que o quilombo está relacionado e eles responderam: É o refúgio dos negros. (Naruto Usanaque); Escravidão. (Michael Jackson Alan Walker). [...] Quando comentei sobre o líder do Quilombo dos Palmares, o Zumbi, os alunos comentaram sobre a leitura feita pela professora Helena que falava sobre ele. A Professora Helena disse: Eu coloquei essa leitura propositalmente, por conta do projeto, e veio muito a contribuir para a aula de hoje [...] (DCP XXIII).

Devido à disposição da professora Polivalente Helena em abordar o tema escravização em sua leitura diária, ela colaborou complementando os conhecimentos que eram apresentados nas aulas de Educação Física.

A professora de Arte, Ayana, também estava desenvolvendo conteúdos de matriz africana em parceria com o “Projeto Brincando e Dialogando”. Ela apresentou o tema personalidades negras para que os/as estudantes reconhecessem africanos/as e afrodescendentes que fizeram história e que são considerados ídolos para muitos/as. Compreendemos o quanto isso foi significativo, pois os/as estudantes compartilharam na aula de Educação Física o conhecimento aprendido em Arte:

[...] Vimos também na aula da professora Ayana a história de duas pessoas, da Josina e do Bolt. (Alice Queen); Que uma africana e o outro jamaicano. (Aurora). [...] Diante de algumas falas percebi que os alunos aprenderam elementos da Cultura Africana na aula de Artes e que contribuiu para a construção e relação de novos conhecimentos acerca desses temas. Com isso, os alunos citaram mais conhecimentos: A Josina era uma mulher que lutava pelos seus direitos, ela era de Moçambique, ela tentou fugir para a Tanzânia duas vezes só que da primeira ela foi pega e na segunda ela conseguiu. (Aurora); [...] O marido dela foi o primeiro a ser presidente de Moçambique (Alice Queen) [...] (DCP XXIV).



A integração dos conteúdos entre Arte e Educação Física foi se tornando mais sólida durante a organização do festival, uma vez que a professora Ayana aceitou colaborar na organização da exposição, nos auxiliando na confecção das máscaras e bandeiras dos países africanos. Isso é bem representado no relato a seguir:

[...] Neste dia a professora Ayana e eu organizamos um horário para estarmos juntas nessa aula e conversar com os alunos sobre a organização do Festival. Ela se dispôs a nos ajudar com a parte de exposição e decoração do evento e, neste dia, iniciou a confecção das bandeiras de países africanos em sua aula, onde cada aluno ficou responsável por fazer a sua. Além das bandeiras, eles irão confeccionar máscaras africanas (ver Figura 9) com a ajuda das professoras Helena e Ayana, para expor [...] (DCP XXVIII).

Figura 9 – Confeção das máscaras na aula de Arte



Fonte: Fotografia tirada por uma participante da pesquisa.

O diálogo entre os componentes curriculares foi primordial para a desenvolvimento dos processos educativos e ficou notável no momento em que a professora Ayana apresentou os instrumentos musicais de matriz africana para os/as estudantes.

[...] Perguntei para eles como tinha sido a aula do “Projeto Brincando e Dialogando” na Arte pois sabia que, ao meu pedido, eles mostrariam alguns instrumentos da cultura africana para as crianças. Diante disso, a Melissa disse: Professora eu conheci o berimbau e com isso tiveram a ideia de expor esses instrumentos no festival. A Alice Queen disse que poderia fazer um cartaz explicando os instrumentos [...] (DCP XXX).



A contribuição da professora de Arte e o “Projeto Brincando e Dialogando” foi muito valiosa para aprendizagem dos/as estudantes e a organização do festival, visto que eles/elas consideraram tal conhecimento como essencial a ser compartilhado no evento. Com isso, reconhecemos que o trabalho integrado com outros componentes curriculares favoreceu para o desenvolvimento de processos educativos diversificados e ampliou as experiências interculturais dos/as estudantes, possibilitando um diálogo significativo dos conteúdos apresentados na escola.

Tendo em vista o trabalho colaborativo entre o/a professor/a de Educação Física com os/as demais professores/as primordial na escola, Albuquerque e Bardy (2017) afirmam:

O trabalho colaborativo é um importante recurso para o desenvolvimento de ações no contexto escolar. Nesse cenário, a Educação Física deve ocupar seu espaço a partir das situações de real parceria, com os demais professores e assim conquistar um nível superior de conhecimento ao que se poderia conquistar sozinho (ALBUQUERQUE; BARDY, 2017, p. 160).

Exemplos de como tal integração de conteúdos foi relevante, observamos na fala de estudantes como Michael Jackson Alan Walker ao criar uma letra de *RAP* (ver Figura 10) relatando a brincadeira que iria ensinar no festival durante as aulas de Arte:

[...] Essa foi uma atividade desenvolvida na aula de Arte com o “Projeto Brincando e Dialogando” e que incentivou o Michael Jackson Alan Walker a fazer um *rap* para nosso festival. Achei fantástica a letra e os elogiei pela dedicação, e desafiei ele a fazer uma letra falando de todo o projeto, e ele aceitou [...] (DCP XXXV).

O resultado do desafio feito ao Michael Jackson Alan Walker foi extraordinário, uma vez que ele conseguiu relatar todo o conhecimento construído durante o projeto no formato de um *RAP*, revelando seu talento como compositor e despertando a admiração dos/as seus/suas colegas.



Figura 10 – Estudantes apresentando a letra do *RAP* Festival



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Acreditamos ser primordial mencionar a disposição dos/as familiares em contribuir para a realização do evento. A partir do momento em que os/as estudantes decidiram servir comidas típicas no festival, seus/suas familiares se mobilizaram para colaborar com determinados pratos:

[...] Sobre as comidas do Festival a mãe da Alice Queen me mandou mensagem dizendo que fará a feijoada e que também poderia ajudar com a farofa. O Michael Jackson comentou que seu pai trabalha como *chef* de cozinha e vai perguntar se ele empresta os *rechauds* para servir as comidas [...] (DCP XXVIII).

[...] o Miguel comentou que sua mãe sabe fazer vatapá e que iria ver com ela a possibilidade de levar no dia [...] (DCP XXIX).

O envolvimento dos/as familiares se fortaleceu no dia do evento:

[...] Estávamos arrumando a mesa das comidas quando chega a mãe do Michael Jackson Alan Walker com vários *rechauds* para servir a comida. A todo momento, ela queria ajudar e foi importantíssima para nós. Outra situação que nos deixou muito felizes, foi quando os pais do Pantera Negra vendo a exposição com os suricatos, máscaras e etc, perguntaram se poderiam buscar alguns elefantes (inclusive que vieram da África), dos quais eram colecionadores, para contribuir com nossa exposição. É claro que aceitamos e, logo, eles voltaram com 10 esculturas belíssimas de elefantes que deram um toque muito especial [...] (DCP XXXIX).

As contribuições feitas pela mãe do Michael Jackson Alan Walker (ver Figura 11) e o pai e a mãe do Pantera Negra (ver Figura 12) foram muito valiosas, visto que, além de participarem do evento preparado pelos filhos, puderam colaborar para que



o festival ficasse ainda mais bonito com os objetos trazido pelas famílias. Isso foi muito gratificante, pois percebemos que os/as familiares valorizam as ações realizadas e se tornam participativos/as na vida escolar dos/as estudantes. Essa aproximação é fundamental para que os/as estudantes percebam a relevância dessas atividades e tenham mais interesse em participar.

Figura 11 – Mesa das comidas organizada pela comunidade escolar.

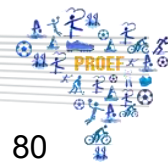


Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Figura 12 – Escultura de elefante emprestado pela família



Fonte: Fotografia tirada pela autora.



O desenvolvimento do projeto “Viajando pela Cultura Africana” e a organização do festival “Viagem pelos Caminhos da África” reverberaram no envolvimento da gestão escolar e funcionários/as da escola como um todo, que colaboraram na idealização da exposição dos trabalhos dos/as estudantes.

[...] Importante mencionar o envolvimento da gestão escolar para a realização do evento, visto que a vice-diretora Arusha, juntamente com seu marido, conseguiram caixas de papelão para usar na exposição (ver Figura 13). Ela se inspirou em uma foto que encontrou na *internet* e disse que iria ajudar fazendo o suporte com as caixas para colocar as máscaras (ver Figura 14). Os funcionários da escola ajudaram-na a encapar e preparar tudo para o dia do evento [...] (DCP XXXVII).

Entendemos que o envolvimento da comunidade escolar favoreceu para a valorização do trabalho realizado e permitiu que o conhecimento construído ultrapasse a sala de aula e atingisse todos/as os/as participantes.

Figura 13 – Caixas preparadas pelos/as funcionários/as da escola



Fonte: Fotografia tirada pela autora.



Figura 14 – Exposição das máscaras africanas confeccionadas na aula de Arte



Fonte: Fotografia tirada pela autora.

Percebemos que a participação dos/as familiares foi significativa para os/as estudantes, não apenas pela aprendizagem que essa experiência possibilitou, assim como pela vivência intergeracional proporcionada pelo festival, uma vez que eles/elas puderam ensinar e brincar com seus pais, mães, irmãos/as, avós, avôs e amigos/as de todas as idades.

[...] Sim. que faria isso, porque achei super importante, porque tem pessoas como os pais que ensinamos não sabia disso e nós ensinamos e achei legal, e também minha mãe e minha irmã ajudou a fazer o prato que levei no dia do festival [...] (QF – Melissa).

[...] Foi muito show, vários pais vieram para assistir, comeram e ficaram emocionados com os diários [...] (QF – Meliodas BR).

[...] Meus pais amaram e se divertiram muito. Minha mãe falou que a brincadeira que dela preferida foi Caçador e a Gazela [...] (QF – Raquel).

Para Raquel, essa experiência foi muito rica, pois seu pai, mãe e avó puderam participar e prestigiar o festival. Apreendemos que esse momento foi marcante para ela, ao mencionar no questionário final e também em seu caderno de registro o quanto foi gratificante ter realizado o evento para seus familiares, como revela nessa percepção:

[...] tivemos um festival para a família eu gostei muito não só eu como a minha vó o meu pai e minha mãe. [...] quando fui embora perguntei para minha mãe



qual brincadeira ela mais gostou e ela falou caçador e a gazela [...] (CDR – Raquel).

Essa experiência demonstrou ter sido muito valiosa para os/as familiares que puderam interagir com os/as estudantes e demais convidados/as, bem como aprender um pouco mais sobre as culturas africanas e afro-brasileira. Essa afirmação se fortalece com a fala da mãe do Michael Jackson Alan Walker: “*Foi muito bem organizado, divertido e criativo, dando oportunidade aos pais de interagir com os filhos*”. Já a mãe da MC Mirela considera esse projeto diferenciado ao apontar: “*Eu achei esse projeto interessante, porque nunca vi nas escolas com a participação dos pais*”. A mãe da Katryna fala sobre a sua participação no evento e faz sugestões para um próximo tema:

[...] Em se tratando das brincadeiras, as comidas típicas, eu adorei fazer parte e poder colaborar um pouquinho, muito divertido e interessante as brincadeiras. Gostei de cada brincadeira e de tudo mais. Deviam fazer de outros países também [...] (QCE – Mãe da Katryna).

Reparamos que a interação entre pais, mães e filhos/os reverberou fora do ambiente escolar, como revela o relato de Katryna ao mencionar que colaborou com sua mãe ao preparar o prato típico para o festival: “[...] *eu e minha mãe fizemos a farofa para o festival*” (QF).

Diante das falas das mães, notamos que as experiências possibilitadas pelo projeto “Viajando pela Cultura Africana” refletiram em aspectos consideráveis: o envolvimento intergeracional das famílias e o conhecimento de uma nova cultura que, até então, era pouco acessível a eles/elas. Pela fala apontada pela mãe da MC Mirela, observamos o quanto é fundamental realizar ações na escola que proporcionem momentos de interação entre família e estudantes (ver Figura 15), o que nos faz perceber que isso pouco acontece nas escolas e a necessidade de fortalecer essas ações.



Figura 15 – Participantes do Festival



Fonte: Levi Mateus - Produtor Audiovisual (2020).

Entendemos que as atribuições do trabalho e tarefas do cotidiano dificultam a interação dos/as familiares na vida escolar dos/as estudantes. No entanto, reconhecemos que as ações do projeto realizado possibilitaram a aproximação entre eles/elas, proporcionando momentos agradáveis e que motivaram ainda mais o interesse dos/as estudantes pelas atividades realizadas.

Reconhecemos como um ganho imensurável, as contribuições das famílias para a finalização desse projeto e tal envolvimento superou sua participação restrita a reuniões pedagógicas, formaturas e datas comemorativas. Esse momento permitiu que esses/as familiares se tornassem protagonistas dos processos educativos, reverberando na construção de novas aprendizagens e favorecendo para o desenvolvimento positivo dos/as estudantes.

Todavia, sabemos que ainda existe um grande desafio para a escola modificar sua relação com a família. Com isso, assentimos com a percepção de Oliveira e Marinho-Araújo (2010) ao apontar que se faz necessário um empenho de pesquisadores/as, estudiosos/as e profissionais da educação para mudar essa realidade e que as experiências, assim como essa, possam ser associadas a eventos positivos e agradáveis que contribuam efetivamente com processos de socialização, aprendizagem e desenvolvimento.



5 CONSIDERAÇÕES

Ao retornarmos ao início dessa pesquisa, colocamos como questionamentos: é possível desenvolver um planejamento docente dentro da perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais que seja significativo para a aprendizagem dos/as estudantes? Conhecimentos e vivências acerca da história e cultura africana e afro-brasileira possibilitam atitudes não preconceituosas, fortalecem referenciais e a identidade afro-brasileira? Qual a percepção dos/as estudantes sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira?

Diante desses questionamentos, delimitamos como objetivo geral: identificar e compreender processos educativos decorrentes de uma intervenção com elementos culturais de matriz africana junto a estudantes de uma turma de 5.º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Educação Física.

Partindo do referencial teórico, dos dados levantados, da sua análise e discussão, consideramos que tais questionamentos foram respondidos e o objetivo geral foi alcançado.

Para o questionamento “É possível desenvolver um planejamento docente dentro da perspectiva das Relações Étnico-Raciais que seja significativo para a aprendizagem dos/as estudantes?”, vimos que ele pode ser respondido na categoria “Aprendendo e ensinando elementos culturais de matriz africana”, visto que, os dados apontam para os processos educativos que atenderam e superaram as expectativas apresentadas pelos/as estudantes no questionário inicial. O planejamento pedagógico desenvolvido possibilitou a ampliação do repertório cultural, histórico e geográfico acerca dos países: África do Sul, Guiné Bissau, Tanzânia, República Democrática do Congo, Botsuana, Moçambique, Nigéria, Senegal, como também de jogos, brincadeiras, danças, crenças, linguagens, comidas, instrumentos musicais e outros elementos de matriz africana.

Para a questão “Conhecimentos e vivências acerca da história e cultura africana e afro-brasileira possibilitam atitudes não preconceituosas, fortalecem referenciais e a identidade afro-brasileira?”, ela foi respondida na categoria “Estudar outras culturas transforma a nossa cultura”. Nesse caso, identificamos a transformação no modo de ver as culturas africanas e afro-brasileira, no (re)conhecimento das raízes e pertencimento étnico-racial e nas mudanças estéticas apresentadas pelas estudantes, que passaram a valorizar seus cabelos naturais.



Notamos um crescimento dos/as estudantes na busca pela sua ascendência permitindo que um diálogo intergeracional acontecesse em suas famílias. Percebemos, também, a compreensão da África como um continente com 54 países com diversos elementos culturais e históricos, o que ajudou a desconstruir a narrativa eurocêntrica colonizadora, superando estereótipos e pré-conceitos que tinham sido identificados no QI. Os/as estudantes demonstraram mudanças de comportamento, as quais foram percebidas durante as ações do projeto “Viajando pela Cultura Africana” e na organização do “Festival Viagem pelos Caminhos da África”, em que eles/as se ajudaram diante das dificuldades encontradas, diminuindo assim, atitudes individualistas e aumentando o diálogo e o trabalho coletivo.

Entendemos o último questionamento, “Qual a percepção dos/as estudantes sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira?” que, foi respondido nas três categorias, visto que, no decorrer dos processos educativos, os/as estudantes apontavam seus aprendizados em relação à tais culturas. A experiência tornou-se significativa pelo lúdico ter sido levado muito a sério, pois o brincar e o aprender são elementos fundantes da aprendizagem humana. Nesse sentido, notamos que os/as estudantes sentiram-se motivados/as a compartilhar seus aprendizados dentro e fora do ambiente escolar, o que superou as expectativas traçadas no planejamento pedagógico.

Apontamos que a utilização de metodologias ativas nas aulas permitiu que os/as estudantes se reconhecessem protagonistas no processo educativo, o que favoreceu o desenvolvimento da autonomia. O trabalho colaborativo entre as professoras envolvidas Polivalente, Arte e Educação Física, viabilizado através da integração de conteúdos, também contribuiu para a efetivação dos processos educativos diversificados e ampliou as experiências interculturais dos/as estudantes, refletindo na atuação dessas professoras que buscaram ressignificar sua prática pedagógica no que concerne à aplicabilidade de conteúdos sobre história e cultura africana e afro-brasileira.

Os frutos desse trabalho tiveram impacto no envolvimento da comunidade escolar como um todo, uma vez que essa percebeu a riqueza do processo e passou a valorizar o conhecimento compartilhado pelos/as estudantes, o que estimulou a participação direta das famílias nas atividades pedagógicas, como por exemplo, na realização do festival, no qual os/as familiares participaram contribuindo com o empréstimo de utensílios e objetos de decoração, e a feitura de comidas africanas e



afro-brasileiras. A partir dessa experiência, vimos que quando a escola promove ações que estimulam a interação dos/as estudantes e seus/suas familiares dentro de novas configurações, ela contribui para o fortalecimento das relações familiares e o seu reconhecimento como um ambiente de aprendizagem acessível a todos e todas.

No decorrer das ações pedagógicas foi possível elaborar dois produtos educacionais, o “Planejamento Pedagógico: um diálogo com a cultura africana e afro-brasileira” e o audiovisual “Viajando pela Cultura Africana”, que teve como intenção apresentar o processo educativo e as aprendizagens construídas. O Planejamento Pedagógico apresenta 20 sequências didáticas que foram construídas com base nos interesses e curiosidades dos/as estudantes referentes à história e cultura africana e afro-brasileira. O/a educador/a que tiver acesso a esse material poderá ressignificar a proposta conforme a realidade de seu contexto.

O produto audiovisual, “Viajando pela Cultura Africana”, permite que o/a espectador/a embarque conosco nessa viagem pelo continente africano e perceba todo o envolvimento dos/as estudantes, familiares, professoras, gestoras e funcionários/as, sendo esse envolvimento elemento fundamental nos processos educativos ao que se refere à uma experiência educativa intercultural e intergeracional.

Esperamos que essa pesquisa e seus respectivos produtos possam incentivar profissionais do âmbito educacional a incluir conteúdos da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena em suas aulas tornando efetivas as Leis Federais 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e 11.645/2008 (BRASIL, 2008).

Consideramos que a realização dessa pesquisa favoreceu o encontro de diferentes sujeitos com culturas que, apesar de fazerem parte do contexto sociocultural brasileiro, são tratadas como um mero tema, sendo, dessa maneira, destinadas a datas comemorativas sem uma devida contextualização. Embora a Educação para as Relações Étnico-Raciais tenha tido um maior destaque nos últimos anos por meio das políticas públicas, documentos orientadores, currículos e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebemos que ainda existem fragilidades quanto à sua aplicabilidade e efetivação nas instituições escolares, por isso apontamos a necessidade de outros estudos nesse campo do conhecimento, a fim de contribuir para a efetivação da escola como um espaço democrático.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; BARDY, Lívia Raposo. A importância do trabalho colaborativo na escola. *In*: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula (org.). **Uma escola para todos: reflexões e práticas a partir da Educação Física**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. p. 153-169.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC, 2005. p. 117-123.

BARBOSA, Lucia Maria Assunção; TONELLI, Fernanda. Imagens e representações de negros e indígenas. *In*: BARBOSA, Lucia Maria Assunção (org.). **Relações étnico-raciais em contexto escolar: fundamentos, representações e ações**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p. 38-54.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Ndule ndule: assim brincam as crianças africanas**. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: nº 9394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 03 de março de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira e indígena". **Diário Oficial**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a lei nº 10.639, de 3 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular (BNCC)**. Brasília, MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 17 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Contribuições para a implementação da lei 10.639/2003**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: MEC, 2006.



BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, 2009.

CANDAU, Vera Lucia. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008.

CORSINO, Luciano Nascimento; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti (org.). **Educação Física Escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis 10.630/03 e 11.645/08.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2016.

CRUZ, Ana Cristina Juvenal; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. Apontamentos teóricos para a educação das relações étnico-raciais no Brasil: contextos e conceitos. *In*: BARBOSA, Lucia Maria Assunção (org.). **Relações étnico-raciais em contexto escolar: fundamentos, representações e ações.** São Carlos: EdUFSCar, 2011. p. 09-37.

CUNHA, Debora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural.** 1. ed. Castanhal: Edição do autor, 2016. *E-Book*. ISBN 978-85-921111-0-6. Disponível em: <https://laab.pro.br/publicacoes-laab.html>. Acesso em: 03 ago. 2019.

DEL-MASSO, Maria Cândida Soares; SANTOS, Maria Aparecida Pereira; COTTA, Maria Amélia de Castro. **Instrumentos e técnicas de pesquisa.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018. Trata-se do texto 5 da disciplina 2 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 16 set. 2018.

FACULDADE DE CIÊNCIAS. **Projeto Brincando e Dialogando.** Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bauru – SP. 2020. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/#!/departamentos/dep-educacao-fisica/projetos-de-extensao/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. **Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 41ª reimpressão.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O desafio da diversidade. *In*: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (org.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 11-26.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21. ed.



Petrópolis: Vozes, 2009. P. 67-79.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Etnomotricidade: multiculturalismo e Educação Física Escolar. *In*: CARREIRA FILHO, Daniel; CORREIA, Walter R. (org.). **Educação Física Escolar: docência e cotidiano**. Curitiba: CRV, 2010. p. 49-67.

GRANDO, Beleni Saléte; PINHO, Vilma Aparecida. As questões étnico-raciais e a Educação Física: bases conceituais e epistemológicas para o reconhecimento das práticas corporais afro-brasileiras e indígenas. *In*: CORSINO, Luciano Nascimento; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti (org.). **Educação Física Escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08**. Curitiba: CRV, 2016. p. 25-43.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2016: população chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>. Acesso em: 05 jan. 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

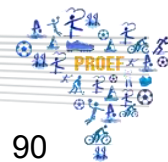
MARANHÃO, Fabiano. **Jogos africanos e afro-brasileiros nas aulas de Educação Física: processos educativos das relações étnico-raciais**. Orientador: Luiz Gonçalves Junior. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2502?show=full>. Acesso em: 25 ago. 2019.

MARANHÃO, Fabiano, GONÇALVES JUNIOR, Luiz, CORRÊA, Denise A. Jogos e brincadeiras africanos nas aulas de Educação Física: construindo uma identidade cultural negra positiva em crianças negras e não negras. *In*: JORNADAS DE JÓVENES INVESTIGADORES DE LA AUGM, 15, 2007, Asunción. **Anais** [...]. Asunción: AUGM, 2007. Disponível em: http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/augm_jogosafro.pdf. Acesso em: 11 dez. 2019.

MARANHÃO, Fabiano; BEDANI, Vanessa Mantovani; MENDES, Benedita da Guia Ferreira. Ações no cotidiano escolar. *In*: BARBOSA, Lucia Maria Assunção (org.). **Relações étnico-raciais em contexto escolar: fundamentos, representações e ações**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p. 55-69.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOREIRA, Anália de Jesus; SILVA, Maria Cecília de Paula. A Lei nº 10.639/2003 e o Ensino de Educação Física: confrontos históricos. *In*: CORSINO, Luciano Nascimento; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti (org.). **Educação Física Escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08**. Curitiba: CRV, 2016. p. 45-58.



MULLER, Maria Lucia Rodrigues; SANTOS, Angela Maria; GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá; COSTA, Cândida Soares. **Educação e diferenças: os desafios da lei 10.639/03**. 1. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2009. 147 p.

NARANJO, Javier (org.). **Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças**. 1. ed. Barcelona: Planeta, 2018.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n.1, p. 99-108, jan./mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a12>. Acesso: em 27 ago. 2019.

PERES, Sandra; TATIT, Paulo; ANTUNES, Arnaldo. 1 vídeo (3 min 57 s). **Publicado pelo canal Palavra Cantada Oficial**, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yGv47mv7874>. Acesso em: 11 jul. 2019.

PRISTA, Antonio; TEMBE, Mussá; EDMUNDO, Hélio. **Jogos de Moçambique**. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992.

SANTOS, Angela Maria dos. **Vozes do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros**. Curitiba: EdUFMT, 2007. 84 p. v. 2.

SANTOS, Raquel Amorim dos Santos; COELHO, Wilma de Nazaré Baía Coelho. Ensino Fundamental e as relações raciais: imagens e significados de professores sobre o negro. *In*: COELHO, Wilma de Nazaré Baía Coelho (org.). **Educação e relações raciais: conceituação e historicidade**. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2010. p. 217-238.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo paulista**. 2. ed. São Paulo: SE, 2019.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo paulista: linguagens e suas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: SE, 2019.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação do livro didático. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 21-37.

SOUZA, Florentina da Silva.; PEREIRA, Leticia Maria da Souza. Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 47, p. 51-65, mar. 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.



APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, ____ de _____ de 2019.

Prezado/a responsável,

Apresento a pesquisa “Viajando pela Cultura Africana e Afro-brasileira: relações étnico-raciais na Educação Física”, em que o/a estudante que o/a senhor/a é responsável está sendo convidado/a a participar.

A coleta de dados será realizada por meio de questionário e diário de campo realizado pelo/a estudante e pesquisadora para uso exclusivo da pesquisa. O nome do/a estudante será mantido em sigilo. Você receberá uma cópia deste termo, na qual constam os dados da pesquisadora responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

A participação nesse estudo não envolve nenhum tipo de pagamento, não havendo qualquer ressarcimento para os/as participantes. Os riscos que o/a estudante correm podem ser: cair, esbarrar em alguém, torcer alguma parte do corpo, se chatear com algum acontecimento durante as aulas.

Esclareço, ainda, que o/a estudante poderá deixar de colaborar nesta pesquisa, a qualquer momento que desejar, ou mesmo não responder a questões que julgar inconveniente.

Certo de contar com vossa colaboração, antecipo agradecimentos pela consideração e apresento meus cordiais cumprimentos.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____, RG nº _____, responsável pelo/a estudante _____, RG nº _____ concordo quanto a sua participação na obtenção das informações para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada. Autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.



Assinatura

Pesquisadora responsável: Mestranda Suzi Dornelas e Silva Rocha

Contatos: suzidornelas@hotmail.com/ (14) 9.8181-2478

Assinatura:

Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa/Bauru- SP – CEP:
17.033-360

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br Telefone: (14) 3103-6000



APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Querido/a estudante,

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa “Viajando pela Cultura Africana e Afro-brasileira: relações étnico-raciais na Educação Física”.

Gostaria de saber o que você gostou e aprendeu nas aulas de Educação Física sobre os conteúdos da Cultura Africana e Afro-brasileira.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e ninguém irá ficar chateado se não quiser ou começar a participar e depois desistir.

A pesquisa será feita na escola em que estuda durante as aulas de Educação Física no período de um semestre.

Você irá responder a dois questionários e terá um caderno para anotar tudo que sentiu e aprendeu durante as aulas, mas fique tranquilo, pois não será uma tarefa difícil. Eu também terei um caderno para anotar tudo que foi realizado durante as atividades

O seu nome e suas informações serão segredo e você poderá inventar um nome para usar durante essa pesquisa. Os riscos que você corre pode ser: cair, esbarrar em alguém, torcer alguma parte do corpo, se chatear com algum acontecimento durante as aulas.

Se você tiver alguma dúvida e quiser perguntar, é só vir falar comigo.

Agradeço sua atenção!

ASSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ RG n° _____ aceito participar da pesquisa “Viajando pela Cultura Africana e Afro-brasileira: relações étnico-raciais na Educação Física”.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso. A pesquisadora conversou com os meus responsáveis e, também, tirou minhas dúvidas.



Recebi uma cópia deste termo de Assentimento.

Assinatura do/a menor

Pesquisadora responsável: Mestranda Suzi Dornelas e Silva Rocha

Contatos: suzidornelas@hotmail.com/ (14) 9.8181-2478

Assinatura:

Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa/Bauru- SP – CEP:
17.033-360

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br Telefone: (14) 3103-6000



APÊNDICE C – Autorização de consentimento para utilização de imagem e vídeo

Você está sendo convidado/a a participar do “Festival Viajando pelos Caminhos da África”. O objetivo desse festival é que os/as estudantes ensinem o que aprenderam sobre a Cultura Africana e Afro-brasileira para seus/suas amigos/as e familiares, e, como resultado da pesquisa, será feito um vídeo e registros fotográficos relatando todo esse processo de ensino-aprendizagem.

As filmagens serão feitas na escola no horário agendado, portanto, sua imagem estará no vídeo documentário que será utilizado para fins científicos para que outros/outras professores/as o assistam.

Os riscos da pesquisa são mínimos, e, sempre que precisar pode contar com o suporte da professora/pesquisadora, não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu e você poderá desistir sem problema nenhum mesmo depois de ter iniciado as gravações.

Se sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora/pesquisadora Suzi Dornelas e Silva Rocha, sob a orientação da Profa. Dra. Andresa de Souza Ugaya pessoalmente ou pelo telefone (14) 98181-2478.

Deste modo, eu _____, CPF: _____, RG: _____, residente e domiciliado/a à Av/Rua _____ Cidade: _____

_____ AUTORIZO, através do presente termo, a utilização da minha imagem (fotos e vídeos) nesta pesquisa e tenho ciência de que a imagem será utilizada para fins científicos e de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor da pesquisadora, acima especificada, sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes.

Assinatura do/a participante

Assinatura da professora/pesquisadora

Bauru (SP), ____ de _____ de 2019.



APÊNDICE D – Autorização de Assentimento para utilização de imagem e vídeo

O seu filho/a está sendo convidado/a a participar do “Festival Viajando pelos Caminhos da África”. O objetivo desse festival é que os/as estudantes ensinem o que aprenderam sobre a Cultura Africana e Afro-brasileira para seus/suas amigos/as e familiares, e, como resultado da pesquisa, será feito um vídeo e registros fotográficos relatando todo esse processo de ensino-aprendizagem.

As filmagens serão feitas na escola no horário agendado, portanto sua imagem estará no vídeo documentário que será utilizado para fins científicos para que outros/as professores/as assistam-no.

Os riscos da pesquisa são mínimos, e sempre que ele/a precisar pode contar com o suporte da professora/pesquisadora, não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito dele/a e poderá desistir sem problema nenhum mesmo depois de ter iniciado as gravações.

Se ele/a sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, pode procurar a professora/pesquisadora Suzi Dornelas e Silva Rocha, sob a orientação da Profa. Dra. Andresa de Souza Ugaya pessoalmente ou pelo telefone (14) 98181-2478.

Deste modo, eu _____, CPF:
_____, RG: _____, residente e domiciliado/a à
Av/Rua _____ Cidade:
_____ AUTORIZO, através do presente termo, a utilização da
imagem (fotos e vídeos) do/a meu/minha filho/a
_____ nesta pesquisa e tenho ciência de que a
imagem será utilizada para fins científicos e de estudos (tese, livros, artigos, reuniões
científicas, slides e vídeos), em favor da pesquisadora, acima especificada, sem
quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes.

Assinatura do/a responsável

Assinatura da professora/pesquisadora

Bauru (SP), ____ de _____ de 2019.



APÊNDICE E – Instrumento de coleta de dados/questionário inicial

Nome: _____

Nome inventado: _____

Idade: _____

1) Como você se autodeclara em relação à cor/raça:

() Branco

() Preto

() Indígena

() Pardo

() Amarelo

2) O que você sabe sobre a história e cultura africana e afro-brasileira? Onde e com quem aprendeu?

3) O que você quer aprender sobre a história e cultura africana e afro-brasileira?

4) Você fala ou brinca sobre o que aprendeu sobre a história e cultura africana e afro-brasileira com sua família e amigos fora da escola?

() Sim

() Não

Por quê?



APÊNDICE F – Instrumento de coleta de dados/questionário final

Nome inventado: _____

1) Como você se autodeclara em relação à cor/raça:

- Branco Preto Indígena
 Pardo Amarelo

2) O que você achou de aprender sobre a história e cultura africana e afro-brasileira nas aulas de Educação Física?

3) O que você aprendeu sobre a história e cultura africana e afro-brasileira?

4) O que você achou da experiência de organizar o festival coletivamente com sua turma?



5) Como você se sentiu ensinando as atividades para as pessoas no festival? O que você aprendeu com isso?

6) Você falou ou brincou sobre o que aprendeu com sua família e amigos fora da escola?

() Sim

() Não

Se sim, de que forma?

7) Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre esse projeto?



APÊNDICE G – Instrumento de coleta de dados/questionário para os/as convidados/as do evento

Nome: _____

Idade: _____

1) O que você achou do projeto “Viajando pela Cultura Africana” desenvolvido com os/as estudantes do 5.º ano?

2) O que você achou do “Festival Viagem pelos Caminhos da África” organizado pelos/as estudantes do 5º ano?



APÊNDICE H – Diário de campo da pesquisadora





Diário de campo n:1 Data: 05/02/2019
Tema da aula: Apresentação da pesquisa e retorno
Participantes: Alunos do 5º ano B, Professora regente
da sala Helena

Neste dia, foi a primeira aula de Educação Física após o retorno das aulas. Cheguei na sala de aula do 5º ano B para a 3ª aula do dia. Cumprimentei os alunos e percebi que tinha alguns alunos novos e outros que vieram de outro período e já eram alunos meus. Me apresentei para os novos alunos e disse que conversariamos mais na quadra, pedindo para que se direcionassem até lá. Foi um caminho bem tranquilo, fui conversando com alguns alunos e os outros passaram pelo bebedouro para encher suas garrafas.

Em roda de conversa, relembramos os "combinados" para as aulas e ^{coletivamente} construímos novos combinados para esse ano. No segundo momento, expliquei para os alunos sobre a pesquisa que eu iria realizar na escola, e perguntei se eles concordariam em participar. Expliquei que como ela iria acontecer e que eles poderiam decidir se "sim" ou "não" gostariam de participar e que independente da escolha eu não ficaria chateada. Disse também, que ao participar da pesquisa eles poderiam escolher um nome de "mentirinha", e isso os deixou bem animados. Após explicar esses detalhes perguntei quem gostaria de participar e todos ergueram as mãos. Para os alunos novos expliquei que os outros colegas já participavam das aulas com a temática africana e afro-brasileira e



mesmo sendo novos
que eles também iriam participar e contribuir com a pesquisa. Disse que em breve falaria com os responsáveis pedindo o consentimento para que eles pudessem participar da pesquisa e a partir disso começaríamos a trabalhar com a mesma.

No terceiro momento iniciei uma conversa sobre o que marcou para eles da Educação Física desde o 1º ano, alguma atividade, vivências, apresentações, jogos, brincadeiras, danças, enfim, algo que ficou na memória deles. Um aluno de cada vez se apresentava e dizia o que tinha sido importante para ele. Surgiram vários temas de aula, brincadeiras, modalidades esportivas, mas dentre os citados muitos estavam relacionados a Cultura Africana e afro-brasileira que trabalhamos em aula durante esse período.

Alguns não se lembravam do nome da atividade mas explicava como era e outros colega ajudava a lembrar, ocorrendo uma construção coletiva da lembrança da atividade. Brincadeiras citadas: Shaka Zulu, G'bala, My God, Chica,

Os alunos ficaram muito engajados quando mencionei que o tema da pesquisa seria em relação a Cultura Africana.

Eles lembraram de alguns países da África mas houve uma confusão sobre alguns deles.

Finalizamos a aula após essa conversa pois o sinal para o recreio tocou e eles subiram até o pátio



Diário de campo nº 02

Data: 31/02

Tema da aula: Reunião com os familiares

Neste dia ocorreu a reunião de pais e familiares para as informações do início das aulas. Aproveitei esse momento para explicar o intuito da pesquisa e como será a participação dos alunos. Estavam presentes 12 familiares que se mostraram interessados com o assunto da pesquisa. Ao entregar o TCLE alguns pais optaram por levar para casa e outros assinaram e entregaram ficando com a 2ª via. Surgiu dúvidas sobre quais conteúdos seriam trabalhados e se seriam abordados assuntos religiosos, a partir disso expliquei que seriam abordadas danças, jogos e brincadeiras como eixos temáticos principais.

Uma mãe de aluna que chegou após o período foi atendida por mim e pela professora Karla e expliquei o propósito da pesquisa. Ela nos relatou que a Katryna se posiciona diante de qualquer situação de discriminação ou preconceito, e que isso acontece em casa ou em outro lugar que ela esteja.

Para os familiares que não estiveram presentes será encaminhado o TCLE pelo aluno juntamente com um bilhete que estará a disposição para atendê-los pessoalmente.



Diário de campo n: 03

Data 12/02/2019

Tema da aula: Quando eu viajei para a África
Participantes: alunos do 5º B, professora regente da sala
Hilena

Neste dia cheguei para a aula e os alunos estavam me aguardando. Tinha um TCLE sobre mesa da professora e solicitei para que se tivesse mais algum poderiam me entregar.

Percebi que o aluno Steven estava agitado e a professora Hilena disse que tinha chamado sua atenção algumas vezes antes de eu chegar e comentamos que algo poderia estar acontecendo com ele fora da escola que afetava seu comportamento.

Como alguns alunos ainda não tinham levado o termo de consentimento, entreguei e expliquei como deveria ser feito e para os alunos que já tinham sido consentidos pelos familiares entreguei o TALE e os orientei do preenchimento.

Após esse momento, iniciamos ^{em sala} a brincadeira "Quando eu viajei para a África..." na intenção de perceber o que vem à cabeça quando o assunto é o Continente Africano, tomando também um diagnóstico inicial. Os alunos deveriam dizer algo sobre o que aconteceu, o que fizeram, o que conheceram quando na sua imaginação, viajaram para o Continente Africano. Cada aluno completou a frase do seu jeito e as percepções foram: "que eu vi um leão", "subi em uma gorafa", "via uma manada de elefantes" "quase fui comido por um leão", "nadi em um rio



com hipopótamos", "viu um jacaré", "perceu" entre outras que estavam relacionadas à vida dos animais selvagens. O aluno Michael J. citou que brincou de "Shaka Zulu", uma brincadeira afro-brasileira que vivenciamos no 2º ano e é sempre citada por ele. O aluno Miguel foi o único que relacionou a sua viagem à compras de algo específico como "roupas novas". Durante a fala dos colegas, os alunos Hiverni e Felipe conversaram e atrapalharam os colegas.

Após esse primeiro momento, os alunos deveriam falar novamente suas frases só que repetindo o que os colegas anteriores tinham falado, o que exigia concentração e trabalho de memória. No início, eles tinham facilidade para se lembrar, mas conforme iam aumentando as frases ia se tornando mais difícil, porém engraçado pois os próprios alunos rião do esquecimento. Ao chegar na vez dos alunos que estavam conversando e atrapalhando não conseguiam falar na ordem, e acusaram esquecimento. Neste momento o questionei se o motivo realmente era este, os mesmos afirmaram que sim porém foram questionados pelos outros colegas. Ao final da brincadeira apenas o aluno Dog conseguiu falar a sequência de frases corretamente.

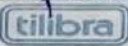
Para esse dia estava programado a aplicação do questionário inicial, mas como as atividades demoraram mais que o previsto entreguei para que pudessem colocar seus ^{dados} nomes pessoais e escolherem o "nome inventado", o que gerou uma ani-



macão por parte dos alunos. O aluno Felipe perguntou sobre o que seria a ^{autodivulgação de} cor parda, e expliquei para ele que seria a mistura (usei esse termo para que entendesse) de preto com branco e com isso ouvi alguns alunos dizendo então sou pardo! Diante disso, a professora Helena comentou que ouviu o aluno Pradim dizendo "Eu sou pardo pois meu pai é branco e minha mãe é uma bota de uma morena". Antes de que o sinal tocasse expliquei para os alunos que eu não poderia auxiliar em suas respostas, que deveria ser a opinião verdadeira e pessoal sobre o assunto. O sinal tocou para o recreio e recolhi os questionários.

Diário de campo nº 01 Data 14/02/2019
Tema da aula: Questionário e Diário dos alunos
Participantes: alunos do 5º B e professora regente da sala "Helena"

Neste dia cheguei na sala, cumprimentei os alunos e pedi para que a professora Helena escolhesse um aluno para que pudesse me ajudar com os materiais que iriam ser usados na aula, então ela escolheu o Miguel pois era o aniversariante da semana. Quando retornamos, conversei com os alunos sobre o que iríamos fazer hoje e primeiramente recolhi os termos e entreguei para aqueles que ainda não tinham assinado. O aluno Naruto retornou para a escola, era aluno da turma no ano anterior mas só frequentou as aulas de E.F. no final do 4º trimestre.

 Expliquei para ele o que seria realizado

neste projeto e ele aceitou o convite para participar.

Em seguida, expliquei que finalizaria a aplicação do questionário inicial, e que nossa aula seria na sala de aula, eles compreenderam somente o Steven estava agitado como de costume deixando os colegas agitados também. Os alunos no geral estavam muito falantes e precisei acalmá-los para que pudessem finalizar o questionário. Eles demonstram muito interesse pelos livros e cadernos (diários) que estavam sobre a mesa, e disse a eles que explicaria posteriormente.

O Steven e a aluna nova Anita não estão alfabetizados, então pedi que a prof. Helena os auxiliassem na escrita das respostas do questionário. O Steven ao se autodeclarar disse ser indígena pois sua avó materna é.

Conforme os alunos terminavam seus questionários entreguei alguns livros com a temática da Cultura Africana e Afro-brasileira para que folhassem enquanto os outros colegas finalizavam.

A aluna Alice Queen percebeu que um dos livros que estavam ali tinha sido lido pela professora regente no 2º ano, e também que em quase todos os livros que ela tinha lido observou que tinha uma mesma árvore, mas que não era o Baobá então disse a ela que podemos descobrir o que ela significa. A Aurora comentou sobre algo que a deixou indignada, era uma imagem de Apartheid em que tinham bebedouros para brancos se-



ganhei Cartinha da Katryna

parados dos negros. Ela disse "isso é um absurdo porque todos somos iguais e que não existe diferença entre ser negro e branco". Essa fala foi muito importante pois mostrou sua indignação perante a segregação racial da época. Os alunos foram trocando de livros entre si e eu disse que se eles tivessem interesse em ler mais que poderiam emprestar da biblioteca da escola que possui mais exemplares em uma prateleira reservada ou também na caixa de livros que fica na sala.

Quando todos finalizaram o questionário, faltava apenas 10 minutos para finalizar a aula então expliquei brevemente sobre o diário de bordo deles. Entreguei para eles um caderno de desenho e expliquei que neles seria registrado o que eles sentiram, aprenderam, perceberam durante as aulas. Mostrei para eles o livro "Adule Adule: assim brincam as crianças africanas" e pedi para que eles apontassem o que chamava a atenção na capa do livro. Eles disseram: "o nome do autor", "os desenhos", "colorido", e diante disso disse para que eles criassem a capa do diário pessoal e base na cultura que estamos estudando. Essa atividade

Por fim, em uma decisão do grupo decidimos ^{ficou de} chamar o diário de "meu diário" e "minhas anotações".


Finalizamos a aula e a produção da Capa ficou como tarefa para a próxima aula.



Diário de Campo n° 05 Data: 19/02/2018
Tema da aula Brincadeira Mamba Livro Nduli Nduli
Participantes: alunos do 5°B e professora regente da sala
"Helena"

Neste dia, iniciei a aula na sala de aula e recebemos uma nova aluna, a Melissa. Expliquei a ela sobre a pesquisa e ela aceitou participar. Recibi os termos de alguns alunos e perguntei quem tinha feito a tarefa no "diário". Eles estavam empolgados em mostrar seus trabalhos, alguns já tinham terminado e outros estavam finalizando, apenas o Steven não tinha feito ^{iniciado} e expliquei novamente a tarefa assim como para a nova aluna.

Observei muitas obras interessantes feitas por eles como: mulheres negras com travessas sobre a cabeça, ou com turbantes, máscaras africanas, mulheres negras com cabelo "afro", mapa do continente africano e também paisagens com animais selvagens. O Dudim desenhou um arco e flecha e orientei ele que se tratava de um artefato mais específico da Cultura indígena, e penso que houve essa confusão por ter sido trabalhado no ano anterior ^{essa} cultura nas aulas de E.F. Ele compreendeu a diferença e disse que queria refazer. Perguntei a eles se tinham pesquisado em algum lugar.

Após esse momento, iniciei a leitura do livro Nduli Nduli assim brincam as crianças africanas. No primeiro momento fizemos uma análise dos ^{ele} e alguns deles fizeram com base nos conhecimentos que tinham sobre o tema e outros fizeram pes^{quisa}  na internet.



conjuntamente
mentes da capa, biografia do autor e ilustrador.
Aproveitando essas informações pedi à eles que fizessem
seu auto-retrato no diário, bem como sua biografia
como tarefa para casa. Eles ficaram empolgados com
essa tarefa.

Em seguida, li a história do Livro e a brincade-
ira "Mamba" que as crianças da África do
Sul ensinavam. Eles ficaram entusiasmados para realizar
essa brincadeira na quadra. Perguntei à eles sobre
o país que vinha essa brincadeira e alguns deles ainda
associou à 1 único país que se tratava a África e
a Kikana Amka lembrou que "no Cont. Africano tem
54 países". Tiramos as dúvidas sobre a brincadeira
e fomos até a quadra para a vivência. A Brenda se
lembrou que nós brincamos dessa brincadeira no 1º
ano. Disse que eles quisessem registrar algo da aula
no "Diário" poderiam fazer.

O Pantera II. se ofereceu para iniciar a brincadeira
sendo a mamba, aos poucos ele ia pegando os cole-
gas que aumentava sua calda. Durante a atividade
percebi que alguns colegas caíam mas ninguém se ma-
chucou, porém o Miguel e Felipe demonstraram
agressividade ao encurrular seus colegas e pelhadas.
Não foi possível finalizar a atividade devido ao
tempo. Realizamos uma roda de conversa após a
brincadeira e fiz a pergunta: O que vocês sentiram,
prezaram ou aprenderam com essa brincadeira: "que
foi legal e que parecia um pega-pega" (Kikana) e
quem tem gente que não colabora, não cumpre as
regras sendo do círculo e empurra (Kikana)



/ /

"que dois meninos que colocavam o pé para en tropeçar" (Pudim). Conversamos sobre essas atitudes e eles disseram: "Que para essa brincadeira precisa ter trabalho em equipe" (Aurora); "tem que ter colaboração" (Miguel).

Logo em seguida, tocou o sinal para o recreio e subimos para o pátio.



Diário de campo n°06

Data 21/02/2019

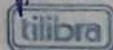
Tema da aula: Gato e rato

Participantes: alunos do 5ºB e professora regente da sala Helena

Neste dia, iniciei a aula na sala, eles estavam ansiosos para mostrar os registros que tinham feito no caderno que por sinal estavam muito originais e criativos.

O Steven disse que estava tendo dificuldades para realizar os registros, então disse para ele que poderia pedir ajuda para algum familiar (ele ainda não está alfabetizado e se sente inseguro para registrar). Lembrei a todos que os registros são voluntários e que eles podem usar a criatividade para fazê-los.

O Steven notou que tinha um mapa mundi pregado na parede (que eu prequei antes da aula para usarmos durante o projeto). Quando eu perguntei se ele tinha notado, os outros colegas disseram que também tinham percebido assim que chegaram. Perguntei porque eles achavam que eu tinha pregado o mapa na parede e eles disseram que seria para encontrar a África do Sul (país da última brincadeira) e eu disse que seria para reconhecer o continente Africano e seus 54 países. O Steven falou "que sabia que tinha algo haver com nossa aula". Perguntei o que era um continente e o M. Jackson respondeu "um conjunto de países". Juntos olhamos e conversamos sobre as características do mapa e reforcei que a África do Sul é apenas 1 dos 54 países do Continente Africano.



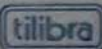
Falei que a atividade de hoje era continua-



Mbappe e nasceu na França mas tem
descendência Camaronesa

cão do livro Adule Adule e iniciei a leitura da
brincadeira "gato e rato" que no idioma deles se
chamava Kameshi de Mpuku da República Democrá-
tica do Congo. O Michael ^{feke} relacionou "a palavra Mpuku
com o Mbape jogador da França" e disse que a pronú-
cia é parecida. A ^{Marykemellu} disse "eu acho que o
Mbape veio da Nigéria, eu ouvi em algum lugar", então
pedi para que ela pesquisasse se essa informação é
correta. Ao dar as instruções da brincadeira a Brenda
disse "a gente já brincou dessa brincadeira" e lembre
a eles que assim como fala no livro ela é conheci-
da em todo o mundo. A pedido do Ativen escrevi
o nome da brincadeira nos dois idiomas e o nome
do país. Tirada as dúvidas, eles foram localizar
o país no mapa. O Michael ^{feke} disse "Kameshi deve
ser gato na língua deles e Mpuku rato", então disse
que poderia pesquisar qual idioma é mais falado no
país, e que eles poderiam notar que em muitos países
falam mais de um dialeto. O Pudim Amassado
achou interessante que "não sabia que o Egito e Marro-
cos ficava na África", ele sugeriu também que poderia
fazer uma modificação na brincadeira "o cachorro vai
tentar pegar o gato e o gato tenta pegar o rato", então
disse a ele que em outro momento poderíamos recuar
os jogos que conhecemos.

Durante a vivência da atividades os alunos
ficaram muito empolgados, não foi possível todos os
alunos representarem algum personagem devido ao tempo,
porém nenhum deles se mostrou chateado por isso.

Após a vivência, realizamos uma roda de 




conversa a respeito do que tinha sido vivenciado e aprendido na aula. Deixei eles livres para começar a falar sobre o que sentiram. Eles estavam agitados e tive que pedir colaboração para que um de cada vez pudesse falar. A Alice Inuen disse "a gente precisou de trabalho em equipe para não poder deixar o gato entrar ou sair" que demonstrar estar do lado do rato. O Felipe não deixava os colegas falar, atrapalhando com gracinhas e pedi para que colaborasse pois sua atitude não estava sendo legal. A Aurora disse que "eu gostei porque é um pega-pega diferente e que a gente ajuda na roda", e também gostei porque você (eu professora) brincou", e o Steven disse "a professora é rápida". O Dudim Amassado explicou sua ideia de mudança para a brincadeira e os colegas gostaram. O Michal Jackson reclamou que alguns colegas apertaram quando ele era o gato, então conversamos dessas atitudes. Disse também "que tipo que se essa história (gato e rato) assim, tipo se fosse uma crônica ^{tipo} seria assim você pode querer muita coisa na sua vida mas tem muita coisa que vai te impedir, muita coisa!" que como se fosse o desafio da vida. Então o Meliodas BR disse que o desafio dele "era emagrecer".

A aula terminou e pedi para que dois alunos trouxesse duas garrafas de areia e dois gravetos para a próxima aula. Então ficou decidido que a Katryna e Brenda ficaram responsáveis pelas garrafas e a Raquel pelos gravetos. Em seguida voltamos para a sala.



Diário de Campo nº 07 Data: 26/02/19
Tema da aula: Ambutan (Nigéria)
Participantes: Alunos do 5º B e professora regente da sala Helena

Neste dia, cheguei na sala de aula e perguntei se os responsáveis pelos materiais trouxeram o que ficou combinado. A Brenda tinha faltado porém a Katryna trouxe areia o suficiente, pois devido ao tempo chuvoso tinha apenas 14 alunos na turma. A Raquel trouxe uma sacola de gravetos para a atividade, mas era necessário somente 1. Combinei com os alunos que trouxessem seus diários na próxima aula, para que eu pudesse levar para casa no feriado para encapar com papel contact. Perguntei sobre os registros, se eles estavam conseguindo realizar, alguns disseram que sim e poucos disseram que não. O Steven disse que não conseguia fazer e disse para que ele pedisse para que alguém em casa o ajudasse e ele disse "a Vitória (irmã) não tem tempo." Seu comportamento nas aulas têm sido difícil pois quando começo a explicar ele me interrompe com assuntos que não condizem com a aula. Peço que ele colabore comigo, mas percebo que ele precisa da minha atenção.

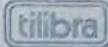
Iniciei a leitura do texto mas antes comentamos sobre a atividade da aula anterior e eles lembraram que a Bruncadeira era "gato e rato" e a Aurora lembrou "Kamshé de Npuku" e que era da R.D. Congo. Perguntei se alguém se lembrou de pesquisar sobre de qual descendência era o Nkappé, questionamento da 



aula anterior e a Ribana Omia Marshmellow disse "Camarões". Expliquei ^{complementando,} que ele nasceu na França mas que seus ancestrais vieram de Camarões, país Africanos. E juntos procuramos onde ficava o país no mapa e reforçamos que existem 54 países no Cont. Africa-
na.

Voltando a atividade, iniciei a leitura da brincadeira "Ambutan" do livro, e ao perguntar se alguém conhecia a Ribana Omia Marshmellow disse "Pô eu já brinquei uma única vez com meu primo porque uma vez ele tava fazendo um projeto da escola e ele tava fazendo sobre essa brincadeira e eu acho que eu ajudei ele, eu não lembro direito" e perguntei se ele era dessa escola e ele disse "não, de outra".

Fiz a leitura das instruções, mostrei as ilustrações e o Michael Jackson disse "Olha a bandeira, devia ter visto antes para acertar" em relação ao país Nigéria, que já conhecia essa bandeira. Lembramos que no projeto da "Copa do Mundo" eles tinham confeccionado as bandeiras e a Nigéria foi representada pelo 1º ano. Diante da curiosidade dos alunos pelos idiomas falados nos países, disse para os alunos que na Nigéria se falava o Hauca como o idioma materno e o Inglês, ^{que vem de} quem colonizou o país foi a Inglaterra (Britânicos).

Ribana disse "escravizaram muitos africanos". Disse também que o Yorubá é um dialeto muito falado pelos nigerianos. A Prof^a Helena disse que assistiu uma matéria na TV sobre o país Congo e seus idiomas maternos e dos colonizadores no caso o Francês. Em relação ao  idioma Yorubá, disse que ele é falado

por muitos povos africanos devido ao povo "bantu" e o Naruto Usunaque disse: "eu sei um pouco de Iorubá" "eu conheci com meu vô" "ele aprendeu com o pai dele, ele sabe tudo de Iorubá". Os colegas ficaram curiosos e pedi a ele que perguntasse mais sobre isso ao seu avô.

Durante o caminho para quadra o Naruto Usunaque e eu conversamos e ele disse "meu avô fala bem fluente, é que meu vô e meu pai viajaram muito e eles aprenderam línguas".

Chegamos na quadra, sentamos no círculo no centro da quadra e fizemos um montinho de areia. O envolvimento e empolgação de todos era evidente. Conforme iam derrubando o graveto, os participantes eram eliminados. O Naruto Usunaque foi o primeiro a sair e quando perguntei se teria ficado chateado por sair disse "Eu sabia que ia derrubar" e mudou de assunto dizendo "o meu rosto está cheio de espinha", e eu disse que é porque está entrando na fase da adolescência. Ele tem 12 anos diferente da idade média dos alunos, 10 anos.

Devido ao tempo, não foi possível finalizar a brincadeira restando 5 participantes. Enquanto recolhíamos a areia, conversamos sobre a aula, pela empolgação dava para perceber que gostaram da brincadeira. Em relação a pergunta o que acharam da aula e aprenderam: "Concentração (Naruto Usunaque)", "equilíbrio, paciência (Hikana)", "Que não se deve destruir sua reputação (M. Jackson)".

O sinal para o recreio tocou e eles saíram para o pátio.



Diário de Campo n° 07 Data: 28/02/2019
Tema da aula: Caminhos da África
Participantes: Alunos do 5°B e professora regente da sala Helena.

Neste dia, devido ao tempo chuvoso precisei fazer uma alteração no planejamento, pois não era possível ter acesso à quadra. Então a atividade prevista para esse dia que se tratava da Continuação do livro Adule Adule Brincadeira Cão que rouba o osso foi substituída pela leitura do livro "Caminhos da África" de Adyr Assumpção.

Cheguei na sala e expliquei a situação e que não iríamos para a quadra. Os alunos compreenderam! Relembramos a atividade da aula anterior e eles lembraram o nome e o país da Brincadeira.

Segui com a atividade do dia, e expliquei que iríamos fazer a leitura do livro e no final teria uma surpresa, e eles disseram: "uma brincadeira?" e eu disse: "um jogo!", o que causou empolgação. Adiantei que no livro eles encontrariam muitas informações do Continente africano. Entreguei os livros e pedi para que sentassem em duplas e que fizessem a leitura juntos (tinha 12 livros para 20 alunos). Disse à eles que esse livro estava disponível na biblioteca da escola. Eles se organizaram e sentaram em duplas, apenas o Steven ficou sozinho, então ele sentou em trio com a Alice Queiroz e Aurora e o auxiliaram na leitura.

Pedi que os alunos prestassem muita atenção na leitura, que depois ela seria importante para

o jogo. Ao abrir o livro perceberam que na capa ^{interna} tinha os nomes dos países da África. Na dedicatória, o autor dedicava seu livro à "Teté Omim" e o Naruto Usanaque disse "Omim é água em Torubá", e a professora Helena confirmou que estava correto, consultando

O livro explicava sobre o mapa e como eles foram feitos ao longo do tempo, mais específico ^{pela internet} sobre a África. Fui realizando a leitura juntamente com os alunos e fomos comentando sobre curiosidades. Surgiu a curiosidade de ver o caminho de Vasco da Gama ao contornar o Continente Africano até chegar na Índia (Caucutá), então fizemos esse caminho pelo mapa que tinha na sala. Ao entrarmos no assunto dos portugueses quando chegaram ao Brasil, o Naruto Usanaque disse "Eu acho que o Brasil não foi descoberto, por causa que os índios já tava aqui" e "os africanos veio de navio negreiro pra cá" e "eles fugiram para os quilombos" (vários alunos). Durante o livro surgiu o assunto do Quilombo dos Palmares e ao perguntar se eles lembravam que era "o Zumbi" (Michael Jackson) e que o quilombo era "o refúgio" (Rihana). O M.J. ficou curioso sobre o significado de "Zumbi", então disse que pesquisaria e falaria na próxima aula, apesar de já ter lido sobre tinha esquecido dos detalhes.

Rihana disse "os africanos foram os que mais colonizou (povoou) nosso país".

Ao final da leitura do livro dividi a sala em 2 equipes para iniciarmos o jogo, que se baseava em perguntas e respostas sobre o livro. A equipe 1 escolheu o pino preto e a 2 o pino branco.



Quem acertava a pergunta, podendo consultar, avançava no tabuleiro e quem errava tinha que pagar prendas ou voltar casa. A disputa ficou acirrada e ao final quem venceu o time preto, no desempate. Em roda de conversa, dialogamos sobre a competição e seus valores e que a ideia da brincadeira era na intenção de ampliar os conhecimentos sobre a África. E fiz a pergunta sobre o que aprendemos com a aula e se destacaram as falas: "Aprendemos vários países" (Naruto); "Aprendemos mais sobre a cultura Africana, e nome dos países, aquele caminho no mapa" (Aurora); "os animais que ficam na margem do rio" (Alice Queen); "a gente viu vários tipos de mapa né" (Aurora); "Aprendi que nós somos melhores" (Steven), e diante das falas dele os próprios alunos o questionaram.

Finalizei a aula na sala e peguei os diários dos alunos para encapar durante o feriado.

Diário de Campo n° 08

Data: 12/03/2019

Tema da aula: Atra e Watswang Le Lesapo "Cão que rouba osso"

Participantes: Alunos do 5º ano B e Professora Helena
(regente da sala)

Neste dia iniciamos a aula na sala, expliquei que tinha muitos recados para dar e iniciar a atividade do dia, por isso precisava da colaboração de todos. Conversamos sobre o comportamento, pois ultimamente a turma está bastante agitada e isso atrapalha o desenvolvimento da aula. Entre que os diários que tinha levado para encapar no feriado e elogie o capricho e criatividade dos registros realizados, no entanto ficou faltando alguns e pedi que finalizassem a capa para que eu pudesse levar no final de semana. Reforcei a importância do registro voluntário das atividades no diário, e elogiei também os que tinham realizado.

Iniciei a explicação da atividade com a leitura do livro "Ndule Ndule" e da brincadeira "Atra e Watswang Le Lesapo - Cão que rouba o osso" da país africano Botswana. A pedido dos alunos escrevi o nome da brincadeira na lousa, pois acharam a pronúncia diferente. Michael Jackson disse "igual aquele que joga a bola e que eu gostava" e o Pantera Negra lembrou: "Shaka Zulu". Tiramos as dúvidas da brincadeira e vendo as ilustrações do livro, os alunos estavam muito empolgados para vivenciar, porém devido a agitação durante a aula e os recados que foi necessário, não foi possível realizar a brincadeira sendo adiada para a próxima aula.

Conversamos sobre a diferença dessa





Brincadeira para a Shaka Zulu, e a Aurora lembrou "Aquele pontava o rosto" e reforçou que a Shaka Zulu foi uma brincadeira inventada no Brasil por isso ela é considerada afro-brasileira e contava a história do Povo Bantu pela disputa por territórios.

Conversamos também sobre as características do país da brincadeira "Botswana", bem como seus aspectos culturais: como idioma, clima, etc. Michael Jackson disse "não sei se é na África que tem um lugar lá que parece também tem canguru e acho que tem uma montanha grande assim". Expliquei que existe muitas diferenças de clima, com diferentes relevos, fauna e flora entre os países da África.

Os alunos foram até o mapa para localizar onde fica o país da brincadeira.

Pedi que na próxima aula tivesse mais colaboração de todos para que pudéssemos realizar todas as atividades.

Dei sinal para o intervalo tocou e pedi para que os alunos que não quisessem conversar comigo poderiam sair. A Aurora disse "Lá em Curitiba eu fui num museu Egípcio lá, aí tem uma múmia de verdade lá, só que não podia tirar foto, só que tava morta né (risos). Tinha um bebi e uma moça que era cantora, só que não podia tirar foto. Lá tem uma coisa muito estranha, uns animais, com aquele gesso sabe, filhote de animal que morre e eles colocam lá... muito estranho."



Diário de campo n° 09

Data: 14/03/2019

Tema da aula: Atsa e Wotswang de Lesapo "Cão que rouba o osso" da Botswana - Zivência

Participantes: alunos do 5º ano B e professora regente da sala Helena

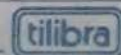
Neste dia, cheguei na sala e percebi que tínhamos dois alunos novos, me apresentei e expliquei como seriam nossas aulas de E.F. nesse semestre e como funcionaria o projeto. Perguntei aos novos alunos se eles já tinham tido contato com a temática "Cultura africana e Afro brasileira" anteriormente, e o Max disse que tinha aprendido sobre no projeto Canaã, só que não se lembrou de nada no momento.

Entreguei os diários para os alunos recém-chegados e expliquei sua finalidade. A MC Mirela oportou "Professora, você percebe que todo mundo que entra no haniéri não sabe nada sobre a África. Perguntei aos alunos por que eles achavam que isso acontecia: "Por causa que não teve na escola deles (Steven)", "Para algumas escolas é um projeto novo (Raquel)", "É porque em algumas escolas pode trabalhar outros tipos de projetos e esse não" (Alice Queen). Conversamos sobre a importância de se aprender esse tema na escola.

Reforcei a importância sobre a colaboração do comportamento, pois na última aula não foi possível realizar a atividade devido a agitação dos alunos.

Recolhi alguns diários para encapar no final de semana e pedi para que cuidassem bem dele durante nosso projeto.

Retomamos a explicação da brincadeira





da aula passada que ficou para ser vivenciada hoje. O Michael Jackson Allan Walker explicou corretamente como brincava de "Cão que rouba o osso" e a Khamma Amba Marshemellou lembrou: "ele é lá de Botswana e lá eles falam a língua xtsulana e inglês". Realizei novamente a leitura da explicação da brincadeira no livro para que os novos alunos entendessem melhor a contextualização. Tiradas as dúvidas, os alunos localizaram o país no mapa e fomos até a quadra vivenciar a brincadeira.

Dividi a turma em duas equipes para a disputa pelo osso. Os alunos estavam animados e empolgados, e demonstraram ter entendido a brincadeira. Foi uma disputa acirrada, em que ficou empatada até o final vencendo a equipe amarela por 16 x 15.

Realizamos uma roda de conversa para que eles pudessem falar sobre o que aprenderam na aula, sobre as atitudes. Destacaram-se as falas "Eu aprendi hoje que foi apoiar um pouco mais e ser mais atenta" (Melissa), "Eu achei muito legal essa brincadeira, e uma atitude assim, não foi uma atitude mas foi um pouco aparente, e teve pessoas não só da minha equipe mas outras da outra equipe também ^{que} ficaram meio desatentas" (Aurora), "Perder é ruim" (Haruto Usanage); "Teve uma pessoa que ficava falando das outras, que falar que eu era lerdar e depois ela não conseguiu ir" (Raquel); "Você tem que ter confiança" e se perder tem que levantar, sacudir a poeira e continuar em frente" (Michael Jackson) "Aprendi 4 coisas: a ter coragem, me arriscar, ser mais atento e ser mais rápido" (Meliodas BR); Em relação a



votação do Grêmios Estudantil, que aconteceu na semana a Katryna, relacionou a aula de hoje: "Minha mãe, no dia da votação falou assim você não precisa ficar preocupada se a outra chapa ganhar, porque o que importa mesmo é você competir." Outras falas chamaram a atenção: "Pra mim não foi tipo, se eu tivesse perdido eu não ia ligar porque eu também tava torcendo pro time deles" (Aurora); "Pra mim eu achei assim ok tô competindo mas se eu perder não tem problema, então eu tô brincando pra se divertir" (Melissa); "Eu tava torcendo para o outro time também, se ganhasse tanto faz, eu perdi mas eu tô rindo que nem um bobo aqui (risos)" (Alic Queen). Sobre a brincadeira ser da África: "ensina a ter respeito" (Max);

Finalizamos a aula com a roda de conversa e os alunos voltaram para a sala.



Diário de campo n° 10 Data: 19/03/2019

Tema da aula: Mwendaji na Mwala "Caçador e a Gazela" da Tanzânia

Participantes: Alunos do 5° ano B, professora regente da sala, estagiários do Projeto Brincando e Dialogando que farão observação das aulas Capi e Akiz

Neste dia, cheguei na sala de aula e eles estavam em silêncio total. Fiz a chamada e comeci a entregar os diários que tinha levado para encapar. Apresentei os estagiários do Projeto Brincando e Dialogando que irão acompanhar nossas aulas na terça-feira.

Percebi que algo estava estranho, pois eles estavam muito sérios e silenciosos e suspeitei que estavam aprontando algo.

Iniciei a explicação da brincadeira mostrando as ilustrações do livro e alguns alunos disseram: "cobra cega", "marco polo" e a Brenda lembrou: "é uma roda, aí duas pessoas ficam vendadas, aí uma tem que ficar batendo palmas e a outra tem que ouvir e sair procurando". Alguns alunos já tinham vivenciado anteriormente. Escrevi o nome original e o traduzido na lousa. Fiz a leitura das instruções da brincadeira Mwendaji na Mwala "Caçador e a Gazela" da Tanzânia. Tirada as dúvidas da brincadeira, combinamos que o silêncio é importante para dar certo.

Antes de descer para a quadra, eles revelaram que tinham combinado de me "trollar" e ficar todos quietos com cara de triste. Foi um momento de descontração nos dirigimos até a quadra para realizá-la



brincadeira, quando sentamos na roda para começar perguntei se eles não se lembravam de outra brincadeira da Tanzânia e eles lembraram "Simama Kaa" e eu disse que o mesmo idioma dela era o que era mais falado na Tanzânia, o "Suaile".

Os alunos estavam empolgados com a brincadeira mas o tempo não foi suficiente para que todos pudessem vivenciá-la, por isso combinamos que na próxima aula terminariamos e se todos colaborassem daria tempo de realizar a outra atividade.

Na roda de conversa, perguntei o que eles tinham achado da brincadeira e aprendido com ela. Se destacaram as falas: "A gente aprendeu um pouco de não roubar no jogo" (Melissa) continuou "Eu estava vendo eu não fechei o olho, eu estava com medo"; "o cego se daria bem nessa brincadeira" (Riquel); "Mas se não tivesse ajuda não dava" (Meliodas BR), "Quando tá fazendo assim parece que você é golfinho, que você usa o radar de som" (Michael Jackson Alan Walker).

Como não deu tempo de todos vivenciarem a brincadeira como Caçador ou Gazela, combinamos que na próxima aula finalizariamos, para partir para a próxima atividade.



Diário de campo n° 11

Data: 21/03/2019

Tema da aula: Brincadeira Adule Adule do país

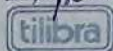
Guiné Bissau

Participantes: Alunos do 5° ano B e professora regente da sala Helena

Neste dia iniciei a aula na sala de aula, fiz a chamada como de costume e pedi os diários que não tinham sido encapados para que eu pudesse levar. A Melissa veio até mim e disse: "A minha mãe falou assim que ela ficou feliz que você está me ensinando essas coisas, porque eu falei pra ela né. Ai ela falou que ela gostou de você porque ela queria que eu aprendesse essas coisas aqui". Essa fala me deixou feliz e realizada, pois os alunos tem comentado sobre as aulas em suas casas e xus familiares tem (re)conhecido esse trabalho.


Lembramos como foi a brincadeira da aula passada e combinamos que os colegas que não tinham vivenciado iriam ter a experiência nessa aula. O HBX Troll lembrou: "Que essa brincadeira tem que ter muita atenção porque precisa ouvir" e o Michael Jackson Alan Walker disse "e é da Tanzânia". Pedi para que os alunos indicassem no mapa onde ficava a Tanzânia e também o país Guiné-Bissau que era referente a próxima brincadeira.

Fomos até a quadra para vivenciar a primeira brincadeira, em que o restante dos alunos puderam experimentar. Ocorreu tudo tranquilamente.



Em seguida, os alunos sentaram no círculo

para que eu pudesse fazer a leitura das instruções da brincadeira "Adule Adule". Os alunos estavam muito empolgados com essa atividade e acharam interessante ela ter o nome do livro. A Aurora disse: "Essa deve ser muito legal". Pedi para as crianças trazerem informações sobre a Guiné Bissau para a próxima aula. Expliquei a atividade e tirei todas as dúvidas partimos para a vivência na arquibancada da quadra, já que não temos um banco como na brincadeira original. Foi possível realizar duas vezes, sendo que na primeira quem não conseguiu sustentar as duas pernas no ar saía, restando somente um ou dois. Quem saiu vencedor na 1ª foi o Michael Jackson Allan Walker e a Alice Queen. Na 2ª rodada os vencedores que conduziram a brincadeira. Os alunos que iam saindo ajudavam como "fiscais" para não deixar ninguém trapacear. Quem venceu a 2ª rodada foram o Max e Brenda.

Na roda de conversa, os alunos dialogaram sobre o que aprenderam nessa aula. Se destacaram as falas: "Tinha que ter força na coluna e abdomen" (Michael Jackson Allan Walker); "Aprendi a ter mais equilíbrio, força no abdomen, força nos braços e nas costas" (Melissa); "Que as brincadeiras são divertidas" (Aurito Usanaque); "As brincadeiras tem várias anotações no meu caderno de anotações, aí todo dia minha mãe vê minha bolsa e ela vê meu caderno e fica orgulhosa" (Melissa); "Eu achei essa brincadeira e todas as outras são legais e nessa brincadeira você tem que ter resistência, e sabe as brincadeiras africanas eu prefiro mais algumas do 



que as que a gente já brincava assim antes, porque é diferente, mais divertidas assim, e as outras a gente já brincava bastante, aí eu engoei. (Aurora).

Expliquei para eles que com base na respostas dos questionários que eu apliquei no início do projeto eu estava planejando as aulas, levando em consideração os interesses que eles tinham em saber mais sobre o tema.

A Melissa disse: "na minha outra escola a gente brincava de tipo, era tipo como se não tivesse Educação Física, que nem aqui, aí a gente só brincava de peixinho na rede, futebol, era quase todo dia futebol, essas coisas. Aqui eu achei diferente, aqui a gente começou a trabalhar esse projeto, lá a gente nunca trabalhava projeto".

Ela completou: "Além de eu ter gostado, os meus irmãos gostaram, o meu pai, ele falou que vai ver meu caderno pra fazer com a gente lá no sítio". A Alice Guicon comentou: "Eu vou na casa da minha vó e lá tenho uns amigos que moram do outro lado da rua e em outras quadras, aí tem umas horas que a gente tá lá brincando mas não tem nada pra gente fazer, a gente engoa daquela brincadeira e as vezes eu ensino as brincadeiras que eu aprendo aqui na escola".

Com esses relatos percebeu que os conhecimentos construídos pelas crianças tem sido significativos e que estão comentando e ensinando para outras pessoas fora da escola.



Diário de campo nº 12 Data: 26/03/2019

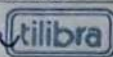
Tema da aula: Brincadeira Kyembalay do país Senegal

Participantes da aula: Alunos do 5º ano B, professora regente da sala Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando que farão observação das aulas. Capiz e Atiy

Neste dia iniciei a aula na sala, fiz a chamada como de costume. Após isso, perguntei se alguém ficou doendo depois da vivência da brincadeira Adule Adule e alguns disseram que sim (na perna, no abdome) e outros que não.

Expliquei que nesta aula nós finalizaríamos a leitura e vivências do Livro Adule Adule e eles demonstraram tristeza por estar acabando, porém disse a eles que teríamos muitas outras atividades legais pela frente.

Para a próxima aula expliquei que teríamos uma atividade para testar os conhecimentos dos alunos, então pedi para que estudassem tudo que foi ensinado durante as aulas para ajudar nesta atividade.

Iniciei a leitura da brincadeira Kyembalay e escrevi seu nome na lousa, bem como o país da qual ela pertencia. Por ser uma brincadeira que envolve coágas logo os alunos começaram a comentar se tinham ou não. O HBXTroll comparou essa atividade com outra que tínhamos vivenciado sobre a Cultura indígena: "Essa brincadeira parece uma que a gente fez aqui na escola, que a gente segurava no poste e os outros fazem cosquinha". Outros alunos comentaram de brincadeiras indígenas que aprenderam sobre o povo Kalapalo, que era 



o tema do projeto no ano anterior.

Tiramos as dúvidas sobre a brincadeira e finalizei a leitura do livro, e os alunos lembraram como foi interessante aprender com esse livro.

A Alice Queen disse: "Lembra que na aula passada eu te falei que eu estava ensinando essas brincadeiras para meus amigos, então aí eu ensinei aquela 'Ndule Ndule'. Com isso enfatizei a importância de compartilhar nossos conhecimentos para que outras pessoas aprendam sobre a África e também outros temas. A Aurora aproveitou a fala da amiga e disse "Esse final de semana que passou a gente tava na casa da minha vó, e não tinha nada pra fazer, a gente já tinha brincado de todas as brincadeiras, e ficamos enjoados, isso é normal ficar enjoado, aí dava pra fazer aquela do gato e rato, aí eu ensinei e eles disseram nossa que brincadeira legal."

Para fechar o aprendizado com o livro perguntei o que eles tinham aprendido com ele. Destacaram-se as seguintes falas: "Que os países são diferentes" (Aurora); "Sobre a cultura dos países" (HEXTroll); "Cada um tem uma cultura, uma história" (Michael Jackson Alan Walker); "Cada um fala uma língua" (Miguel).

Contei à eles algumas informações interessantes sobre o Senegal como capital, idioma mais falado, quem colonizou, entre outros. Os alunos foram até o mapa para localizar o país. Depois disso, nos dirigimos até a quadra pra vivenciar a brincadeira.

Pedi para que os alunos se organizassem em duplas para começar a brincadeira. Tudo ocorreu tran-



quivelmente sendo possível até variar as duplas. As duplas organizadas por eles eram mistas, não tendo prevalência só de meninas ou meninos.

Na roda de conversa, pedi para aqueles alunos que sempre falavam desse espaço para os outros falar. Perguntei o que eles acharam da brincadeira e o que aprenderam na aula, se destacaram então as seguintes falas: "A gente aprende a ter mais resistência na cosquinha" (Brenda); "Eu aprendi que eu não consigo segurar a risada" (Pantera Negra);



Diário de campo n° 13

Data: 28/03/2019

Tema da aula: Testando os conhecimentos

Participantes da aula: alunos do 5° ano B e professora regente da sala Helena

Neste dia, cheguei na sala de aula e fiz a chamada como de costume. Expliquei que a atividade dessa aula seria parecida com a Caça ao tesouro que vivenciamos nas aulas anteriores. Neste caso, o objetivo era testar os conhecimentos dos alunos, que realizaram a mesma dinâmica dessa brincadeira no entanto deveriam responder uma pergunta que eu fizesse sobre o conteúdo. Aquela que pegasse o "osso" e respondesse corretamente levaria o ponto para a equipe. Combinamos que a equipe toda poderia ajudar com a resposta, mas somente o aluno correspondente ao número poderia tentar pegar o "osso" e responder.

Chegando na quadra, dividi a turma em duas equipes e organizamos o espaço. Utilizei um cone e uma bola de tênis para representar o "osso". Cada criança recebeu um número que correspondia o chamado da brincadeira.

Não mencionei acima, mas antes de sair da sala os alunos correram até o mapa para recordar o nome dos países e olharam seus diários com as anotações.

Os alunos estavam muito empolgados com a atividade e a brincadeira aconteceu tranquilamente apesar da agitação, em que as equipes colaboraram muito uma com a outra e entre seus participantes. Mesmo quando algum colega errava não havia



repreensão dos outros.

Foi uma disputa muito acirrada em que as equipes permaneceram empatadas até o final, sendo decidido pela última questão.

Na roda de conversa, perguntei porque eles achavam que eu tinha feito esta atividade, e eles disseram: "Para melhorar o conhecimento sobre as brincadeiras, os países que a gente trabalhou nessas aulas" (Aurora); "Testar o nosso conhecimento" (HBXTroll); "Testar os nossos conhecimentos que nós aprendemos com a aula e as habilidades" (Zury); "Eu acho que você fez essa brincadeira com a gente por 2 coisas, primeiro pra você saber o que a gente sabe sobre a África e segundo pra aumentar o nosso conhecimento" (Alice Queen). Sobre o que eles aprenderam me chamou a atenção as seguintes falas: "É importante a gente aprender porque mais pra frente a gente vai precisar" (Melissa); "Tive trabalho em equipe" (Alice Queen)



Diário de campo n: 14

Data: 02/04/2019

Tema da aula: Atividade avaliativa

Participantes da aula: Alunos do 5ºB, professora regente da sala Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando que farão a observação das aulas Capi e Akiz

Neste dia o objetivo era realizar uma atividade avaliativa do bimestre com relação aos conteúdos que foram trabalhados. Pedi para que os alunos produzissem um texto sobre o que tinham aprendido nesse período. Esse registro foi realizado de forma individual e no diário dos alunos.

O Steven ainda está em processo de alfabetização, então pedi para que ele escrevesse palavras sobre o que ele aprendeu sobre a África e depois fizesse um desenho sobre o que ele aprendeu.

Alguns alunos esqueceram o diário então pedi para que escrevesse em uma folha e depois transcrevesse para o diário.

Disse aos alunos que na aula seguinte eu iria pegar os diários para avaliar os textos produzidos por eles. O Michael Jackson Alan Walker disse: "Você merece ganhar 1 milhão de reais para fazer esse trabalho". Outros alunos se manifestaram em relação a valorização dos professores como a Aurora: "Você mereciam ganhar 1.000 reais por dia".

Os alunos finalizaram a atividade e logo em seguida batem o sinal para o recreio.



Diário de Campo n° 15 Data: 04/04/2019
Tema da aula: Atividade de construção coletiva
Participantes da aula: Alunos do 5° ano B e profes-
sa substituta.

Neste dia realizamos a aula de construção coletiva, em que os alunos se organizam e decidem qual atividade querem realizar sem a minha intervenção. Essa aula é um combinado que temos para o final de cada bimestre, e é uma forma de avaliar se o aluno tem autonomia para desenvolver sua própria atividade, bem como sua relação e organização com os demais colegas.

A aula foi iniciada na quadra e com os alunos dispostos em roda relembramos quais eram os combinados dessa aula. Disponibilizei para eles materiais como: bolas diversas, cordas, bambolês, fitas de ginástica rítmica, cones, coletes, entre outros. Expliquei que eles poderiam brincar de alguma atividade que eu tenha ensinado nas aulas ou qualquer outra que eles conhecessem.

Os alunos se organizaram em várias atividades, alguns brincando sozinhos outros em grupos como no futebol misto, vôlei misto, basquete (quicar e arremessar), corda e squash (raquetes), entre outras. A Aurora e Alice Queiroz chamaram as meninas (no total 12) para brincar de Caçador e Gazela Brincadeira da Tanzânia. Elas se organizaram em círculo e utilizaram os coletes como vendas e explicaram as regras.

Foi uma aula tranquila em que todos





se mantiveram ativos em alguma atividade, sem problemas de organização e desentendimento.

A aula finalizou, todos ajudaram a recolher os materiais e em seguida subiram até a sala.



Diário de campo n° 16

Data: 09/04/2019

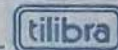
Tema da aula: Música África do grupo Palavra Cantada

Participantes da aula: Alunos do 5º ano B, professora regente da sala Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando que farão a observação da aula Capi e Akiz

Neste dia cheguei até a sala de aula com os estagiários, e os alunos nos aguardavam ansiosamente. Fiz a chamada como de costume e comecei a explicação da aula. Logo eles desconfiaram que iria ter música na aula porque eu levei comigo a caixa de som. Comentei com eles que nós iríamos ouvir uma música e que eu ^{nao} ia falar sobre o que era, e que eles teriam que prestar atenção na letra e se quisessem poderiam anotar o que chamou a atenção.

Após ouvir a música pela primeira vez perguntei quem já conhecia e a Isabela da Silva, o Miguel e o HBTX Troll disseram que sim. O HBTX Troll disse: "Eu ouvi essa música lá em São Paulo na minha outra escola o Barbosa, lá é uma escola bastante dedicada nesse negócio de tipo da África, Amazônia". Brinquei com ele dizendo que eu não sabia disso visto que ele nunca comentou. O Miguel disse "que eu ouvi o meu irmão ouvindo" pois na semana anterior o irmão dele que estuda no 3º ano também teve contato com essa música na aula do Projeto Brincando e Dialogando. A Alice Bueen falou: "Prô você pode por de novo pra gente poder entender melhor".

Diante disso, coloquei a música mais





Oxalá → Iorubá?

uma vez, mas antes pedi para que eles me falassem o que tinham entendido sobre a música. A Aurora disse: "Eu ouvi os países que a gente trabalhou nas brincadeiras". Escrevi na lousa as palavras e frases que eles identificaram na música como: Nigéria, Sudão, Guiné Bissau, Tanzânia, Senegal, Bahia, Alemanha, Japão, Canadá. Os próprios alunos identificaram o significado das frases que apresentaram países não-africanos e quando eu perguntei sobre a Bahia a Kikana Ambram Marshmellow disse: "Nos Carnavales e nos Axés, que é o tipo de música que tem lá fala muito sobre a África e que quando começou tudo... é lá que chegou a maioria dos Africanos". O Michael Jackson disse: "A feijoada é de origem dos Africanos". Outras palavras também foram apontadas por eles como: Alah, divertido, Oxalá. O Naruto Usanage sabia o significado da palavra Oxalá e disse: "É um dos orixás da Cultura Africana, é tipo espíritos, tipo santos que já morreram e se manifestam no corpo das pessoas" e completou: "Eu só sei porque meu vó era e eu sei de tudo". Expliquei para os alunos que a intenção era apenas conhecer os significados dessas palavras e compreender a diversidade religiosa e cultural dos países do Continente Africano.

Depois de ouvir a música mais uma vez com o auxílio da letra impressa, os alunos identificaram mais palavras e significados. Se destacaram as palavras: Iorubá, mulçummanamagô, igexá, iorubá, Ruanda, ilê, Namíbia, leão de Judá, malê, Gabão, atlas da vida, banto



Alguns alunos se manifestaram sobre o significado de palavras usadas na música, se destacaram as seguintes falas: "badri é a maior árvore do mundo" (Aeliodas BR); "ela é tão grande que tem até um bar dentro" (Alice Queen); "é uma árvore que vive muitos anos" (HBTx Tredl); "Lirão de Judá é uma história bíblica" (Pudim amassado).

Expliquei para os alunos o significado de algumas palavras que eles não conheciam, mas não foi possível finalizar pois a aula terminou e o sinal do recreio havia tocado. Diante disso, combinamos que na aula seguinte iria terminar de contextualizar as palavras. Para isso registrei por meio de foto as palavras apontadas por eles.



Diário de campo nº 17, Data: 11/04/2019

Tema da aula: Música África e Roda africana
Participante da aula: Alunos do 5º ano B e professora regente da sala Helena

Neste dia cheguei na sala de aula, como de costume e fiz a chamada. Iniciei a aula dizendo que eu gostaria de fazer uma capa para meu diário também e tivemos a ideia de que cada aluno fizesse um desenho para que eu colasse na capa e carregasse cada um comigo.

Eles amaram a ideia e combinaram junto com a professora Helena como iriam se organizar. Após isso, relembramos que para essa aula terminaríamos a contextualização da música e o significado das palavras. Para isso coloquei novamente a música para que eles pudessem ouvir e identificar algum trecho que não entendiam e enquanto isso eu escrevi no lousa as palavras que não tinha explicado.

Ao ouvir a música percebi que alguns já cantavam a letra corretamente, dançavam e se expressavam conforme ela tocava. Eles pediram para colocar novamente, no entanto expliquei que nosso tempo para aula passa muito rápido e não daria tempo de terminar tudo que foi programado. Retomamos as palavras que foram explicadas na aula anterior. Durante a explicação das palavras e seus significados o HBTX Troll perguntou "Onde eu encontro o livro Adule Adule", demonstrando o quanto gostou de ler e aprender com ele e eu comentei que encontro ele pela internet e que quando coloca na busca aparece vários sites que vendem. Em relação as pala-



umas e frases desconhecidas expliquei sobre: ilô, malês, alah, mulqummanamagô, a relação com a Bahia, Japão, Alemanha e Canadá. O Flauto Usanaque disse em relação à Bahia: "É um dos estados que cultua mais o Candomblé e Umbanda", e a Alice Queen "muitos africanos chegaram na Bahia". Em relação à boneca Abayomi e HBTX Troll comentou: "Tem uma boneca que eles usavam na época que eu esqueci o nome, eu já fiz lá em São Paulo". Aproveitei essa fala para perguntar quem se lembrava dessa boneca e que tinham confeccionado no 2º ano com o projeto e a professora da sala e apesar de eles não terem lembrado do nome recordaram que tinham feito. (os alunos que estudam na escola desde o 2º ano).

Quando comentamos da "origem da gente" que fala na música e Michael Jackson Alan Walker disse: "Porque a maioria das pessoas que tipo do Brasil se tornou negro é por conta dos africanos". Comentei também sobre a relação da África para a origem do mundo e que é denominada como Mãe África. A Alice Queen comentou "Professora eu tava jogando um jogo que era tipo de ficar com cada continente, cada um ficava com um continente e eu escolhi a África". Alguns alunos ainda ficam surpresos quando percebem que o Egito fica na África, diante disso conversei sobre o país. pedi para que localizassem no mapa. Sobre a descendência africana no Brasil o HBTX Troll comentou: "sabe o que significa que quase todo o pessoal do mundo são descendentes de africanos, eu e Michael Jackson Alan Walker até vocês". Outros alunos se manifestaram em



relação à sua descendência: "Eu sou indiano" (Max quis dizer indígena e eu corrigi sua fala), "Eu sou descendente de Africano" (Naruto Usanague). A Gabriela disse que é descendente de Alemães e comentou sobre seu nome. Comentei com eles sobre a diversidade de imigrantes que vieram para o Brasil e que fez da nossa cultura ser tão diversificada e ter uma grande miscigenação de cor/raça (expliquei o termo miscigenação). A professora Helena também contou de suas raízes africanas e indígenas, e contou a história de quando seu avô trabalhou na reserva do Xingu. A Alice Queen disse: "Minha tataravó ela era índia, mas meu pai não parece tanto".

Como a aula estava quase acabando disse que só seria possível ensinar alguns passos da "Foda Africana", e que na aula seguinte ensinaria o restante.

Enquanto deixávamos até a quadra, o Michael Jackson Alan Walker se aproximou e disse: "A maioria da minha família é negra, porque do meu pai é quase tudo negro, meu vó é negro e o pai da minha mãe também era negro e minha avó que era branca, só que a maioria da família do meu vó era negra." Ele demonstrou interesse em saber de onde seus avós e seus ancestrais vieram. A Katryra também quis comentar: "Sou descendente de africanos e italianos por causa que meu vó ele era africano e minha avó de família italiana". A Mc-Mirela comentou: "eu sabia que meu vó era negro e aí você comentou essas coisas aí eu lembrei".
A Gabriela que tinha falado do seu ^{sobre-}nome



alemão quis completar: "como eu te falei meu pai tem descendência alemã, aí a minha mãe, a minha vó por parte de mãe era negra."

Na vivência da roda africana expliquei sobre a importância da participação de todos independente de sexo, cor, tamanho e crenças, e que todos ao tocar no seu colega passa energias e também recebe. Expliquei a primeira sequência de movimentos, em círculo, e coloquei a música para tocar. Os alunos estavam animados e nenhum se recusou a participar. Ensinei a outra sequência mas não foi possível vivenciar pois o tempo da aula havia acabado, então combinamos que na próxima aula terminaríamos. Os alunos subiram para a sala e a Melissa me esperou e disse: "sabe aquela brincadeira da areia eu ensinei para o meu irmãozinho".



Diário de campo n° 18

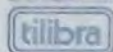
Data: 16/04/2019

Tema da aula: Roda Africana

Participantes: Alunos do 5° ano B, professora regente da sala Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando que farão a observação da aula
Capi e Akiz

Neste dia cheguei na sala de aula e os alunos estavam esperando ansiosamente, pois queriam logo vivenciar a roda africana. Fiz a chamada como de costume e expliquei que víamos direto para a quadra para dar tempo de finalizar a vivência planejada. A Melissa me presenteou com uma pulseira de ziper. O HBTX Troll não poderá participar da aula pois machucou a perna e diante disso pedi para que ele me ajudasse com o som e participasse da roda de conversa.

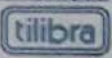
Chegando na quadra alguns alunos já estavam no círculo lembrando os movimentos que eu ensinei na aula anterior. Pedi para que todos fossem para o círculo e juntos relembramos a sequência. Após isso coloquei a música para tocar e realizamos a coreografia. Ensinamos duas sequências e depois repetindo em um ritmo mais acelerado. Era nítida a empolgação das crianças e no final da música combinamos que eles deveriam fazer ^{ouvir} uma pose temática da África e se destacaram: a de mulheres e homens segurando vaso na cabeça (Auro-ra, Brenda), capoeirista (Michael Jackson Alan Walker), símbolos egípcios (Dog), dançarinas de dança do ventre (Mc Melua e Raquel).



Surgiu um questionamento importante sobre a fa-



marca estar na África, e quando perguntei porque eles achavam que ela pertencia a esse continente o Michael Jackson Alan Walker disse "Eu poderia jurar que o Jamaica ficava na África." por causa do Usain Bolt [.] ele é negro". Diante disso, contextualizei a questão em relação a cor/raça no continente africano, que lá também existe população de pele branca e expliquei que o Jamaica fica no continente Americano, e prometi que na próxima aula falaria sobre a influência dos africanos na Cultura jamaicana. Na roda de conversa sobre o que aprenderam com essa atividade se destacaram as falas "Aprendi a ser mais esperto e prestar mais atenção [.] (Melissa), "Aprendi que precisa atravessar o mar para ir pra África" (Miguel), "Aprendi das árvores, das culturas, falava sobre a Bahia na música" (MC Murla), "Que a Bahia tem bastante Cultura Africana" (Michael Jackson Alan Walker), "Como alguns povos lá chamam Deus" (Alice Queen), "Tem um povo que chama bantú" (Aurora), "Que os escravos se refugiavam para se proteger" (Zury). Durante a conversa surgiram alguns questionamentos e dúvidas relevantes que precisam ser amezizadas como: "Os negros ficavam com roupa?" (Felipe), "Isso existiu?" (Melissa), essas perguntas surgiram quando conversávamos sobre o período de escravidão e diante disso senti a necessidade de abordar esse tema no planejamento futuro.

Com o comportamento agitado dos alunos e principalmente pela inquietação do Steven perdi muito tempo no desenvolvimento da aula e não foi possível iniciar a atividade de confecção do jogo da me- 



mória africano. Diante disso, foi possível ^{apenas} explicar como essa atividade seria realizada nas aulas seguintes.

O sinal para o intervalo tocou e o Naruto Usanage se ofereceu para levar o som que utilizamos na aula, já os demais alunos subiram para o pátio.



Diário de campo n° 19 Data: 23/04/2019

Tema da aula: Confeccão do jogo da memória africano
Participantes: Alunos do 5° ano B, professora regente da sala e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando Capr e Akiz

Neste dia cheguei na sala de aula com os estagiários e os alunos nos esperavam ansiosamente. O assunto era o jogo do Campeonato Paulista em que o Corinthians tenha saído campeão. Brincamos em relação à isso e logo em seguida fiz a chamada. Alguns alunos me entregaram seus registros para contribuir para minha capa de diário. Perguntei como estavam os registros em seus diários e alguns alunos disseram que estavam fazendo, já outros disseram que "mais ou menos" e o Miguel disse "não sei nem onde está", com isso pedi mais comprometimento e cuidado com os materiais. A Isabela da Silva mostrou os seus registros realizados com muito capricho e eu a elogiei.

Para a atividade do dia relembramos o que expliquei na aula passada e comecei a fazer a lista de palavras para a confeccão do jogo. A turma deveria fazer uma lista de 24 palavras que correspondessem ao tema "Cultura Africana e Afro-brasilera". Reforcei que todos deveriam colaborar para o desenvolvimento da aula evitando conversas desnecessárias, para que a confeccão do jogo não demorasse mais do que o programado. Como todos já sabiam o que era o jogo da memória, listamos as palavras na lousa. Os alunos foram citando palavras aleatoriamente sobre o tema. As palavras



escolhidas foram: berimbau, badá, leão de judá, Quênia-Bissau, oxalá, Senegal, Botswana, Egito, Argélia, yexá, quilombo, Capoeira, Bahia, Luan-da, Tanzânia, Yorubá, Moçambique, fuzpada, Cão que rouba o osso, Adule Adule, Ambutan, República Democrática do Congo, caçador e a gazela, alah e Madagascar. De acordo com essa lista de palavras percebi que os alunos citaram elementos diversificados sobre o tema desde países do continente africano como elementos culturais, religiosos e brincadeiras.

Conforme os alunos foram citando as palavras contextualizamos também seus significados reforçando o que já vinha sendo feito nas aulas anteriores. A dinâmica foi rápida e os alunos não apresentaram dificuldades em relação ao levantamento de palavras pertinentes. Por fim os alunos escolheram 26 palavras para incluir os estagiários do Projeto Akiz e Capi na brincadeira. O Michael Jackson Alan Walker citou o país "Wakanda" que é apresentado pelo filme Pantera Negra da Marvel, diante disso expliquei que esse nome era fictício existente somente no contexto dos filmes.

Finalizado o levantamento das palavras fiz o sorteio em ordem das fileiras de cada palavra que os alunos ficariam responsáveis em criar a peça do jogo. Após isso, entreguei 8 fichas quadradas em branco (papel sulfite) e expliquei que deveriam criar um desenho que representasse sua palavra e replicar para as 7 fichas. Neste caso, reman-



de todas as peças da turma originaria 4 jogos da memória, para que quando forem brincar formem pequenos grupos tornando a brincadeira mais dinâmica.

Após tirar todas as dúvidas, os alunos começaram a confecção de suas respectivas fichas. Para os alunos que faltaram, definimos suas palavras e na próxima aula explicarei os detalhes. Para a confecção, deixei os alunos livres para utilizar mapas, registros feitos nos diários, entre outros recursos e também que poderiam sentar em grupos.

Diante da dificuldade do Steven, a Alice Queen se propôs a ajudá-lo. A Aurora notou semelhança entre bandeiras: "Senegal é quase a mesma de Camarões."

Como previsto não foi possível finalizar a atividade pois será necessário uma dedicação e tempo maior. Recolhi as fichas e disse que na próxima aula continuaremos.

Bateu o sinal para o intervalo e os alunos saíram. O HBTX Troll veio até mim e disse: "tem dois países com o nome igual Niger e Nigéria, só muda 2 letras."



Diário de campo nº 20

Data 25/04/2019

Tema da aula: Confecção do jogo da memória africanos (continuação)

Participantes da aula: Alunos do 5º ano B e professora regente da sala Helena

Neste dia cheguei na sala de aula e fiz a chamada como de costume. A Professora Helena me informou que dois alunos foram transferidos e um seria em breve, que são os alunos Gabriela, Anta e Felipe. Fiquei triste pois é nítido o envolvimento desses alunos nas aulas e o quanto melhoraram no desenvolvimento do projeto, na aprendizagem e nas aulas.

Para a aula de hoje ficou combinado continuar a confecção do jogo da memória africanos. Enquanto eu entregava as fichas para os alunos a Aurora disse: "Eu vou voar para a Nigéria e a Alice Queen para Madagascar" e a partir disso outros colegas falaram: "Eu vou para Botswana", "Eu vou para Guiné Bissau". Reuni os alunos que faltaram na aula passada para explicar a atividade.

Os alunos ficaram livres para sentar em duplas, trios ou grupos maiores para confeccionar suas fichas. Percebi que uns ajudavam os outros dando ideias e sugestões e que estavam muito empolgados com essa atividade.

O Niquel não sabia como desenhar sobre o quilombo, então pesquisei no celular fotos para ajudá-lo e ele disse: "Parece uma casa". A Katryna ficou interessada também e veio ver as fotos. Como o Harito usaque conhece mais afundo as religiões Candomblé e Umbanda ajudou a Alice Queen na representação do Oxalá, e ela disse



avem. "Ele falou do cyado com uma coroa na ponta dele, e 12 passarinhos mas eu não vou fazer os 12 porque é muita coisa então acho que vou fazer uns 3 no maximo assim..." e mostrou seu esboço. Em relação a um ajudar o outro o HBIX Troll disse: "Professora nós estamos nos ajudando".

Percebi que o Felipe estava abatido porque ia mudar de escola, então xentei ao seu lado para ajudar com suas fichas e ficamos conversando. Ele disse que ia morar com a avó e o Steven sugeriu que podíamos fazer chamada por vídeo para ele participar, e eu disse que seria ótimo mas infelizmente ficava difícil.

Durante a aula a professora Helena disse que a Ribana Amba Marshmellow também foi transferida, para minha tristeza e que soube que a Anita ainda não estava frequentando a escola pois não tinha vaga para ela próxima de onde se mudou.

Quem foi finalizando a confecção da ficha entreguei a ficha vermelha para sobpor a outra e expliquei o procedimento. Apenas o Meliodas BK e o Pantera Negra conseguiram finalizar todas as fichas nessa aula, então pedi para que na próxima eles ajudassem os colegas para poder terminar e jogar.

Chegando próximo do final da aula, recolhi as fichas e me despedi do Felipe com um abraço e pedi para que ele não esquecesse da nossa escola e disse pronto.



Diário de campo n° 21 Data: 30/04/2019

Tema da aula: Confecção do jogo da memória Africano (finalização)

Participantes da aula: Alunos do 5°B, professora regente (pedivalete) da sala e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando Capi e Arkiz

Neste dia cheguei na sala de aula com os estagiários, fiz a chamada e recebi alguns desenhos que os alunos fizeram para compor a capa do meu diário de campo. Fiquei muito feliz com o capricho e carinho dos alunos em relação aos desenhos, alguns fizeram figuras relacionadas ao projeto, outros escreveram seus nomes e a Melissa e Katryna trouxeram uma foto delas. Falando de diário perguntei se eles estavam realizando registro das aulas e a maioria disse que sim.

Para a aula ficou combinado que os alunos finalizariam a confecção das fichas, então as entreguei e eles se organizaram em pequenos grupos. Aquiles que já tinham terminado ajudaram os outros colegas que ainda estavam finalizando.

A Melissa que ficou responsável pela ficha do berimbau veio até mim e disse: "Não tem a casa do Norte? (loja próxima a escola) eu vi o instrumento lá que eu tô desenhando, aí eu falei mãe quero um daquele que eu tô desenhando e ela falou você nem sabe tocar, e eu disse mãe tô desenhando quero um desse".

A Raquel estava com dificuldades de elaborar sua ficha então pedi para a Melissa e a Emanuely ajuda-la.



Enquanto eles continuavam a confecção das fichas expliquei sobre a influência da cultura africana para a Jamaica, diante do questionamento do Michael Jackson Alan Walker que não sabia que esse país não ficava na África. Contextualizei a questão da escravidão que também ocorreu no país e que com isso trouxe, junto com ela, elementos culturais e étnicos para a Jamaica. Diante disso, reforcei que o Brasil também é um país que não fica na África e que tem mais da metade da população negra. Com isso o Dudim Amassado disse: "O Brasil é o 2º país que tem a maior população negra."

Como o Dog faltou nesse dia o Pantera Negra e o Michael Jackson Alan Walker se ofereceram para finalizar a ficha e elogiaram a criatividade do Dog que fez a bandeira da Botswana no formato que o país tem no mapa.

Foi muito bacana perceber a empolgação dos alunos em confeccionar as fichas e colaborar com os amigos. Essa dinâmica foi bem tranquila e os alunos pareciam muito a vontade para dar opiniões e receber sugestões. O Ativero que geralmente sente dificuldade em realizar atividades manuais conseguiu finalizar suas fichas e ajudar os outros colegas.

Quase todos os alunos conseguiram finalizar, ficou apenas as fichas do Navito Usanaque para dar.

Finalizei a aula recolhendo as fichas e os alunos saíram para o intervalo.




Diário de campo nº 22 Data: 02/05/2019
Tema da aula: Brincando com o fogo da memória
Africanos
Participantes da aula: Alunos do 5º B e professora
regente (pedivalete) da sala Helena

Cheguei na sala de aula e os alunos estavam me esperando ansiosamente para brincar com o fogo da memória Africanos. Entreguei as fichas para que o Naruto Usanage finalizasse e enquanto isso contei o sonho que tive com a sala e eles caíram na risada. Após esse momento de descontração fiz a chamada e expliquei como seria a dinâmica da atividade. Expliquei para os alunos que esse jogo é exclusivo pois ninguém tem outro igual porque foi feito por eles, e o Partera Negra disse: "É especial".

Organizamos a turma em 4 grupos para que pudessem brincar. Combinamos as regras da brincadeira e logo em seguida começaram as partidas. Todos os alunos demonstraram animação pelo jogo e alguns grupos conseguiram jogar 2 ou mais partidas. A cada partida trocávamos os integrantes dos grupos.

O Michael Jackson Alan Walker cantava a música África da Palavra Cantada enquanto brincava.

Apesar de ser uma brincadeira de competição não houve nenhum desentendimento, pois eles pareciam mais interessados em brincar e a dinâmica ocorreu tranquilamente.

 Um pouco antes de finalizar a aula recebi



Os jogos da memória e disse que ia guardar para que eles pudessem jogar em outro momento. Organizamos a sala e iniciamos a roda de conversa sobre todo o processo de confecção do jogo e a brincadeira, o que aprenderam e acharam dessa experiência. Se destacaram as falas: "Eu gostei porque foi bem divertido fazer, a gente demora um pouco mas foi bem divertido, e eu aprendi com esse jogo da memória a ser mais esperta" (Melissa); "No começo eu achei bem difícil por causa que as pessoas ficaram misturando, aí depois as pessoas começaram a jogar certo" (Raquel); "Eu aprendi prestar mais atenção nas coisas" (Pantera Negra); "Exige atenção, e a parte mais legal é quando você vira uma carta e você sabe onde tá e pega a errada" (Aurora); "Tudo tem que ter uma memória pra gravar o significado pra gravar tudo" (Michael Jackson Alan Walker); "Eu achei legal na hora da gente fazer e também eu achei um jeito da gente brincar também que seria bem legal, a gente podia virar as cartas mas tem que saber o significado de cada coisa" (Alice Queen); "No jogo da memória quando você vira a carta tipo mocaambique aí você tem que dar uma lembrada do que é mocaambique" (Aurora)

Finalizei a conversa dizendo que é muito importante eles saberem o significado das palavras porque futuramente vão ensinar outras pessoas. No entanto, eu não disse nem quando e onde e para quem, somente que seria em breve e explicaria melhor.



Diário de campo n° 23

Data: 07/05/2019

Tema: Contextualização do período da escravidão, Capoeira e jogo q' bala

Participantes da aula: Alunos do 5º ano B, professora regente (pedivalete) da sala Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando Capi e Akiz

Cheguei na sala de aula com os estagiários do projeto e fiz a chamada como de costume. A Katryna perguntou se nós iríamos na quadra e disse à ela que se desse tempo iríamos sim, que dependeria da colaboração de todos.

Mostrei para eles a capa do caderno que montei com os desenhos presenteados por eles e gostaram muito. A Alice Queen pediu para eu adivinhar de quem era cada um dos desenhos e consegui acertar quase todos. O Pudim Amassado disse que ia fazer mais 6 para eu colocar na capa de trás.

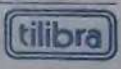
Relembramos a atividade da aula anterior que foi o jogo da memória, e o Steven disse "Quería jogar de novo". Diante disso, eu falei que depois que terminarmos o cronograma do projeto eu iria deixar o jogo no armário para eles jogarem quando tiverem um tempo livre.

Expliquei que o tema da aula de hoje era muito importante e que foi comentado por muitos deles nas aulas, e que tinha haver com a letra inicial que a professora Helena tinha colocado na rotina "O marimbondo do Quilombo". Perguntei para os alunos com que o quilombo está relacionado e eles responderam: É o refúgio dos negros (Naruto Usanaque); Escravidão (Michael Jackson Alan Walker).

Com base nas respostas dos alunos eu completei dizendo que o tema da aula seria em relação à escravidão no Brasil, visto que em outros países também ocorreu e ainda ocorre esse tipo de prática social.

Perguntei aos alunos o que eles sabiam sobre esse tema e eles responderam: "Eu acho que é tipo usar uma pessoa independente da cor e o gênero dela e fazer coisas que ela é obrigada a fazer só que às vezes ela não quer fazer" (Aurora); "Fazer algo que não quer" (Alice Queen).

Diante disso, contextualizei como foi o processo histórico da escravidão, de onde vinham os negros escravizados, como eram tratados, selecionados, punidos e a forma que escolhiam para se fortalecer e se defender. O surgimento dos Quilombos e da Capoeira como forma de resistência e luta dos afro-brasileiros e africanos escravizados. Quando comentei sobre os navios negreiros que transportavam os negros, o Miguel comentou: "Eu já assisti um filme professor que pegaram eles lá e coloraram eles no navio, não era um filme era uma série, aí eles vendia lá" e alguém completou: "Meu nome é liberdade" e o Miguel confirmou "é essa mesmo". Sobre o tratamento que os escravizados recebiam na fazenda o Pantera Negra comentou "Tinha os capataz do mato", o Miguel comentou também "Eu já assisti um filme que esses caras aí", aproveitando o assunto o Naruto Usanaku completou "se eu não me enganar o filme Besouro também tem escravo".

Quando eu comentei sobre o líder do Quilombo dos Palmares, o Zumbi, os alunos comentaram sobre a leitura feita pela professora Helena que falava sobre ele. A professora Helena disse: "Eu coloquei essa leitura" 



propontalmente, por conta do projeto", e veio muito a contri-
buir para a aula de hoje. Perguntei se alguém sabia o
que se comemora/representa a data do dia 20/11 e o
Pantera Negra disse "Dia da Consciência Negra" e completei
dizendo que essa data diz respeito à morte do Zumbi, que
foi o maior líder e símbolo de luta contra a opressão
e discriminação. Perguntei aos alunos o que eles acha-
ram que foi positivo com a vinda dos negros africanos
para o Brasil e eles falaram: "Deu mais origem a nossa
cultura" (Michael Jackson Alan Walker); "A feijoda"
(vários alunos); "Brincadeiras" (Katryna); "Danças" (Pante-
ra Negra); "Línguas diferentes" (Aurora Usanaque); "Capoei-
ra" (Miguel). Diante da fala do Miguel contextualizei
sobre o surgimento da Capoeira e a importância dessa
manifestação cultural para os escravizados e também
para nossa cultura. Disse que o jogo que iremos fazer
representa esse período de escravidão e seus elementos.
Sobre a Capoeira a Katryna disse: "Todo sábado aqui
na escola (Escola da Família) tem a Bárbara, tem o Da-
niel um monte de gente que sabia lutar capoeira, e a
gente fazia bastante jogos roda e foi assim que eu aprendi
tocar o berimbau".

Pela explicação do tema a Aurora adivinhaou
que o jogo seria o G'bala pois ela já tinha vivenciado
anteriormente e eu disse que alguns deles já tinham
jogado e que os novos alunos teriam a oportunidade
de conhecer. O Michael Jackson Alan Walker lembrou
"É aquele que sai das fazendas" então eu perguntei quem
lembrava do G'bala e a Alice Queen, Aurora
Zury, Dudim Amassado, Steven e Pantera



Negra levantaram a mão

Logo em seguida bateu o sinal para o intervalo mas mesmo assim a Alice Queen, Aurora e o HBTX Trolle quiseram ver no mapa de quais países os negros que foram escravizados vieram. Esses alunos estão se mostrando cada vez mais interessados pelas aulas.

Não foi possível explicar as regras do jogo g'bala então combinamos que na próxima aula continuaríamos. O HBTX disse ao final da aula "Essa aula foi muito importante".

Finalizei a aula com os que ainda estavam olhando o mapa e eles foram para o intervalo.



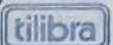
Diário de campo n° 24 Data: 09/05/2019
Tema: Vivência do jogo J'balá
Participantes da aula: Alunos do 5° ano B e a
professora regente (polivalente) Helena

Neste dia cheguei na sala de aula e fiz rapidamente a chamada para podermos iniciar a atividade. Perguntei quem se lembrava qual o nome do jogo que iríamos vivenciar nessa aula e a Aurora disse "J'balá". Percebi que o Harito Usanaque faltou novamente e isso me deixou preocupada pois ele está perdendo muitas atividades.


O Harito me encontrou antes da aula e me mostrou um atlas que ele ganhou de sua mãe. Quando eu cheguei na sala ele me disse: "sabe aquele livro que eu te mostrei, ele tem as bandeiras da África, faz tempo que minha mãe tem porque eu ganhei acho que foi antes de ontem", e eu perguntei "você se interessou?" e ele respondeu: "sim, porque tem os países, os países da África". Fiquei muito feliz pelo interesse dele pelos mapas e atlas.

A Professora Helena reclamou para mim sobre o comportamento do Steven, que ele estava se recusando a fazer as atividades e que falou que ele não veio de propósito. Conversei com ele e pedi que ele se esforçasse e colaborasse mais com as professoras e a turma.

Segundo com a aula, pedi para que os alunos sobre o que falamos na aula anterior e eles falaram:

 "A gente falar sobre a escravização da África,

de quando eles vieram pro Brasil (Michael Jackson Alan Walker); "Vimos também na aula da prof: Ayana a história de duas pessoas, da Joana e do Bolt (Alice Queen); "Que uma é Africana e o outro é Jamaicano" (Aurora); "Que eles tinham contato porque os quilombos eram aqui no Brasil, os índios e os africanos eles tinham contato por causa que os índios sabiam utilizar as coisas que tinha na natureza para fazer algo, essas coisas". Diante de algumas falas percebi que os alunos aprenderam elementos da Cultura Africana na aula de Arte e que contribuiu para a construção e relação de novos conhecimentos a cerca desses temas. Com isso, os alunos citaram mais conhecimentos: "A Joana era uma mulher que lutava pelos seus direitos, ela era de Moçambique, ela tentou fugir para a Tanzânia duas vezes só que da primeira ela foi pega e na segunda ela conseguiu" (Aurora); "Ela voltou só que ela foi morta" (Michael Jackson Alan Walker); "Ela lutava pela independência dela só que ela morreu e depois ela não viu o que ela lutou" (Aurora); "E o marido dela foi o primeiro a ser presidente de Moçambique" (Alice Queen). Esses conhecimentos foram trabalhados na aula de Arte com o tema "personalidades negras" que reverberaram um grande interesse dos alunos pelo assunto.

Depois de dialogarmos sobre os conhecimentos contidos nas aulas anteriores, expliquei as regras do jogo G'balá contextualizando com o período de escravidão e o surgimento da Capoeira como uma manifestação de defesa dos escravizados. Escrevi 



na lousa a palavra G'bala e eles ficaram surpresos com a forma como ela é escrita. Então, expliquei que a palavra significa "salvar, resgatar" no idioma iorubá. Os alunos que estudavam na escola nos anos anteriores se lembraram de algumas regras da atividade pois já tinham vivenciado, e os alunos novos demonstraram muito interesse pelo jogo. Falei que se eles quisessem anotar no diário essas informações eles poderiam e a Aurora disse "Professora é que quando você explica a gente fica pensando nessa coisa e a gente esquece do diário". Expliquei que o jogo G'bala é afro-brasileiro e perguntei à eles porque e as respostas foram: "Por que eles misturaram a Cultura do Brasil, eles pegaram a Cultura da África e transformou" (Michael Jackson Alan Walker). Durante a explicação, os alunos que lembravam do jogo foram contribuindo com as informações que sabiam. Combinamos que para se salvar eles teriam que se juntar em 8 pessoas, dar as mãos e girar G'bala caminhando até o quilombo, para salvar quem foi pego teria que ficar na posição de "cocorimba" da Capoeira e o outro teria que fazer o movimento da "meia lua de frente" sobre ele para salvar. Pedi para a Brenda me ajudar na demonstração dos movimentos.

Após a explicação, tive todas as dúvidas dos alunos e descemos para a quadra. Chegando lá o Max me ajudou a riscar com giz o espaço delimitado como fazendas na quadra. O HBIX Tull disse: "Se você olhar bem é meio parecido com mãe da rua, tem chegar em um lugar sem ser pego,"

tem que correr e chegar num lugar e ficar seguro".

Nos reunimos no círculo para dividir os alunos nas fazendas e escolher os capitães do mata. O HBTX Troll e o Michael Jackson Alan Walker se voluntariaram para serem os capitães do mata, e o Michael Jackson falou: "A gente está traindo os africanos, a gente é negro". Separei os 4 grupos e eles foram para suas fazendas. O jogo começou e eles demonstraram muita empolgação e ter compreendido as regras do jogo, apenas em alguns momentos precisei reforçar algumas coisas. O Pudim Amassado não demonstrou estar trabalhando em equipe com os demais colegas, visto que quando ele precisava de ajuda para ser salvo mudava de lugar quando os outros vinham ajudá-lo, diante disso pedi para que ele refletisse sobre essa atitude.

Como eles não estavam conseguindo concluir o objetivo do jogo pedi para que sentassem no círculo para que fizéssemos uma roda de conversa a fim de identificar as dificuldades. Perguntei o que estava dando errado e eles disseram: "Porque algumas pessoas vão indo pra lá e as outras pra lá, aí depois dava uma confusão (Zury)", "Primeiro tinha que contar quantas pessoas faltavam para ir" (Miguel); "Aí saia tudo de novo" (completou o Miguel); "Quando eles tavam aqui (quilombo) tava faltando uma ou duas pessoas lá, aí eles iam para um que tava vazio e ia muito, aí eles deixavam aquela pessoa lá, a pessoa juntava só aí quebrava mais outros dois" (Michael Jackson Alan Walker). Diante dessas falas perguntei o que faltava para dar certo e eles afirmaram: "estratégi-



gia" (Dog); "Organização" (Aurora); e conversamos sobre a atitude do Dudim Amassado e relembramos qual era o objetivo do jogo e as regras. Todos concordaram que o objetivo não tinha sido alcançado, diante disso recomencamos o jogo e outros capitães do mate se voluntariaram, que foi o Pantera Negra e a Bella.

Nesta rodada eles demonstraram estar mais organizados no início, o Michael Jackson Alan Walker tentou organizar os grupos dando sugestões do que seria bom fazer, e com isso os colegas aceitaram e tentavam realizar o combinado. No entanto eles não conseguiram concluir o objetivo.

Na roda de conversa disse à eles que no início achei que eles iriam conseguir porém faltou organização. Muitos queriam dar suas opiniões sobre o jogo e as que mais se destacaram foram: "Eu tava tentando ser o Zumbi dos Palmares ali, eu tava tentando organizar aí teve uma vez que eu virei e vi uma pessoa e quando eu virei todo mundo do quilombo tinha saído" (Michael Jackson Alan Walker); "Eu falei vem dois, vem dois aí vem todo mundo do quilombo" (Miguel); sobre o que eles aprenderam com o jogo, com a contextualização do período histórico da escravidão, com a Capoeira, se destacaram as seguintes falas: "Colaboração, prestar mais atenção, não ficar mandando os outros fazer as coisas que não quer também" (Max); "Que o Zumbi dos Palmares sofria" (Dog); "Se fosse desorganizado que vem a gente" (Michael Jackson Alan Walker); "Eu re-



parei que eles mesmos eles tem um bom motivo, eles sempre se organizam lá, como qualquer coisa eles tipo igual costume quando tem costume lá diferente eles se organizam, eles separam e também quando eles vão fugir pra poder ir pros quilombos eles sempre tem que se organizar para não ser pego" (completou o Michael Jackson Alan Walker); "Professora eu quero falar duas coisas, a primeira coisa é que é assim os escravos não saíam assim G'balá gritando (risos) e que os capitães do mato não sabiam onde era o quilombo, e que esses aqui já sabiam, esses sabiam que era aqui que tinha que pegar né, e a outra coisa que eu ia falar é que quando o Michael Jackson Alan Walker ele tava tentando se organizar aqui né (risos) que nem o Zumbi dos Palmares aí as pessoas escutava mas tipo depois elas já esqueciam" (Aurora); "o problema que eles não escuta, às vezes escuta os planos dos outros mais aí as vezes eles não faz" (Zury); "Eu também aprendi um pouco do Zumbi dos Palmares, por causa que há muito tempo eu brinco disso e estudo só que eu não sabia que tinha, aí num dia de Artes que era pra fazer com o abecedário né e tinha a letra Z só que aí eles falaram Zumbi só que eu não sabia que era coisa Africana, aprendi um pouco mais" (Isabela da Silva)

Apesar de não terem cumprido o objetivos todos gostaram muito da atividade e queriam realizar mais vezes, mas o tempo da aula acabou e eles subiram para a sala.



Diário de campo n: 25

Data: 14/05/2019

Tema: Amagamulamulazetxê de Moçambique
Participantes da aula: Alunos do 5º ano B, profes-
sora regente (pedivulente) Helena e estagiários do
Projeto Brincando e Dialogando Capi e Akiz

Cheguei na sala de aula com os estagiários,
sentei na carteira para fazer a chamada e a profes-
sora Helena comentou sobre o comportamento do Steven
que não estava melhorando, então pedi para que ele
se lembrasse das nossas últimas conversas pois ele
era muito importante para o nosso projeto e precisava
colaborar mais em suas atitudes.

Proseguindo com a aula, pedi para que não faltas-
sem na próxima aula pois teríamos algo muito
importante. Lembrei que a Raquel me entregou uma foto
de nós duas para compor a capa do meu diário e comentei
com a turma sobre isso. A atividade para este dia se
tratava de um jogo de Moçambique "Amagamulamul-
lazetxê" que retirei do livro "Jogos de Moçambique dos
autores Bista, Tembe e Edmundo. No entanto, antes
de explicar esse jogo e contextualizar sobre sua origem,
perguntei se alguém se lembrava de algum jogo que eles
aprenderam de lá e após muitas tentativas relacionadas
à outros jogos e países o Pantera Negra disse: "Aquele que
tem pote, latinha" e o Michael Jackson Alan Walker
concluiu "Charly god", e a partir daí eles se lembraram
das regras desse jogo. Como naquele momento eles
não lembraram de mais nenhum jogo de Moçam-
brique fui folheando o livro e mostrando

quais alguns deles poderiam conkear como: cheia, coché, labruinto, terra-mar, m' baleb' baleb, negação de impostos, entre outros e diante disso perceber que eles se lembraram dos que já tinham vivenciado. Falei que nesse livro tem 55 jogos diferentes e a Aurora conduziu que: "Mas se fosse 54, aqui na África não tem 54 (apontou p/ os países da África no mapa) seria 1 para cada país", e eu disse que todos esses eram só de Moçambique.

Li para eles a explicação do livro para o jogo e escrevi o nome na lousa, e pedi para que eles repetissem a letra da música para o jogo. Apesar de ser um nome longo e difícil logo aprenderam, visto que precisariam cantar durante o jogo. Expliquei novamente demonstrando com a ajuda da Brenda. O Pantera Negra relacionou essa brincadeira com outra da Cultura Indígena: "A gente fez uma brincadeira assim que a gente escolhia a Lua e o Sol." e essa escolhia ^{entre} duas frutas. Depois de tirar todas as dúvidas reforci a importância de tomar cuidado para não se machucar. Contextualizei o jogo com informações sobre o país Moçambique com capital, idiomas, economia, clima, turismo, entre outras coisas. Durante a explicação as crianças demonstraram muito interesse; "Sou pra Moçambique" disse o Pudim amassado.

Depois que todos procuraram Moçambique no mapa, pedi para que descessem para quadra. Lá por meio de um sorteio a Alice Queen e o Miguel foram selecionados para serem os responsáveis pelas frutas, limão e cereja. A atividade ocorreu tranquilamente, e quando



todos escolheram suas filas percebemos que a fila da Alice Queen estava bem maior, no entanto na disputa deu empate nas duas tentativas.

Na roda de conversa conversamos sobre as aprendizagens da aula, como se sentiram e o que acharam da vivência dessa atividade. Todos se lembraram o nome do jogo, o país e até a capital. Se destacaram as seguintes falas: "Tem que ter muita mas muita atenção" (Meliodas BR); "Eu sabia que a Alice Queen ia escolher creya, creya é mais menina" (Raquel); "Na hora que puxar tem que ter cuidado para não machucar outra pessoa" (Aurora); "É mais ou menos assim tem que puxar bem forte mas não pode machucar a pessoa que tá na sua frente" (Alice Queen); "Colaboração, força" (Katryna); "Menino é mais forte que menina" (Katryna completou); Diante dessa falas conversamos sobre os estereótipos entre gêneros brevemente.

O sinal para o recreio tocou e as crianças saíram para o pátio.



Diário de campo n: 26

Data: 16/05/2019

Tema: Festival

Participantes da aula: Alunos do 5º ano B e professora regente (polivalente) Helena

Neste dia cheguei na sala de aula, fiz a chamada como de costume e expliquei sobre o que estaríamos organizando a partir dessa aula: o festival. Comentei com a turma que as meninas fizeram um grupo com o nome "Projeto de Ed. Física" para comentar assuntos da aula (grupo de whatsapp) e disse que elas poderiam adicionar todos os colegas da sala.

No início, as crianças não estavam entendendo como seria esse festival, no entanto fui explicando os detalhes e mostrando que eles que iriam organizá-lo e ter ideias para esse evento. Diante dessas breves informações a Katryna disse "Dai ter feijoadada" e comentei que todas as ideias seriam analisadas e decididas por todos eles. Pedi que eles fossem anotando as ideias e sugestões para propor aos demais colegas. Expliquei para eles que o objetivo do Festival era que ensinasse para outras pessoas e conhecidos construídos durante o projeto, nesse caso os convidados seriam seus familiares e alunos da escola. Eles se lembraram que nos anos anteriores os alunos do 5º ano fizeram algo parecido, entretanto expliquei que seria diferente pois ele seria aberto aos familiares e amigos como também teria ideias diferentes propostas por eles.

De início todos pensaram que neste festi-

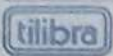
tilibra



val terã que ter comida e que para isso precisa-
ríamos da ajuda de todos. A Melissa disse: "Eu
vou pesquisar também alguma sobremesa da África";
"Eu quero ficar na parte de comida porque minha
mãe é cozinheira" disse o HBTX Troll, "Professora eu
posso fazer um convitinho assim aí eu mando lá
no grupo do projeto e cada um manda no grupo
da família se tiver, aí pode por no convite para
cada um trazer um prato africano" a MC Nivela
deu a ideia, diante dessas falas expliquei que
cada um teria uma função no festival para
facilitar a organização.

Perguntei para eles o que gostariam de ensinar
sobre o que aprenderam com o Projeto, e as falas
que chamaram mais atenção foram: "Brincadeiras" (vários
alunos juntos); "Histórias" (Steven); "Culturas", "Comi-
das", "Danças", "Preparar uma brincadeira que
os adultos possam brincar também" (Aurora);
"Você ajuda a gente a fazer tipo um show da Lina
que a gente vai aprender durante em vez de ser em um
dia a gente vai aprender entre 5 anos, as pessoas vão
entrando pra gente apresentar, tipo de uma dança, tipo
um teatro" (Alicia Queen).

Comentei com eles que eu estaria registrando todo
o processo de organização do Festival com fotos e vídeos,
e que em algumas aulas viria um profissional em
filmagem para registrar todo o trabalho. Todos ficaram
super empolgados e toparam participar.

A data do festival proposta por mim foi dia
 33/06 e todos concordaram, no entanto deixei

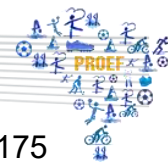


claro que pode sofrer alterações. Defini com os alunos o cronograma até o festival e depois com a avaliação final e a confraternização.

Depois de explicar como será o festival dirigi-me à aula para decidir o nome do evento, que será ensinado e as funções com suas respectivas comissões. O nome do evento será decidido na próxima aula, e para isso pedi para que eles pensassem em ideias originais. Sobre o que será ensinado os alunos decidiram que terão 5 atividades: roda africana e as brincadeiras Caçador e a Gazela, Cachorro que rouba o osso, Amagamulamulazixê e jogo da memória, e também as comidas que decidiremos a partir das ideias deles. Em relação as comissões e funções dividi em: brincadeiras | comida, divulgação | recepção, materiais e multimídia, exposição e decoração. Expliquei que tarefas cada comissão fica responsável e que na próxima aula definiríamos qual cada um seria.

Os alunos deram várias ideias para a decoração, exposição e organização: "A gente pode por o mapa da África" (Michael Jackson Alan Walker); "A gente pode pintar assim em cada lugar que tem a brincadeira, a gente forma um círculo e se a pessoa tiver curiosidade de saber o que tá falando e apresentando ela olha no cartaz" (Alice Queen); "bandeiras dos países de cada brincadeira"

Finalizei a aula na sala e pedi de tarefa que eles pensassem em ideias para o Festival.



Diário de campo n° 27 Data 21/05/2019

Tema: Festival, organização das comissões, escolha do nome do evento

Participantes da aula: Alunos do 5° ano B, professora regente (polivalente) Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando Capi

No dia anterior a essa aula eu estava sentada no pátio e vários alunos da turma vieram até mim comentar sobre a expectativa para o festival e após isso o Michael Jackson Alan Walker, a Aurora, a Alice Queen e a Brenda se organizaram para brincar de Amagarrula-mulagete enquanto esperavam seus familiares vir buscá-los. Eles chamaram outras crianças da escola para brincar também e eu fiquei observando como eles se divertiam e explicavam corretamente as regras conduzindo a brincadeira.

Nesta aula cheguei na sala com o estagiário do Projeto e fiz a chamada como de costume. Foi a primeira aula que o aluno Desastrado participou, pois tinha sido transferido no início do ano para outra escola e retornou agora. Expliquei para ele o que estávamos desenvolvendo neste projeto e como seriam as próximas aulas.

Seguindo com a aula, perguntei quem tinha pensado em um nome para o festival e as sugestões foram: "Festival do Ranieri Africano" (Alice Queen), "Festival Viajando pela África" (Katryna), "Festival da África" (Melissa), "Festival Viagem à África" (Aurora), "Festival Africano" (Bella), "Festival Caminhos da África" (Michael Jackson Alan Walker);




"Festival do Projeto África" (HBTX Troll); "Festival Viagem pelos Caminhos da África" (Coletivo). Fizemos uma votação e o escolhido foi Festival Viagem pelos Caminhos da África

Em seguida, os alunos escolheram quais funções gostariam de realizar no festival e após algumas adequações necessárias ficou assim:

- Comissão Brincadeiras
- Roda Africana: Katryna, MC Mirêla e Melissa
- Amagamulamulagexê: Alice Queen, Miguel e Aurora
- Cachorro que rouba o osso: Michael Jackson e Pantera
- Jogo da memória: Dez, Steven e Naruto
- Caçador e a gazela: Zury, HBTX Troll e Bella
- Comidas: HBTX Troll, Katryna e Pudim Amassado
- Comissão Divulgação | Recepção: MC Mirêla, Raquel, Brenda e Isabela da Silva
- Comissão Materiais e Multimídia: Bella
- Comissão Exposição e Decoração: Melissa, Max, Meliodas BR e Emanuely.

Ficou combinado que todos iriam ensinar as atividades no dia e que reorganizaremos isso mais próximo ao evento. A Katryna disse que mesmo não sendo da Comissão de divulgação iria ajudar com os convites, sua fala foi assim: "É um amigo da minha mãe aí que nem teve os convites que eu fiz da chapa do Grêmio ele que fez pra mim".

Em meio a organização se destacaram falas interessantes: "Eu quero ver os pais brincando das brincadeiras" (Katryna); "A gente vai trazer a África pra cá" (Michael Jackson Alan Walker); "Estou muito mais muito" 



animada pra esse festival" (Aurora)

Muitos alunos comentaram que já convidaram as suas famílias para o festival.

Pedi para que eles se reunissem em grupos de trabalho para decidir o que iriam fazer para o festival. Conversei com o grupo da Comida que optaram por fazer curcuz e feijoadas, então pedi para pensarem em como eles poderiam fazer, se precisariam de ajuda e quem faria os pratos. Por coincidência neste dia teria feijoadas na merenda escolar.

O Dog responsável pela brincadeira Memória Pro pediu as peças para marcar os nomes e pesquisar os significados.

O grupo da decoração sugeriu fazer cartazes com o que terá no evento tipo comidas, brincadeiras, etc.

Finalizamos a aula na sala, pedi para que eles trouxessem mais ideias que no próximo encontro retomaremos.

A organização dos alunos me surpreendeu durante toda a aula, uns ajudando aos outros, contribuindo com ideias e sugestões.



/ /

Diário de campo n° 28 Data: 27/05/2019
Participantes da aula: Alunos do 5º ano B, professora regente (polivalente) Helena e professora de Arte Ayana
Tema da aula: Organização do Festival e Filma-gem

Neste dia a professora Ayana e eu organiza-mos um horário para estarmos juntas nessa aula e conversar com os alunos sobre a organização do Fes-tival. Ela se dispôs a nos ajudar com a parte de exposição e decoração do evento e neste dia iniciou a confecção de bandeiras de países Africanos em sua aula, onde cada aluno ficou responsável por fazer a sua. Além das bandeiras, eles vão confeccionar máscaras Africanas com a ajuda das professoras Helena e Ayana para expor.

Infelizmente fui informada da saída do aluno Navrto Usanaque que mudou de cidade, em contra-ponto o aluno Joxi Belino retornou para turma visto que foi dessa sala no ano de 2018. Diante disso, expliquei sobre o andamento do projeto e que ele poderia ajudar os colegas na organização do Festival.

Seguindo com a organização levantamos alguns pontos a serem decididos como: formato do festival convidado, ideias para cada comissão, o que confe-cionarão nas aulas de Arte.

Informei para eles que na próxima quinta-feira o produtor áudio visual estará presente



em nossa aula para filmar o processo de organização do festival e com isso eles ficaram muito animados. Para a filmagem comentei que precisaria de 5 alunos para dar uma entrevista sobre o projeto, e que eles poderiam votar nos colegas que representariam toda a turma. Assim sendo, realizamos a votação e os mais votados foram: Aurora, Alice Queen, Michael Jackson Alan Walker, MC Mirela e HBTX Troll.

Sobre as comidas do Festival a mãe da Alice Queen me mandou mensagem dizendo que fará a feijoadá e que também poderia ajudar com a farofa. O Michael Jackson comentou que seu pai trabalha como chefe de cozinha e vai perguntar se ele empresta os rechauds para servir as comidas. Comentei que toda a ajuda será bem vinda para que nosso festival seja bem sucedido. O HBTX Troll disse: "Eu posso pesquisar um doce africano?" e eu disse que seria ótimo. A Katryna disse que já tinha pesquisado sobre o Pin it que é um doce africano. Com isso, pedi para que conversassem em casa para ver quem poderia ajudar.

Finalizamos a aula com os alunos me mostrando a confecção das bandeiras que fizeram na aula de Arte.



Diário de campo n° 29 Data 28/05/2019
Participantes: Alunos do 5° ano B, professora regente (pdi valente da sala) Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando Capi e Afiz
Tema da aula Organização do Festival, ideias para cada função

Neste dia cheguei na sala de aula juntamente com os estagiários do Projeto, fiz a chamada como de costume e iniciei a aula com a organização do Festival.

A Bella me enviou por whatsapp uma ideia que teve para fazer um logotipo para o nosso festival, então comentei com os colegas e todos adoraram a ideia. A Katryna e MC Mirulla tiveram ideias para o comêrte e conversamos que ele deveria ter elementos da cultura Africana. Levei dois livros para inspirar os alunos na confecção dos cartazes, pois neles contem elementos, histórias e traçados da Cultura Africana. O nome dos livros era: "Histórias encantadas Africanas" e "Caminhos da África".

Após isso, pedi para que eles se reunissem nas comissões para discutirem as ideias, fazer o esboço dos cartazes de cada brincadeira, comidas e funções. Os alunos da comissão das comidas conversou com os colegas para saber quem poderia levar algum prato típico. Entreguei duas folhas para todos os grupos, para que em uma colocassem as ideias e no outro fizesse o rascunho do cartaz com todas as informações.



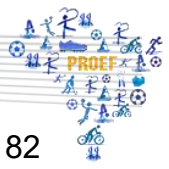
Sobre as comidas o Miguel comentou que sua mãe sabe fazer vatapá e que iria ver com ela a possibilidade de levar no dia. A Alice quem confirmou que sua mãe fará a feijoadá.

Em relação ao comitê os alunos tiveram a ideia de colocar informações sobre o horário, as atrações e a roupa adequada para atividade física.

Enquanto os alunos estavam reunidos em grupos passamos para ouvir as ideias e como estavam se organizando. Todos estavam muito envolvidos e empolgados com a organização do Festival. No entanto a Alice quem disse: "Eu achei que era mais fácil organizar um festival".

A maioria dos grupos conseguiram iniciar o rascunho dos cartazes. O grupo da Comissão de Divulgação, recepção e encerramento tiveram as seguintes ideias: caixa de avaliação no final, cartaz de entrada e saída e comitês. O grupo da Comida estava relacionando quem iria trazer cada prato, o que iriam precisar para servir e as informações do cartaz. O grupo das Luncadeiras estavam fazendo o esboço de seus cartazes contendo informações importantes como nome da luncadeira, local de origem, desenhos e figuras e alguns colocaram até as regras. O grupo da exposição e decoração estavam decidindo como iriam decorar as mesas e o que iriam expor como máscaras, diários, fotos das vivências, mapas, bandeiras, entre outros.

O grupo da divulgação teve a ideia de "A MC Mirela e Isabela da Silva vai receber as pessoas, perguntar o nome, na porta da quadra e na



quadra eu e a Raquel pode explicar o que está acontecendo (brenda)

Finalizamos a aula e os alunos saíram para o intervalo.

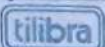


Diário de campo n° 30 Data: 29/05/2019
Participantes: Alunos do 5° ano B, professora regente
(pedivalete da sala) Helena
Tema da aula: Organização do Festival

Neste dia apesar de não ser aula de Educação Física pedi à professora Helena que cedesse um espaço em sua aula para que eu pudesse acertar alguns detalhes da organização do Festival e da gravação que acontecerá no dia seguinte.

Pedi para que os alunos passassem para a bella os materiais que precisariam para o festival, e ela por sua vez elaborou uma lista e me entregou ao final da aula. Na lista continha cartolina, EVA, TNT, canotinhas, cola, palitos para churrasco, caixa, papel colorido, crepom, cola quente, entre outras miudezas.

Para a filmagem combinamos que o ideal seria que todos viessem com roupa adequada para a Educação Física e uniforme da escola. Expliquei que a gravação aconteceria como se fosse uma aula normal de organização do festival, em que eles realizariam as funções que cada um está responsável. Na gravação terá também uma roda de conversa sobre como foi nosso projeto e quem quiser poderá falar voluntariamente.

Perguntei como que estava a confecção dos cartazes e o Michael Jackson Alan Walker mostrou o rascunho que fez junto com o Pantera Negra. Eles tiveram a ideia de pegar a ilustração do livro  Adule Adule para inspirar o cartaz da



brincadeira "Cão que rouba o osso".

Perguntei para eles como tinha sido a aula do projeto Brincando e Dialogando na Arte pois sabia que, a meu pedido, eles mostrariam alguns instrumentos da cultura africana para as crianças. Diante disso, a Melissa disse: "Professora eu conheci o berimbau" e com isso tiveram a ideia de expor esses instrumentos no festival. A Alice Queen disse que poderia fazer um cartaz explicando os instrumentos.

A Alice Queen comentou que a Isabela da Silva estava fazendo uma lista para saber quantos convidados iriam no dia e a MC Nirela acrescentou "Professora a quantidade de pessoas é por causa da comida né!", e eu completei dizendo que além das comidas precisamos preparar o espaço para receber um n° de pessoas específico. A Katryna deu a sugestão de organizar o espaço assim "Não é mais fácil fazer tipo assim, as brincadeiras na quadra, a exposição meio que ali na entrada aí as coisas da comida fazer aqui (apontou para o pátio) por que tem mesas", lembrei que tudo deveria ocorrer na quadra porque neste dia terá aula normal e a MC Nirela disse: "Pode ser lá em cima (arquitancada) da quadra".

Lembramos que para o MemorAfro precisaríamos de mais 3 colegas para ajudar a ensinar no dia. Pedi para as meninas da divulgação finalizar o convite para a correção e mandar para impressão.

Sobre os convidados algumas crianças falaram que seus pais trabalham no horário do evento mas que iriam tentar mudar para estarem



presentes. Comentei que aqueles que tinham irmãos na escola poderiam chamá-los, e que eu iria pedir permissão para as respectivas professoras.

A Aurora relembrou os nomes dos instrumentos musicais que contaram na aula de arte "berimbau, atabaque, caxixi e pandeiro" e disse "que os convidados poderiam tocar". Então eu disse que para que eles tocassem seria necessário que as crianças soubessem ensinar.

Finalizei a aula dizendo que na próxima aula irei levar os materiais que eles pediram para dar sequência à organização.

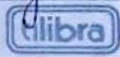


Diário de Campo nº 31 Data: 30/05/2019
Tema da aula: Lembrando o Projeto Viajando pela
Cultura Africana e Afro-brasileira e organização
do Festival


Participantes da aula: Alunos do 5º ano B e produ-
tor Audio visual Kiriku

Cheguei na sala de aula e apresentei o
Kiriku para os alunos. Expliquei que ele estava
filmando a nossa aula para produzir o documentário.
Expliquei que começaríamos nossa aula na quadra em
uma roda de conversa e fomos até lá.

Fiz em roda fiz a seguinte pergunta: Como foi
o projeto Viajando pela cultura Africana e Afro-brasi-
leira? Que eles pode falar sobre o que aprenderam,
construíram, sentiram durante todo o projeto.

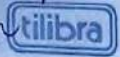
Nessa roda se destacaram as seguintes falas: "Eu
queria falar que quando a gente começou a usar aquele
livro Adule Adule a gente aprendeu bastante brincadeiras,
eu quando ia na outra escola a gente não estudava nada
digo", "eu aprendi várias coisas aprendi comida, danças,
a roda" (Melissa) "Eu acho que eu aprendi bastante
coisa, eu pensava que a África era só um país, mais
agora eu comecei a conhecer os países e os continentes, e
eu gostei muito de aprender, o livro Adule Adule eu
gostei muito que nem agora eu tenho meu diário de
campo e agora eu anoto quase tudo lá... aprendi brinca-
deiras, moeda de cada país, linguagens, as brincadeiras,
as músicas, eu gostei muito e queria continuar e já
passei para várias pessoas o que eu aprendi aqui" 



nas aulas, ensinei para minha madrinha, minhas primas, minha família e amigas (Katryna); Eu aprendi que na África tem 54 países, e as brincadeiras e as músicas, eu ensinei para minha irmã, eu mostrei o diário para ela (Pantera Negra); "Eu aprendi sobre os países e a linguagens e um pouco da cultura e ^{bastante} como a cultura nasceu neles, as histórias deles também, que eu achei legal quando a gente brincou da brincadeira Nista e Watswang Le Lerapo que em português é Cão que rouba o osso" e de Botswana que é uma brincadeira que eu acho bem legal porque além de você prestar atenção pode ter uma boa condição física porque você tem que correr, prestar atenção é muito legal" (Michael Jackson Alan Walker) "Quando eu comecei achar que a África era um continente eu sabia lá que existia a Angola aí depois eu fui vendo que tinha a Nigéria, Senegal, tudo, e aí aprendi todos os países... É algo muito legal pra gente conhecer, pra gente aplicar na nossa vida, pra gente ter mais conhecimento" (MJA W); "Eu aprendi sobre as culturas, danças, brincadeiras, e as brincadeiras que eu mais gostei, principalmente foi a Amagamulamula zexxi que é de Moçambique, por isso que eu escolhi ela pra mim poder apresentar pras pessoas que vão vir no Festival, Eu achei que ela é legal porque ela puxa outras brincadeiras, ela puxa cabo de guerra, ela lembra, ela não é que nem as outras, igual ela tem algumas coisas diferentes e ela é da África, ela é Afro-brasileira" (Alice Queen); "Eu aprendi muita coisa legal, brincadeiras, culturais, e a brincadeira que eu mais gostei foi o  jogo da memória, eu gostei dela por que nós

mesmo fizemos e podemos criar bastante coisa, comida, países no jogo da memória, eu achei muito legal porque você pode brincar com muitas pessoas e conhecer mais países (Isabela da Silva); "A importância disso é que com as culturas dos africanos a gente criou a cultura afro-brasileira, então bastante costumes dos africanos entrou na nossa cultura, por isso que a gente tem que agradecer a África por tudo que tem, que tanta coisa que a gente nem sabe que tem influência da África mas tem... pra gente conhecer o que é a África pra gente" (M.J.A.W.); "Eu aprendi várias coisas, antes de trabalhar esse projeto eu não sabia muita coisa da África e eu achava que não era tão legal assim" (Aurora); "Mesmo depois disso eles conseguiram lutar pela liberdade deles e também influenciou a Capoeira que a gente faz hoje no Brasil, lá na Bahia tem bastante influência das culturas africanas e isso nos dá conhecimento" (M.J.A.W.)

Após a roda de conversa fomos até a sala para dar continuidade à organização do festival e o Keri Ku estaria registrando tudo isso. Combinei que eu passaria nos grupos para ver o que eles já estavam fazendo ou decidindo.

No grupo da comida a Katryna explicou "a gente vai colocar vatapá, cuscuz doce e salgado, farofa e feijada, e tudo vai ser uma ajuda por que algumas pessoas não podem fazer tudo"... "Agora a gente tá passando desse papel para o cartaz... pra colocar na entrada pra falar o que vai ter ou falar aonde vai ter a comida". "O vatapá vai ficar 



con o Miguel, o cuscutz doce vai ficar com a Melissa,
o salgado vai ficar com a MC Mirrela, a farofa vai
ficar comigo e a feijoadá vai com a Alice. Quem
vai ter ajuda de algumas mães na comida.

No grupo da divulgação algumas falas ^{ideias} se destacaram:
"A gente vai começar com um cartaz na entrada (Isabela);
"A gente teve a ideia da Isabela e MC Mirrela ficar
na porta recebendo as pessoas" (Brenda), "E eu e a
Brenda ficar na porta da quadra explicando" (Raquel);
"A Brenda teve uma ideia de no final a gente pegar
umas fichinhas para eles falarem se gostou, se não gostou
e se podemos melhorar" (Raquel); "Pegamos a ideia desse
livro, os desenhos para a decoração" (MC Mirrela);
"Nós vamos fazer um convite pelo celular e depois a
gente vai pedir para o amigo da Katryna imprimir
para a gente" (Isabela da Silva).

No grupo da decoração e exposição se destacaram
as seguintes ideias e falas: "Então a gente teve a ideia
de na decoração e exposição a gente colocar as máscaras,
nossos diários, nossas fotos e a gente colocar os mapa
que foi ideia do M JAW e as bandeiras dos países
que foi ideia da Katryna"... "a gente tá fazendo
o cartaz dos instrumentos" (Melissa) "que eu acho
que vai ter".

Os grupos das brincadeiras todos estavam em-
penhados na produção dos cartazes e organização
de como ensinarão no dia do Festival. Se desti-
caram as falas: "No cartaz está explicando o modo
de como jogar, da onde é, o número de pessoas é
indefinido assim, você pode quantas pessoas



1 / 1

“você quiser” (Alice Queen); “A gente conversou mais ou menos assim eu e a Alice Queen a gente vai ensinar para as pessoas e daí na brincadeira a gente vai erguer os braços e o Miguel vai ficar no começo da fila, na 1ª rodada explicando e na 2ª a gente vai puxar os pais para fazer sozinhos (Aurora); “A gente tá organizando o modo de jogar do Caçador e a Gazela” (Zury); “Ela tava só, ela e o HBIX Troll aí eu resolvi ajudar e eu também gosto dessa brincadeira” (Bella)

Após passar por todos os grupos, finalizamos a aula e também as filmagens



Diário de campo n° 32

Data: 31/05/2019

Participantes: alunos do 5º ano B e professora regente (pl-
valente) Helena

Tema da aula: Organização do Festival

Neste dia realizei uma aula extra para a organização do festival, visto que de sexta não trabalho no período da tarde então foi possível flexibilizar o horário juntamente com a professora Helena.

Seguimos com a organização, cada grupo se organizou para realizar as tarefas. Tudo está caminhando melhor que o previsto pois as crianças demonstram estar interessadas e empolgadas com o evento, ajudando umas às outras.

Os alunos Max e HBTX Trolh por possuírem um talento para o desenho estão ajudando os outros grupos com seus cartazes. O grupo da Recepção e Divulgação estava elaborando o cerimonial para o dia do evento e quem ficaria no microfone comentando o evento.

Quando bateu o sinal para o recreio finalizamos a aula, pois os alunos estavam organizando uma festa de aniversário surpresa para a professora Helena e me pediram ajuda. Durante o recreio organizamos tudo e quando ela chegou ficou muito surpresa. Foi uma festa gostosa e alegre, e as crianças se mostraram muito organizadas.



Diário de campo n: 33

Data: 03/06/2019

Tema da aula: Organização do Festival

Participantes da aula: Alunos do 5º ano B professora regente (polivalente) da sala Helena e professora de Arte Ayana

Neste dia a professora Ayana de Arte e eu conseguimos organizar um horário para estarmos juntas nessa aula. Ela iniciou com as crianças as confecções das máscaras africanas e fui acompanhar o processo e ajudar no que for preciso.

Quando cheguei na sala a MC Mirela e a Melissa vieram até mim para mostrar seus cabelos. A MC Mirela estava com tranças afro e a Melissa estava com seu cabelo natural sem alisar como de costume. A MC Mirela disse que fez para o Festival e a Melissa completou que também tinha mudado para o Festival. Elogiei as duas e disse que achei lindo e fiquei feliz por estarem empolgadas e pensar em mudar especialmente para o projeto.

A professora Ayana seguiu com a confecção das máscaras, que eram feitas com bexiga, jornal picado e cola. Aos poucos os alunos foram colando as camadas, dando forma a máscara.

Ao final da aula as máscaras foram penduradas em um varal adaptado na sala, para que pudessem secar e passar para o próximo passo.



Diário de campo n° 34

Data: 04/06/2019

Tema da aula: Organização do Festival

Participantes: Alunos do 5° ano B, professora regente (polivalente) da sala Helena e estagiário do Projeto Brincando e Dialogando Capi

Neste dia cheguei na sala de aula com o estagiário Capi e os alunos nos esperavam ansiosamente. Fiz a chamada rapidamente e iniciei a aula com uma questão que precisávamos decidir coletivamente: Quantos convidados iríamos receber no dia do festival? Para que pudéssemos preparar tudo com base nesse número de convidados. Diante deste questionamento perguntei aos alunos como poderíamos solucioná-lo e as ideias foram: "Vamos fazer mais comida" (HBIX Trolle); "Cada um pode trazer no máximo 2 pessoas" (Melissa); e a partir daí combinamos que todos iriam confirmar quantas pessoas poderão ir com certeza no evento e na próxima aula terão que falar para podermos organizar.

Decidimos coletivamente como seria a organização de cada atividade na quadra. Ficou organizado assim: a comida e a exposição ficariam dispostos na parte superior da quadra acima da arquibancada, as brincadeiras seriam organizadas nos quatro cantos da quadra e a roda africana no círculo central. A preocupação da turma era em relação a quantidade de convidados, visto que a roda africana seria a abertura do festival. Diante disso a Aurora questionou: "Professora porque pensa nossa estimativa é 100 pessoas com a gente, 100 pessoas na roda não vai dar", e a partir daí pensamos na dinâmica de



separar a roda em 2 e depois dividir os convidados nas brincadeiras ^(4 grupos) e realizar um rodízio ^{simultâneo}, no entanto tudo isso dependeria da confirmação da quantidade de convidados. Todos concordaram que essa era a melhor opção.

A Alice Queen sugeriu: "A gente pode enquanto as pessoas vão chegando a gente pode fazer uma estimativa quantas pessoas ^{que} tá entrando pra gente poder organizar". Expliquei que para isso a Abayomi, que já trabalhou no projeto, estaria anotando na lista de presença o nome dos convidados, e isso nos ajudaria na organização.

Após isso conversamos como seria a dinâmica de todo o festival, recepção, cerimonial, divisão dos grupos, rodízio, finalização e avaliação do evento. As meninas da divulgação tiveram a ideia de separar os grupos com fitinhas de TNT, pois ficaria mais fácil de organizar.

Como o grupo do Memorafre precisava de 3 ajudantes a Isabela da Silva, a Emanuly e o Max se ofereceram para ensinar e ajudar pois não atrapalharia as suas respectivas funções. Outro ponto importante seria que no dia do festival eles não poderiam atrasar e se possível chegar mais cedo para ajudar na organização, pois como o evento está marcado para as 13.30 teríamos apenas 1 hora para organizar tudo, então todos seriam importantes ^{colaborando} nesse momento. Para os responsáveis pelo Memorafre pedi para que estudassem os significados das cartinhas para poder explicar certinho, e o Miguel disse "inventa alguma coisa" e eu disse que se estamos ensinando temos que saber o correto e qualquer dúvida eram pra vir até mim que eu ajudo.

Concluímos que na próxima aula eu iria ensaiar com cada grupo como eles iriam ensinar as atividades.



des. A Aurora fez um apontamento importante: "Não é uma opinião é uma preocupação porque o caçador e a gazela não fica em silêncio, o amagamulamulazetsê faz muito barulho e vai estar do lado", diante disso trocamos e colocamos o caçador ao lado do memorafio que é mais silencioso.

Após isso, os grupos se reuniram para organizar suas tarefas e tudo ocorreu conforme o esperado.



Diário de campo nº 35

Data: 05/06/2019

Tema da aula: Organização do Festival

Participantes: Alunos do 5º ano B, professora regente (pedividente) da sala Helena

Neste dia, cheguei até a sala de aula e os alunos estavam ensaiando um rap que o Michael Jackson Alan Walker fez para falar sobre a brincadeira que ele iria ensinar no festival. Enquanto ele cantava, a Alice Guan e a Aurora faziam o beat box. Essa foi uma atividade desenvolvida na aula de Arte com o projeto Brincando e Dialogando e que incentivou o MJAW a fazer um rap para nosso festival. Achei fantástica a letra e os elogiuei pela dedicação, e aproveitei o momento para desafiar ele a fazer uma letra falando de todo projeto, e ele aceitou.

Cada grupo se reuniu para acertar suas tarefas e seguir com a organização. Alguns estavam finalizando cartazes, outros treinando como iriam ensinar e o grupo da comida estava acertando quais instrumentos seriam usados no dia para servir.

A Katryna trouxe os convites que seu amigo imprimiu e só estávamos aguardando os envelopes que a diretora ia fornecer para colocá-los, para poder entregar para cada um levar para casa.

A Brenda me entregou o cerimonial para que eu pudesse corrigir, digitar e imprimir.

A Katryna disse que esse festival deu ou a gente mais próximos porque antes do festival eu só conhecia a Brenda, só conhecia a Aurora, a Raquel, a MC Auréa mas agora eu conheço todo mundo e eu me sinto mais pertencente.



cente". "eu me sinto mais próxima de todo mundo".

Foi muito gratificante ver todos se ajudando, colaborando um com o outro e fiquei feliz pela Katryna estar se sentindo mais acolhida com a turma, pois antes era um questionamento dela.

No final da aula eu entreguei os termos de autorização de imagem e pedi para que eles trouxessem o mais rápido possível. Combinamos como seria o cronograma até o festival e quais seriam as tarifas. Acertamos também quem irá trazer cada comida e as bebidas.

Festival Viagem Pelos Caminhos Da África

Você não pode perder !!

Terá:

- Danças
 - Exposição
 - Comidas
 - Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-brasileiras
- E muito mais!**

Obs: Vir de roupa adequada para atividade física



Local: Escola José Floriano
Data: 18/06/2019 às 18:30



Diário de campo n=36 Data: 06/06/2019
Tema da aula: Organização do Festival
Participantes: Alunos do 5º B, professora regente pedagoga da sala Helena e minha ajudante Abayomi

Cheguei na sala com a Abayomi e muitos alunos reconheceram por ela fez parte do Projeto Brincando e Dialogando quando eles estavam no 3º ano e expliquei que ela ainda participa do projeto como educadora, no entanto está ministrando esse ano as aulas no período da manhã.

Entreguei os convites para os alunos nos seus respectivos envelopes e pedi para que mostrassem para seus familiares. O convite ficou muito lindo e caprichado.

Combinamos que nesta aula eu iria descer com os grupos até a quadra para verificar o local e para que eles pudessem treinar como iriam ensinar cada atividade ou desenvolver suas funções. O primeiro grupo foi o das brincadeiras e expliquei a eles que a Abayomi iria nos dar suporte para o que fosse necessário.

A Melissa disse que pesquisou um doce diferente e que sua irmã vai tentar fazer.

Os demais grupos ficaram na sala terminando suas tarefas. Quem era da comida foi ver quantos copos e cumbucas teria na escola para ver onde serviria a comida. A Abayomi comentou: "Esse jogo da memória ficou tão bonito".

Fomos até a quadra e cada grupo foi para seu espaço e decidiram onde cada cartaz iria ser colado. Após isso se organizaram e começaram a treinar. O grupo das brincadeiras Amagamula, mular, xê e Caô que rouba o ovo estavam mais organizados e proativos e depois que



treinaram o suficiente foram os participantes uns dos outros. Os grupos das brincadeiras Memorfro, Caçador e a Gazela e Roda Africana tiveram mais dificuldades. Diante disso, a Abayomi ajudou o grupo Memorfro e eu os outros. No início, a roda africana estava dispersa e pensando em outras ideias e precisei conversar e pedir para que dedicassem mais pois teríamos pouco tempo. Depois elas conseguiram se organizar e pedi para que treinassem mais. Foi o caçador e a gazela, depois da conversa, teve uma boa melhora.

Como essa dinâmica demorou mais que o esperado, expliquei para eles que na segunda eu iria ajudar os grupos que faltaram e treinar mais um pouco com as brincadeiras Caçador e a Gazela e Roda Africana.

Após isso, subimos até a diretoria e guardei o som que usamos. Fui até a sala, expliquei para os outros como seria a próxima aula e me despedi.



Diário de campo n.º: 37

Data: 10/06/2019

Tema da aula: Organização do Festival

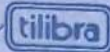
Participantes da aula: Alunos do 5º ano B, professora regente (polivalente) Helena

Neste dia apesar de não ser aula para essa turma consegui ajustar o horário para ter esse momento extra pré-festival. Cheguei na sala e eles estavam me aguardando ansiosamente. Comentei com a turma que a mãe da Katryna veio falar comigo e confirmou que irá fazer a farofa. Perguntei se eles já tinham certeza de quantos convidados cada um iria trazer e após uma estimativa o número chegou à 44, no entanto alguns alunos faltaram nesse dia.

Decidimos que a melhor forma de dinâmica seria um rodízio incluindo a roda africana, e dessa forma dividiria os convidados em 5 grupos assim ficaria um número adequado para que eles pudessem ensinar. Combinamos que quem não estiver ensinando pode colaborar com as outras brincadeiras.

Entreguei o cerimonial impresso para a Brenda e a Raquel para que pudessem treinar e os significados das palavras que o Dog pesquisou para quem ia ensinar o memorafu.

A Alice Luere disse: "A minha mãe da farofa e eu também admi", ela falou que vai servir case quente e precisa ser em uma coisa que não seja de plástico tem que ser de isopor ou outra coisa". Diante disso, eu disse que vai ser difícil manter quente e lembramos que o pai do Gil talvez ia trazer os rechauds, ele ficou de confirmar até quarta (véspera do evento).

A Katryna disse que um amigo da família 



dela vai emprestar o berimbau.

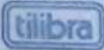
Pedimos que os diários fossem colocados no armário da sala para que ninguém esquecesse no dia, para a exposição.

Recapitulei com eles os pratos que os alunos ficaram responsáveis por levar no evento: Alice Queen - fujoda; Miguel - Tatapá; Pudim - Gumbie; Cuscuz Mc Mirêla; Katryna - Farofa, e a diretora Chentai também vai contribuir com um Cuscuz e eu também, os demais alunos, a professora Helena e a coordenadora pedagógica vão contribuir com refrigerantes e sucos. A Melissa disse que sua irmã ainda não tinha testado a receita do Koksusters (doce africano) e que estava torcendo para dar certo.

Decidimos coletivamente que para diferenciar os convidados dos organizadores as crianças usariam um colete amarelo.

O grupo do Memória disse que estava estudando os significados das cartinhas. Percebi que o grupo da comida também precisava estudar o significado/origem/ingredientes de cada comida, diante disso falei para eles que eu iria digitar isso e trazer impresso no nosso próximo encontro. Pedi para quem é do grupo da decoração que trinassem como iriam explicar sobre cada coisa que estaria exposta.

Fui até a quadra para treinar com um grupo de cada vez, primeiro a roda africana, em seguida caçador e gazela, divulgação, comida e exposição. Tudo correu bem e eles estavam bem preparados para o evento.

 Ao final da aula quando voltei para sala



vi que os outros grupos estavam tremando espalhados pelo pátio e me chamou muito a atenção a forma como estavam entrosados e organizados, uns ajudando os outros.

Por fim, o Michael Jackson apresentou o rap do qual eu o desafiei e com a ajuda da Aurora e Alice Queen fizeram o beat box. Fiquei impressionada e anestesiada com a criatividade do M.J.A.W por ter a sensibilidade de amarrar tudo que trabalhamos durante todo o projeto em uma música, isso já valeu todo o trabalho. Após a 1ª apresentação todos os colegas quiseram fazer o beat box também e a animação deles era contagiante. Ficou muito bonito com todos juntos e pedi para que treinassem para apresentação no fechamento do festival. As crianças reconheceram o talento do M.J.A.W e brincaram pedindo autógrafa para ele.

Sai muito feliz e realizada dessa aula pois percebi que todos os alunos estavam preparados e acima de tudo felizes com tudo que estava sendo feito.

Importante mencionar o envolvimento da gestão escolar para a realização do evento, visto que a vice diretora Arusha juntamente com o seu marido conseguiram caixas de papelão para usar na exposição. Ela se inspirou em um foto que encontrou na internet e disse que iria ajudar fazendo o suporte e as caixas para colocar as máscaras. Os funcionários da escola ajudaram-na a encapar e preparar tudo para o dia do evento.



Diário de campo n: 38

Data: 12/06/2019

Tema da aula: Preparação final para o Festival
Participantes: Alunos do 5º ano B, professora regente
(polivalente) Helena

Neste dia cheguei até a sala de aula e recebi uma "trollagem" dos alunos e da professora Helena. Como foi meu aniversário no dia anterior eles fingiram estourar um ovo na minha cabeça, mas na verdade dentro tinha papéis picados, ufa! Tivemos muito disso.

Após esse momento de descontração continuamos com a organização dos últimos detalhes. Para este dia faltava apenas fazer o mural de fotos e acertar pequenas coisas. Disse a eles que cada comissão teria uma caixa separada com seus respectivos materiais. O grupo da decoração e exposição definiu quem explicaria cada coisa.

Enquanto o grupo da decoração e outras crianças me ajudavam a montar o mural, os outros grupos aproveitaram para ensaiar o que iriam ensinar.

Finalizamos o mural e a aula. Tudo estava organizado para o evento.



Diário de campo n° 39

Data: 13/06/2019

Tema da aula: Dia do Festival Dragem pelos Caminhos da África

Participantes: Alunos do 5ºB, Professoras, Gestão Pedagógica e escolar, familiares e convidados do evento

Finalmente chegou o grande dia!

Como estava na escola desde as 8h00 entre uma aula e outra fui organizando algumas coisas. Consegui adiantar algumas aulas e a partir das 11h00 comecei a organização da quadra. Alguns alunos do período da manhã se ofereceram para ajudar. A vice-diretora Anusha trouxe as caixas para empilhar e colocar as máscaras e bandeiras confeccionadas pelos alunos. A partir das 12h os alunos do 5ºB foram chegando e ajudando com a organização. Aos poucos tudo ia ficando em ordem e os familiares foram chegando.

Estávamos arrumando a mesa das comidas quando chega a mãe do "Michael Jackson Allan Walker" com vários rechauds para servir a comida. A todo momento ela queria ajudar e foi importantíssima para nós. Outra situação que nos deixou muito felizes foi quando os pais do Pantera Negra vendo a exposição com os seri-catos, máscaras e etc perguntaram se poderiam buscar alguns elefantes (inclusive que vieram da África) dos quais eram colecionadores para contribuir com nossa exposição. É claro que aceitamos e logo eles voltaram com 10 esculturas lindíssimas de elefantes que deram um toque muito especial.



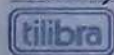
Aos poucos os convidados iam chegando, alguns trazendo a comida que ficaram responsáveis. Na entrada todos eram recepcionados pelas meninas da Divulgação, recepção e encerramento e também pela Abayomi que marcava o nome deles na lista de presença e oferecia o termo de autorização de imagem para que se pudesse já assinar. Todos aceitaram e assinaram esse termo.

Às 13h45 iniciamos o evento. Primeiramente expliquei aos convidados sobre a filmagem e depois a Brenda e Raquel iniciaram o Cerimonial. Após isso a MC Mirela, Ana Beatriz e eu amarramos as fitas de TNT separando os convidados em 4 grupos, pois do total de 50 convidados, 41 participaram das brincadeiras e o restante preferiu assistir da arquibancada por estarem com crianças de colo ou outros motivos (saúde/idade/restricção).

O desempenho dos alunos foi excelente, estavam seguros ao ensinar, empolgados e contagiaram os convidados, que demonstraram estarem se divertindo muito. Como tinham 4 grupos, a cada rodada um grupo das brincadeiras (crianças) descansava.

Após todos terem vivenciado as brincadeiras dividimos em 2 grupos para servir a comida e outro para ver a exposição. Tudo ocorreu tranquilamente.

Segundo os convidados as comidas estavam deliciosas e a exposição emocionou muitos, principalmente com os diários. A comida foi suficiente para todos até repetir alguns pratos.



Por fim os alunos apresentaram o rap com.



posto pelo MJAW e fecharam com chave de ouro com muitos aplausos e emoção. Finalizamos o evento e cada convidado que saía respondia a pesquisa de satisfação com as meninas do encerramento MC Nilcila e Isabela da Silva.

Muitos convidados, pais, mães e até crianças vieram até mim elogiar o evento e o projeto e isso me deixou extremamente feliz.

Aproveitei que alguns familiares toparam de dar uma entrevista e fomos até a biblioteca gravar.

A Prof^a Helena e os alunos adiantaram a arrumação final até que eu finalizasse as entrevistas. Após tudo finalizado veio a sensação de dever cumprido, pois além de tudo ter dado certo as crianças estavam felizes e realizadas.

Importante mencionar que as coordenadoras da diretoria de ensino vieram prestigiar o evento. Outra coisa importante foi que conseguimos registrar uma foto com todos os participantes.



Diário de campo n: 40

Data: 17/06/2019

Tema da aula: Atividade avaliativa

Participantes da aula: Alunos no 5º ano B e professora regente da sala Helena

Neste dia cheguei até a sala de aula, fiz a chamada e entreguei os diários de campo que estavam guardados no armário. Expliquei que eles deveriam contar uma história em forma de texto sobre como foi a viagem pela Cultura Africana e Afro-brasileira. Reforcei que essa atividade é avaliativa e seria importante que eles caprichassem e não demorassem pois só teríamos 1 aula para isso. No caso eles quisessem consultar os registros do diário poderiam sem problemas.

Após tirar as dúvidas, pedi para que todos ficassem em silêncio e comessem suas histórias. Foi uma atividade tranquila e todos finalizaram a tempo.



Diário de campo n=41

Data: 18/06/2019

Tema da aula: Questionário final

Participantes da aula: Alunos do 5º ano B, professora regente (pedagoga) Helena e estagiários do Projeto Brincando e Dialogando Capi

Neste dia cheguei na sala de aula com o estagiário Capi. Expliquei que eles iriam responder um questionário final sobre todo nosso projeto e que poderiam consultar seus diários caso quisessem, só não seria permitido consultar os colegas. Pedi para que fizessem com atenção e colocassem tudo que achassem importante.

Entreguei os questionários chamando pelos nomes fictícios, e eles amaram e acharam engraçado. Em seguida fiz a leitura das questões e tirando dúvidas para o Desastrado e José Belino entreguei o questionário para os convidados do evento. Disse aos outros alunos que todos irão levar um desse questionário para que algum convidado que esteve presente e participou pudesse responder.

O Michael Jackson Alan Walker reparou na minha camiseta e perguntou se era ela que eu estava usando no festival e onde eu comprei.

Como o Steven ainda não está alfabetizado ajudei transcrevendo as respostas que ele falava.

Em relação a autodeclaração de cor/raça alguns ainda ficavam dúvidas sobre. O Michael Jackson A.W. disse "meu pai e minha mãe é negro, meu vó da parte de mãe é negro meu vó por parte de pai é negro". Reforcei que eles deveriam assinalar a opção que representa



a forma pela qual eles se enxergam em relação à cor da pele.

A maioria do turma finalizou o questionário ficando apenas a Raquel e o Steven para a próxima aula. Como ela seria no dia da nossa confraternização disse que daria um tempinho no início da aula para terminarem.

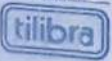
No final da aula entreguei o questionário para os convidados do evento. O sinal para o intervalo tocou e os alunos saíram, ficando a Zury que finalizou e a Raquel que irá finalizar.



Diário de campo n: 42 Data: 22/06/2019
Tema: Conversa no grupo de whats App
Participantes: Alunas Alice Green, MC Nirela, Emanuely
e as outras integrantes do grupo como ouvintes

Neste dia estava em minha casa verificando as mensagens no grupo intitulado pelas alunas como "Projeto da Ed. Física". Nela estão adicionadas todas as alunas da sala que possuem acesso a essa rede social, a professora Helena e eu.

Nos primeiros áudios a Alice Green disse assim: "Professora Suzi acabei de descobrir uma coisa" (áudio 1) "eh o bisavô da minha mãe que é meu tataravô ele tinha muita descendência africana" (áudio 2) "ele chegou até a participar do tempo da escravidão" (áudio 3) "e os pais dele vieram da África ou ele a minha mãe ela não sabe ainda ele morreu com 117 anos" (áudio 4). Achei muito bacana ela se interessar por descobrir isso e começamos a conversar sobre. "Tudo isso graças a minha mãe que me contou" (áudio 5). Elogiei ela e sua mãe por compartilhar isso conosco. "Ele ajudou a fundar a cidade Gália também minha mãe disse, no banco de uma praça lá em Gália tá escrito o nome dele" (áudio 6), "Professora eu perguntei pra minha mãe eu tenho descendência africana, indígena e europeia sim" (áudio 7). Importante mencionar que fiquei feliz com todo esse interesse e pela família estar comentando sobre isso em casa após esse projeto.

Após esses áudios recebi outros das alunas que também ficaram curiosas em saber suas raízes. "Agora eu tenho africana, italiana e não lembro mais depois eu 



pergunto para minha mãe porque ela não tá em casa agora e depois eu falo" (No Nuvola Audio 8). A Alice Buein escreveu "Do lado da minha mãe eu tenho descendência africana e italiana e do meu pai é indígena ... e europeia", "na verdade espanhola" ... "professora resumindo sou uma misturinha" (Audio 9). Comentei sobre o motivo pelo qual o Brasil é tão diverso em raças, cores, etnia, religiões etc. A Emanuelij mandou um áudio "Professora é", eu vi aqui a Alice Buein aqui falando né isso daí, aí eu ^{também} fui perguntar pra minha mãe e pro meu pai do que que eu tinha descendência, eu tenho descendência de italiana e de pernambucana" (Audio 10). Comentei da influência das Culturas Africanas e indígenas na região do Nordeste e ela demonstrou interesse e completou "O Pernambuco veio da mãe do meu pai minha vó, e o italiano veio da mãe da minha mãe (Audio 11),

Conversamos um pouco mais de outros assuntos e disse a elas que poderiam contar mais sobre isso se descobrissem algo.



Diário de campo n=43 Data: 24/06/2019
Tema: confraternização de final de semestre
Participantes: alunos do 5º ano B e professora regente
(polivalente) Karla

Neste dia cheguei até a sala na primeira aula para finalizar os questionários. Ajudei o Steven e aguardi a haquel terminar. Logo após isso o Kiruku chegou para filmar as entrevistas com as professoras Aiyana, Helena e também a coordenadora pedagógica Koriv. Em seguida o Kiruku mostrou seu equipamento que utilizou nas filmagens do vídeo/documentário e finalizou sua visita registrando por meio de foto o momento.

A festinha estava prevista para depois do intervalo e enquanto isso fizemos um jogo de mímica que foi muito divertido. Após o intervalo organizamos a sala com a ajuda de todos e nos servimos com as comidas e bebidas que todos trouxeram. Foi um momento divertido e descontraído.

ao final fiz uma fala de agradecimento por tudo a eles, desde a dedicação até o carinho que tiveram por mim.

E assim finalizamos esse semestre repleto de conhecimentos, (des)construção, alegria, crescimento para todos. Sem dúvida esse momento que vivemos marcará nossas vidas. Muito amor pela África, pelos alunos e pela escola!



AUDIOVISUAL

**VIAJANDO
PELA CULTURA
AFRICANA**



Rocha, Suzi Dornelas e Silva

Viajando pela cultura africana / Suzi Dornelas e Silva Rocha ; orientadora: Andresa de Souza Ugaya. – Bauru : UNESP, 2020
12 f. : il.

Produto educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XmnECn0jtMc>

1. Processos Educativos. 2. Educação das Relações Étnico-Raciais. 3. Cultura Africana e Afro-Brasileira. 4. Educação Física Escolar. I. Ugaya, Andresa de Souza. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. III. Título.

REALIZAÇÃO
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho /
Faculdade de Ciências – UNESP/FC

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional
em Educação Física em Rede Nacional – PROEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior – CAPES



SUPERVISÃO GERAL

Prof^a. Dr^a. Andresa de Souza Ugaya

REALIZAÇÃO

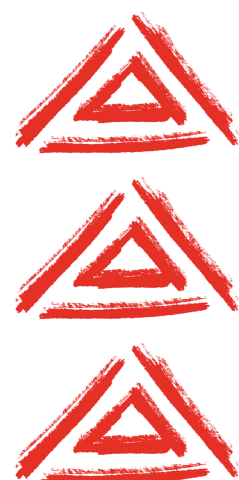
Prof^a. Ms. Suzi Dornelas e Silva Rocha

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Levi Mateus

ILUSTRAÇÕES

Paulo Teixeira



APRESENTAÇÃO



Durante a realização da pesquisa intitulada: “Viajando pela cultura africana e afro-brasileira: relações étnico-raciais na Educação Física” notamos em diversos momentos o interesse dos/as estudantes em compartilhar os conhecimentos construídos. Diante disso, elaboramos um audiovisual que apresenta as etapas dos processos educativos e o envolvimento dos/as estudantes, partindo da viagem pelo continente africano, em que os/as estudantes conheceram, por meio do contato lúdico, as características culturais, históricas e geográficas, como também a finalização com a organização e realização do “Festival Viagem pelos Caminhos da África”.

Pretendemos, com esse material, valorizar conhecimentos sobre a África na escola e oferecer aos/as professores/as de Educação Física possibilidades de incluir a história e cultura africana e afro-brasileira em suas aulas, disponibilizando sugestões e desafios pertinentes para tal ação. Acreditamos, também, que esse pode servir de estímulo para professores/as e gestores/as para promover ações de envolvimento das famílias na vida escolar dos/as estudantes, permitindo momentos agradáveis de interação e aprendizado mútuo.

A construção do audiovisual foi desenvolvida em cinco etapas. Na primeira etapa, os/as estudantes foram convidados/as a participar da produção dele e após o aceite, suas famílias foram informadas sobre os procedimentos e sua finalidade por meio de um comunicado, visto que tais procedimentos já tinham sido abordados na reunião no início do projeto. Com o consentimento, os termos de autorização de imagem dos/as responsáveis e dos/as estudantes foram devidamente assinados.

Nessa mesma etapa, foi feito o convite às professoras dos componentes curriculares de Arte e Polivalente, assim como à coordenadora pedagógica que participaram de todo o processo de desenvolvimento do projeto. Essa participação teve com intuito relatar as percepções dessas profissionais sobre o trabalho realizado e o seu envolvimento durante esse processo.

Foi contratada também uma equipe de produção audiovisual que juntamente com a pesquisadora desenvolveram o roteiro para apresentar os processos educativos que levaram a construção das aprendizagens dos/as estudantes e a organização do festival “Viagem pelos Caminhos da África”. A aplicação do roteiro teve início posteriormente ao desenvolvimento do planejamento pedagógico com elementos culturais de matriz africana nas aulas de Educação Física e durante a organização do festival.



QUADRO 1 – ROTEIRO PARA A CONSTRUÇÃO DO VÍDEO

AÇÃO	FINALIDADE	LOCAL DE FILMAGEM	PARTICIPANTES
Arrumando as malas	Diálogo sobre quais conhecimentos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras foram construídos com o projeto.	Quadra poliesportiva da escola	Pesquisadora e estudantes do 5º ano
Embarcando na viagem	Compreender como os processos educativos tiveram impacto na aprendizagem dos/as estudantes em relação a conteúdos de matriz africana.	Biblioteca da escola	Pesquisadora e estudantes
Trilhando os caminhos pela África	Os/as estudantes, divididos/as em seus grupos de trabalho, desenvolveram suas funções e tarefas para a organização do evento.	Sala de aula	Pesquisadora e estudantes do 5º ano
Festival Viagem pelos Caminhos da África	Documentar todo o evento realizado pelos/as estudantes. Gravar depoimentos dos/as estudantes sobre a experiência de compartilhar seus conhecimentos.	Todo o espaço escolar	Integrantes da comunidade escolar, estudantes, familiares, convidados/as, gestoras e professor/as
"UBUNTU: Eu sou porque nós somos"	Gravar os depoimentos dos/as familiares sobre a experiência vivida no festival e as percepções sobre o projeto realizado.	Biblioteca da escola	Familiares dos/as estudantes que participaram do evento
"Eu seguro sua mão para que juntos/as possamos fazer aquilo que eu não posso fazer sozinho/a"	Gravar as percepções das profissionais da escola envolvidas no projeto realizado.	Biblioteca da escola	Professoras de Arte e Polivalente e Coordenadora Pedagógica

Fonte: Autora, 2020.

Na segunda etapa, posteriormente à elaboração do roteiro apresentado acima, a equipe audiovisual registrou momentos realizados em aula. O primeiro momento se tratou de uma roda de conversa com os/as estudantes sobre os conhecimentos construídos ao longo do projeto "Viajando pela Cultura Africana e Afro-brasileira", em que puderam apresentar suas percepções sobre todo o processo. No segundo momento, foi realizada uma entrevista com cinco estudantes, escolhidos/as por meio de uma votação para representar a turma. A intenção dessa entrevista foi proporcionar um espaço para que pudessem apresentar as percepções, sentimentos, conhecimentos e as atividades registradas em seus cadernos de registros com relação ao projeto realizado.

Nessa mesma etapa, foi gravada a organização do evento em que os/as estudantes desenvolviam suas tarefas.

QUADRO 2 – ESTUDANTES ENTREVISTADOS/AS

ESTUDANTES	IDADE	LOCAL DE FILMAGEM
Ana Beatriz da Silva	10 anos	Biblioteca/ Quadra poliesportiva
Ana Flávia Sanches Pereira	11 anos	Biblioteca
Bárbara Fontanezzi Algarra	10 anos	Biblioteca
Gilberto Walacy dos Santos	11 anos	Biblioteca
Heberth Gabriel Sabino Lima	11 anos	Biblioteca
Julia da Cruz Marciano	11 anos	Biblioteca/ Quadra poliesportiva

Fonte: Autora, 2020.

A terceira etapa ocorreu no mesmo dia de gravação e registrou o evento como um todo: organização do espaço, acolhida dos/as convidados/as e todo o cronograma planejado pelos/as estudantes e a pesquisadora. Com a intenção de garantir os preceitos éticos de imagem, todos/as convidados/os assinaram o termo de autorização na entrada do evento e todas as informações quanto à utilização dessa gravação, foram apresentadas pela pesquisadora no início do cerimonial. Todos/as convidados/as assinaram e autorizaram o uso das imagens.

Durante o evento, foram gravados depoimentos de duas estudantes (ver Quadro 2) com a intenção de relatar como estava sendo a experiência de compartilhar seus conhecimentos com os/as convidados/as e familiares.

Neste mesmo dia, após a participação do evento, alguns/algumas familiares foram convidados/as pela pesquisadora a participar da entrevista. Diante do convite, demonstraram muito interesse em contribuir com o audiovisual e relatar suas sensações e percepções diante do que tinha sido vivenciado.

QUADRO 3 – FAMILIARES CONVIDADOS/AS A PARTICIPAR DO AUDIOVISUAL POR MEIO DE ENTREVISTA

CONVIDADO/A	IDADE	GRAU DE PARENTESCO	ESTUDANTE	LOCAL DE FILMAGEM
Ana Carolina Sanches Pereira	30	Mãe	Ana Flávia	Biblioteca
Ana Flávia Sanches Pereira	42	Pai	Hemilly	Biblioteca
Bárbara Fontanezzi Algarra	46	Pai	Gilberto	Biblioteca
Gilberto Walacy dos Santos	25	Irmã	Julia	Biblioteca
Heberth Gabriel Sabino Lima	42	Mãe	Gilberto	Biblioteca

Fonte: Autora, 2020.

Ressaltamos que, dentre os convidados tivemos a colaboração do pai e mãe do estudante Gilberto Walacy, que além de participarem do festival do filho, contribuíram para a organização do evento e mostraram-se muito solícitos para participar da entrevista. Isso evidenciou o envolvimento que o estudante teve durante as atividades do projeto e que isso reverberou dentro e fora da escola.

Na quarta etapa, foi realizada a coleta do depoimento das professoras de Arte e Polivalente juntamente com a Coordenadora Pedagógica. A escolha dessas profissionais se deu pelo envolvimento nas ações desse projeto, e com isso puderam relatar suas participações e contribuições bem como as percepções sobre a relevância e o resultado desse trabalho.

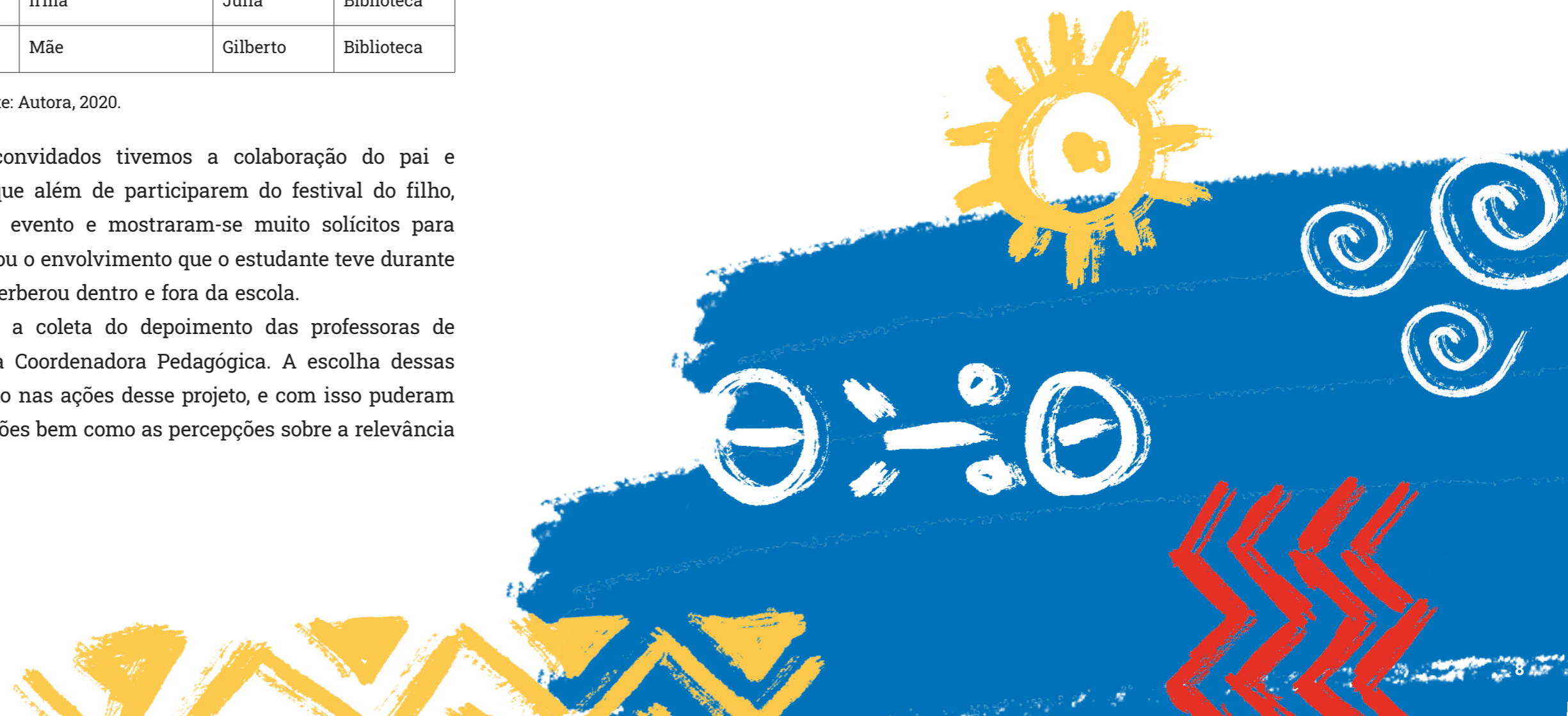
QUADRO 4 – PROFISSIONAIS CONVIDADOS/AS A PARTICIPAR DO VÍDEO

CONVIDADA	ÁREA DE ATUAÇÃO	LOCAL DE FILMAGEM
Karla Cristina Barbosa	Pedagoga	Biblioteca
Maria Aparecida Rodrigues Torres	Professora de Arte	Biblioteca
Juliana Oliveira Coutinho	Coordenadora Pedagógica	Biblioteca

Fonte: Autora, 2020.

Na quinta etapa, ocorreu a finalização do audiovisual com a escolha das cenas, a seleção da trilha sonora com a liberação dos direitos autorais pelos/as compositores/as, preparação da legenda, e que após isso passou por um processo minucioso de edição para sua finalização.

Esse audiovisual ficará disponível gratuitamente na plataforma de vídeos na internet pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=XmnECn0jtMc&t=66s> (Acesso em 25 mai. 2020), bem como no repositório do Programa Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).





The background is a vibrant yellow, decorated with various hand-drawn patterns and symbols in red, blue, and black. At the top left, there are red zig-zag patterns. To the right, a white sun with rays is drawn. Below the sun, a blue wavy line with dots runs across the page. On the right side, there are blue spiral patterns. In the center, the text 'PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO:' is written in bold black letters. Below this, the main title 'UM DIÁLOGO COM A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA' is written in white, hand-drawn letters on a blue brushstroke background. At the bottom, there are more patterns: a black mask with white and red details on the left, red circles and lines in the center, and red triangles and black zig-zags at the bottom right.

PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO:

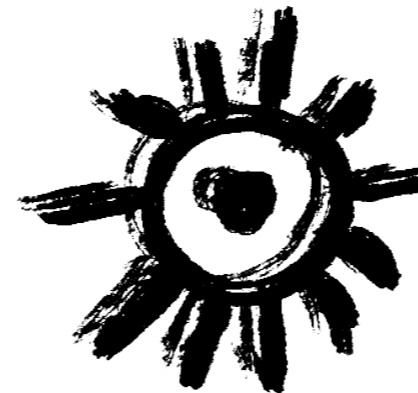
**UM DIÁLOGO COM
A CULTURA AFRICANA
E AFRO-BRASILEIRA**

Rocha, Suzi Dornelas e Silva

Planejamento pedagógico : um diálogo com a cultura africana e afro-brasileira / Suzi Dornelas e Silva Rocha ; orientadora: Andresa de Souza Ugaya. – Bauru : UNESP, 2020
68 f. : il.

Produto educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru

1. Processos Educativos. 2. Educação das Relações Étnico-Raciais. 3. Cultura Africana e Afro-Brasileira. 4. Educação Física Escolar. I. Ugaya, Andresa de Souza. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. III. Título.



REALIZAÇÃO

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho /
Faculdade de Ciências – UNESP/FC

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional
em Educação Física em Rede Nacional – PROEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior – CAPES



SUPERVISÃO GERAL

Prof^a. Dr^a. Andresa de Souza Ugaya

REALIZAÇÃO

Prof^a. Ms. Suzi Dornelas e Silva Rocha

ILUSTRAÇÕES

Paulo Teixeira

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	4
2. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1.....	6
3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2.....	7
4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3.....	8
5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4.....	11
6. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5.....	13
7. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6.....	15
9. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 7.....	17
10. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 8.....	19
11. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 9.....	21
12. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 10.....	23
13. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 11.....	25
14. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 12.....	27
15. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 13.....	29
16. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 14.....	31
17. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 15.....	33
18. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 16.....	45
19. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 17.....	47
20. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 18.....	49
21. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 19.....	54
22. SEQUÊNCIA DIDÁTICA 20.....	55
23. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	58
REFERÊNCIAS.....	59

Caro/a educador/a

Este material didático é fruto da pesquisa intitulada “Viajando pela Cultura Africana e Afro-brasileira: Relações Étnico-Raciais na Educação Física”¹ que teve como propósito apresentar um repertório de conteúdos de matriz africana nas aulas de Educação Física para uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, que envolvesse jogos, brincadeiras e danças como unidades temáticas principais e, a partir disso, identificar e compreender os frutos desses processos educativos. Diante dessa premissa, foi desenvolvido um planejamento pedagógico que abordasse tais conteúdos partindo dos interesses e curiosidades dos/as estudantes perante a história e cultura africana e afro-brasileira, identificados nos dados coletados e analisados do questionário inicial.

Por se tratar de um planejamento flexível, durante todo o processo, foram realizadas alterações e adaptações de acordo com as novas necessidades e curiosidades que eram identificadas pela pesquisadora.

Acreditamos que, embora a Educação para as Relações Étnico-Raciais tenha tido um maior destaque nos últimos anos por meio das políticas públicas, documentos orientadores, currículos e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebemos que ainda existem fragilidades quanto à sua aplicabilidade e efetivação nos pátios escolares. Com isso, vamos ao encontro das palavras de Brandão (2010):

O passado de “esquecimento” da importância de africanos e afro-brasileiros, a denegação sistemática da existência de discriminação racial e a ideia de nação mestiça criam, ainda, resistências à abordagem da temática das relações étnico-raciais, que surgem não só nas salas de aula, mas também na comunidade escolar e até mesmo além dos muros da escola (BRANDÃO, 2010, p. 5).

¹ Pesquisa desenvolvida no primeiro semestre de 2019, em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental I da cidade de Bauru, como um dos requisitos do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da UNESP – Bauru.

A fim de contribuir com possibilidades na aplicabilidade de conteúdos de matriz africana no contexto escolar, apresentamos o planejamento pedagógico desenvolvido para tal pesquisa, com a intenção de colaborar e estimular profissionais do âmbito educacional na inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira. Pretende-se também, estimular o diálogo entre os componentes curriculares para que possam trabalhar com essa perspectiva de forma integrada com diversos objetos de conhecimentos e contribuir para uma aprendizagem intercultural significativa.

O planejamento pedagógico foi aplicado ao longo de um semestre letivo (1º e 2º bimestre) nas aulas regulares de Educação Física de uma turma 5º ano do Ensino Fundamental. Cada aula teve a duração de 50 minutos e todos os 43 encontros foram registrados no diário de campo da pesquisadora. Como esse planejamento foi desenvolvido no formato de projeto, sugerimos a proposta de um festival temático como finalização do processo e sua celebração.

Esse planejamento pedagógico não objetiva servir de cartilha ou manual para o/a educador/a no desenvolvimento desses conteúdos, mas sim, despertar possibilidades para sua inclusão com base em uma ação bem-sucedida. Todavia, o educador/a poderá ressignificar a proposta conforme a realidade do seu contexto.

Convidamos, você, a embarcar junto conosco nesta fantástica viagem pela África. Vamos conhecer o continente passando pela África do Sul, Nigéria, Guiné-Bissau, República Democrática do Congo, Tanzânia, Senegal, Moçambique e conhecer as suas influências na cultura brasileira por meio de jogos, brincadeiras e danças. Ao final, iremos propor um festival temático com o intuito de apresentar tudo que foi aprendido e construído ao longo de um semestre.

Vamos embarcar?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA I

TEMA: Viagem pela África.

OBJETIVO: Apresentar a proposta e investigar os conhecimentos prévios dos/as estudantes.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Sugerimos iniciar com um diálogo sobre conhecimentos oriundos das culturas africanas e afro-brasileira. Em roda de conversa, perguntar aos/as estudantes sobre experiências anteriores, caso já tenham tido contato com essas culturas ou sugerir que falem palavras ou frases sobre o continente africano. Em seguida, apresentar a proposta que será realizada ao longo das próximas aulas, bimestre ou semestre sobre conteúdos de matriz africana nas aulas. Pergunte a eles/as se aceitam fazer esta viagem pela África.

DICA: Você pode utilizar um gravador de voz para registrar as aulas e transcrever em um diário de campo suas percepções como forma de avaliação e reflexão sobre suas aulas. Outra sugestão, seria articular as ações pedagógicas com educadores/as de outros componentes curriculares, integrando os conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS: Gravador de voz do smartphone.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

TEMA: Quando eu viajei para a África.

OBJETIVO: Investigar os conhecimentos prévios dos/as estudantes em relação ao continente africano.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula, pátio ou quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Proponha a brincadeira de memória “Quando eu viajei para a África”, adaptação da brincadeira popular “Quando eu fui para Paris”. Solicitar aos/as estudantes que imaginem o que poderiam acontecer, conhecer, fazer, encontrar quando chegassem ao continente africano. Em uma sequência, cada estudante terá que falar a frase “Quando eu viajei para a África eu...” e, em seguida, dizer o que imaginou. Os/as próximos/as devem falar, em sequência, tudo que foi dito antes e depois incluir o que pensou. Dessa forma, segue a dinâmica da brincadeira até que alguém erre a sequência ou esqueça, saindo da brincadeira. Vence o/a último/a que conseguir repetir toda a sequência sem errar. Com essa atividade, é possível observar conhecimentos prévios significativos, como também estereótipos e pré-conceitos muito comuns no modo de ver a África. É importante que o/a educador/a dialogue com os/as estudantes acerca desses conceitos.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: Observação e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS: Gravador de voz do smartphone.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

TEMA: Questionário inicial e caderno de registros.

OBJETIVO: Levantamento dos conhecimentos prévios, interesses e curiosidades dos/as estudantes sobre a África e propor um caderno de registros para os/as estudantes.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

DESENVOLVIMENTO: Propor um questionário a fim de compreender os conhecimentos prévios dos/as estudantes, bem como seus interesses diante da história e cultura africana e afro-brasileira. Entregar para cada estudante um questionário impresso e as orientações para o preenchimento.

É importante mencionar que, apesar desta atividade ter caráter avaliativo, sugerimos explicar aos/as estudantes que se trata de um diagnóstico e que o mesmo servirá como base para o desenvolvimento do planejamento.

Uma sugestão é que tenham um caderno de registros, para que anotem suas percepções, aprendizados e sentimentos das aulas. Esse caderno pode ser solicitado a eles/as ou presenteado pelo/a educador/a e, posteriormente, pedir para que confeccionem uma capa com o tema “África”. Após isso, propomos também aos/as estudantes que façam um autorretrato e uma biografia nas primeiras folhas do caderno. Os demais registros podem ser realizados de forma voluntária, somente pede-se que utilizem linguagens e materiais variados para relatar suas percepções

DICA: Pode sugerir pontos importantes para a autobiografia como: idade, onde mora, como é a família, o que gosta de fazer e brincar, etc.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Questionários impressos, gravador de voz do smartphone e cadernos de desenho tipo brochura.





Capas do caderno de registro dos/as estudantes



QUESTIONÁRIO INICIAL

NOME: _____

1) COMO VOCÊ SE AUTODECLARA EM RELAÇÃO À COR/RAÇA:

() Branco () Pardo () Preto () Amarelo () Indígena

2) O QUE VOCÊ SABE SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA? ONDE E COM QUEM APRENDEU?

3) O QUE VOCÊ QUER APRENDER SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA?

4) VOCÊ FALA OU BRINCA SOBRE O QUE APRENDEU SOBRE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COM SUA FAMÍLIA E AMIGOS/AS FORA DA ESCOLA?

() Sim () Não

POR QUÊ?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

TEMA: Brincadeira Mamba (África do Sul).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Mamba, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

DESENVOLVIMENTO: Para esta e as atividades seguintes, serão sugeridas vivências com base no livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), em que apresenta histórias de crianças de diversos países africanos ensinando brincadeiras populares da sua cultura. Dessa forma, a cada sequência será apresentada a história de um país diferente e em seguida a brincadeira para vivência.

Como será o primeiro contato com o livro, é relevante mostrar seus elementos como: capa, autor, ilustrador, biografias, entre outros.

O/a educador/a pode realizar a leitura da história ou solicitar aos/as estudantes. Sugerimos explicar a brincadeira e utilizar a lousa como auxílio e também apresentar elementos culturais, geográficos e históricos do país África do Sul.

Ressaltamos a possibilidade de alguns/mas estudantes apresentarem em seus imaginários a visão da África como um único país e não um continente com 54 países, por isso, se faz necessário dialogar sobre essa questão.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Nesta brincadeira, um/a participante é escolhido/a para ser a serpente. Os/as outros/as têm de fugir da cobra, mas não podem sair de um grande círculo desenhado no chão. Assim que a Mamba pega um dos fujões, este segura na mão daquele/a que desempenha o papel da cobra e passa a ser parte da cauda. A perseguição continua até todos formarem uma longa cauda.

Finalizada a brincadeira, pode-se formar, uma roda de conversa que trate sobre os aprendizados, sensações e atitudes percebidos em aula, e, reforçar sobre a semelhança do nome do país com o nome do continente africano.

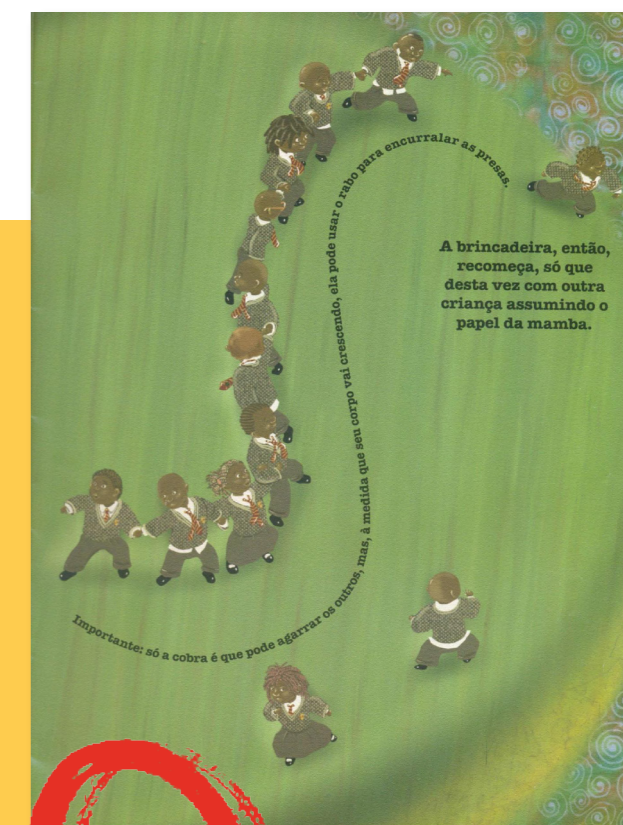
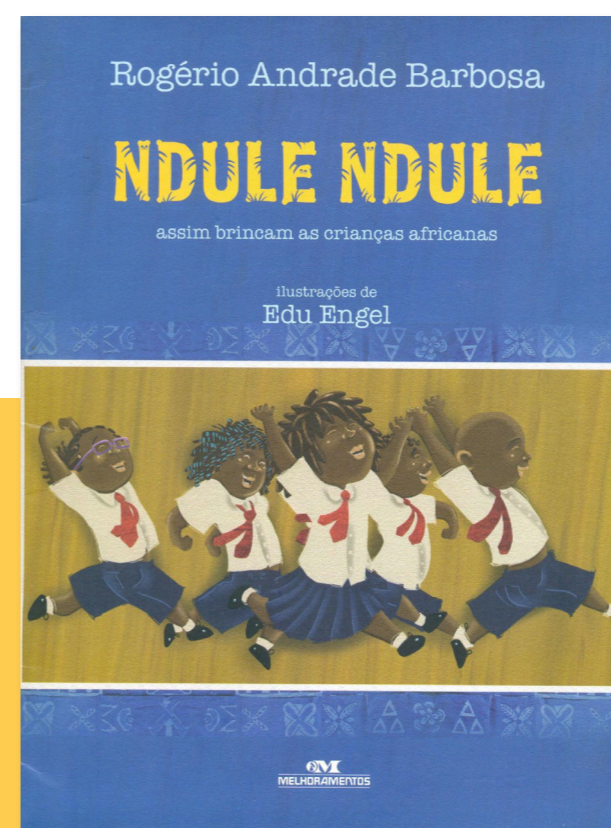
DICA: Pode ser colocado um mapa-múndi na parede para que em todas as aulas os/as estudantes possam identificar a localização do país estudado, assim como a aspectos geográficos como rios, mares e desertos. Por ser uma atividade de intenso contato, sugerimos uma discussão acerca do trabalho em equipe e o cuidado e zelo com o

próximo, prezando a segurança de todos/as. Outra sugestão, seria dialogar sobre as características do país em outros componentes curriculares como História, Geografia e Língua Portuguesa por meio de histórias africanas.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), lousa e giz.

Para ter mais informações sobre a África do Sul, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/%C3%81frica-do-Sul/482545>. Acesso em: 03 de fev. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5

TEMA: Brincadeira Gato e Rato – Kameshi Ne Mpuku (República Democrática do Congo).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Gato e Rato, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 a 2 aulas.

DESENVOLVIMENTO: É relevante iniciar a aula retomando os conhecimentos construídos na atividade anterior e perguntar se os/as estudantes estão anotando suas percepções no caderno de registros. Em seguida, realizar a leitura da história do livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), como também a explicação da brincadeira e a apresentação de elementos históricos, geográficos e culturais sobre o país República Democrática do Congo, como: idiomas, localização, entre outros. Sugerir aos/as estudantes que identifiquem o país no mapa-múndi. No momento de descoberta dos países africanos, podem surgir questionamentos e descobertas como: “não sabia que Egito e Marrocos ficavam na África”; “quantos países têm na África”, neste caso, é importante que o/a educador/a esteja preparado/a para dialogar sobre a desconstrução desses estereótipos e apresentar informações fundamentadas.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Os/as participantes formam um círculo de mãos dadas e dois são escolhidos/as para serem os/as personagens. O que vai ser “o rato” posiciona-se, no meio do círculo, e o que representa “o gato” fica do lado de fora da roda. A brincadeira começa com o gato tentando agarrar o rato, que, por sua vez, tenta escapar ao redor do círculo ou por baixo dos braços dos/as colegas, entrando e saindo da roda. Quando o rato é pego, termina a rodada e outros/as participantes são escolhidos/as para desempenhar os papéis do gato e rato.

DICA: A vivência de todos/as participantes nessa atividade pode demandar tempo, por isso fica a sugestão de duas aulas para abordar todos esses aspectos e possibilitar um diálogo acerca das aprendizagens, sentimentos e valores.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), gravador de voz do smartphone, lousa, giz e mapa-múndi. Para ter mais informações sobre a República Democrática do Congo, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Rep%C3%BAblica-Democr%C3%A1tica-do-Congo/481038>. Acesso em: 03 fev. 2020.



A maneira de brincar é bem simples e deve ser bastante parecida com a de vocês no Quênia e, também, em outras partes do mundo.

É assim: eu e meus amigos, de mãos dadas, formamos uma roda. O que vai ser o rato se posiciona no meio do círculo. E o que representa o gato fica do lado de fora da roda.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6

TEMA: Brincadeira Ambutan (Nigéria).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Ambutan, proporcionando o aprendizado de suas características e informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 a 2 aulas.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Para a realização desta atividade, pode ser combinado anteriormente que um/a ou mais estudantes fiquem responsáveis pelos materiais, sendo eles, areia e graveto. Apresentar a leitura da história no livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), logo depois, a explicação da brincadeira Ambutan, bem como seus elementos históricos, culturais, geográficos e a localização da Nigéria no mapa-múndi.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Forma-se um círculo com os/as participantes e no centro é feito um montinho de areia com um graveto fincado no meio. Posteriormente, cada participante simultaneamente tira um punhado de areia do monte, tomando cuidado para não derrubar o graveto. À medida que o monte vai diminuindo, a brincadeira vai ficando mais difícil. Aquele/a que deixar o galho cair, é eliminado/a. Dessa forma, o monte é refeito e recomeça a brincadeira até que sobre apenas um/a participante que será considerado/a vencedor/a. Após a brincadeira, pode ser proposta uma roda de conversa sobre os aprendizados, sensações e atitudes percebidos em aula.

DICA: Podem surgir curiosidades em relação a personalidades africanas ou afrodescendentes, neste caso, é primordial buscar fontes seguras para dialogar sobre o assunto, como também valorizar os conhecimentos prévios dos/as estudantes. Como essa atividade utiliza areia, é necessário combinar com os/as estudantes sobre o cuidado com o material e a limpeza do ambiente após a realização da brincadeira.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: 2 garrafas pet com areia, graveto, Livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), gravador de voz do smartphone, lousa, giz e mapa-múndi.

Para ter mais informações sobre a Nigéria, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Nig%C3%A9ria/482049>. Acesso em: 03 fev. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 7

TEMA: Caminhos da África.

OBJETIVO: Conhecer o livro Caminhos da África (ASSUMPÇÃO, 2013) e por meio dele compreender o território africano e a criação dos mapas. Vivenciar o jogo de tabuleiro do próprio livro.

TEMPO ESTIMADO: 1 a 2 aulas.

LOCAL: Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO: Propor a leitura compartilhada do livro Caminhos da África (ASSUMPÇÃO, 2013), disponível nas escolas estaduais de Anos Iniciais do Ensino Fundamental por meio da Fundação para o Desenvolvimento Humano (FDE). Para isso, os/as estudantes podem ser organizados individualmente, em duplas ou grupos maiores, conforme a disponibilidade de livros. O livro relata o surgimento dos mapas, a importância do conhecimento ancestral, surgimento dos primeiros homens e mulheres e a distribuição dos territórios do continente africano. Ao final dele, o autor propõe um jogo de tabuleiro com perguntas sobre o conteúdo proposto em suas páginas, o que favorece a reflexão sobre o que foi lido. Para o jogo, os/as estudantes podem ser divididos em grupos maiores.

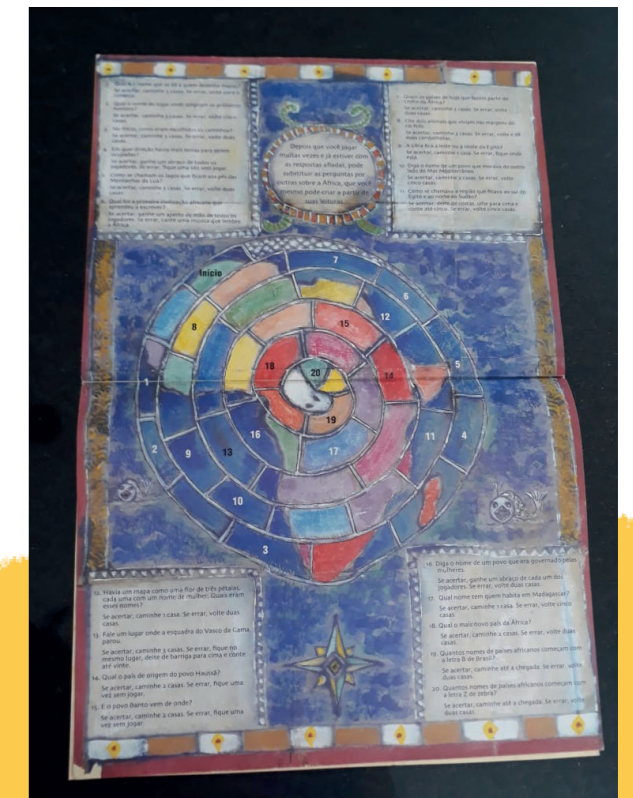
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Este jogo tem como finalidade, identificar se os/as estudantes guardaram na memória o conteúdo do livro. Para tanto, pode ser usado o tabuleiro “Os caminhos da África” (ASSUMPÇÃO, 2013, p. 46-47), ou pegar duas folhas de sulfite e criá-lo, deixando o livro livre para fazer as consultas.

Comece pela casa início e jogue o dado, se cair na casa numerada, deverá seguir a instrução referente ao número. Vence o/a participante ou equipe que responder corretamente mais perguntas e chegar à casa final primeiro.

DICA: Essa atividade pode ser utilizada como estratégia para dias chuvosos. Uma opção seria confeccionar com os/as estudantes o próprio tabuleiro, peões e dados. Podem ser usados como peões sementes, pedacinhos de madeira ou pedras.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: Observação e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Exemplares do Livro Caminhos da África (ASSUMPÇÃO, 2013), disponível em escolas estaduais de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, gravador de voz do smartphone, dados e pinos.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 8

TEMA: Brincadeira Cão que rouba o osso – Ntsa e Wotswang Le Lesapo (Botsuana).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Cão que rouba o osso, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Propor a leitura da brincadeira Cão que rouba o osso – Ntsa e Wotswang Le Lesapo de Botsuana pelo livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011). Pode surgir a curiosidade dos/as estudantes em relação ao nome da brincadeira, neste caso, sugerimos utilizar a lousa para fazer o desenho da brincadeira e escrever o nome e seu significado, como também, comentar sobre os idiomas falados no país, o clima, localização no mapa-múndi, entre outros.

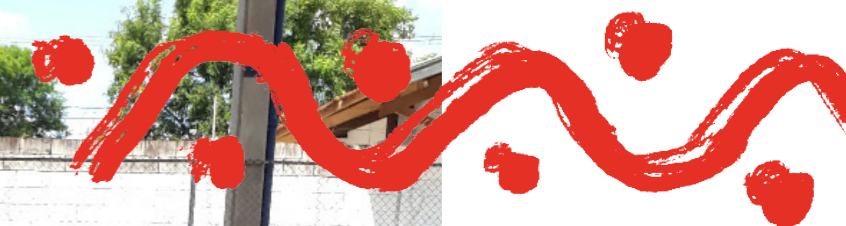
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Para esta brincadeira são necessárias duas equipes que deverão ser enumeradas e alinhadas em um espaço aberto. Uma equipe será enumerada em ordem crescente e a outra em ordem decrescente. Cada participante é considerado/a um “ntsa” que significa cachorro. O jogo se inicia com as duas equipes posicionadas uma de frente para a outra com uma grande distância. Em seguida, o/a professora/a coloca o “lesapo” (osso) no centro entre as equipes e se afasta. Ao chamar um dos números, os/as participantes correspondentes a ele saem correndo para agarrar o osso. Marca-se um ponto para a equipe daquele/a que conseguir roubar o osso. Vence a equipe que tiver mais pontos.

DICA: O/a educador/a pode confeccionar o osso com os/as estudantes com materiais recicláveis ou utilizar um objeto que o represente. É possível que essa atividade seja relacionada a outras do contexto popular, diante disso, pode-se realizar vivências com essas variações.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), gravador de voz do smartphone, lousa, giz, mapa-múndi e bola de borracha (adaptável).

Para ter mais informações sobre a Botsuana, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Botsuana/480832>. Acesso em: 03 fev. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 9

TEMA: Brincadeira Caçador e a Gazela – Mwendaji na Swala (Tanzânia).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Caçador e a Gazela, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: No início, sugerimos a retomada do que foi vivenciado na aula anterior. Após essa revisão, apresente a história do livro que trata sobre a brincadeira Caçador e a Gazela – Mwendaji na Swala da Tanzânia, por meio do livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011). A brincadeira pode ser contextualizada com características como os idiomas, localização no mapa-múndi, clima e história do país.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Dois/duas participantes são escolhidos/as para serem o caçador e a gazela, enquanto o restante do grupo forma uma grande roda para garantir a segurança deles/as. Ambos/as recebem uma venda nos olhos e são separados/as dentro da roda. A gazela, de vez em quando, bate palmas para atrair a atenção do caçador que, por sua vez, tenta encontrá-la. A rodada termina quando o caçador consegue pegar a sua presa. Outros/as dois/duas participantes são escolhidos/as para representar os personagens e a brincadeira recomeça.

Ao final da aula, pode ser realizada uma roda de diálogo sobre empatia, trabalho em equipe e os sentimentos percebidos na aula. Essa vivência pode ser relacionada a Pessoas com Deficiência Visual e a importância dos sentidos como audição e tato.

DICA: Para essa atividade é necessário garantir a segurança dos/as participantes, por isso, é primordial dialogar sobre o cuidado com o próximo.

AValiação e Instrumentos: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), gravador de voz do smartphone, lousa, giz e mapa-múndi e duas vendas.

Para ter mais informações sobre a Tanzânia, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Tanz%C3%A2nia/482635>. Acesso em: 23 jan. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 10

TEMA: Brincadeira Ndule Ndule (Guiné-Bissau).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Ndule Ndule, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Após realizar a leitura da história da brincadeira Ndule Ndule de Guiné-Bissau, que intitula o nome do livro utilizado nas aulas anteriores, pode-se apresentar características gerais do país como idioma, capital, localização no mapa-múndi, número de habitantes, entre outros.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Os/as participantes sentam-se em um longo banco de madeira, escada ou arquibancada. O/a educador/a em pé percorre a fileira cantando “Ndule Ndule” e tocando em um dos joelhos de todos/as participantes sentados/as. Ao ser tocado/a, cada participante deverá levantar o pé do lado escolhido e permanecer com ele no ar. Assim que o/a educador/a termina de percorrer a fileira, volta tocando o outro joelho, sempre cantando “Ndule Ndule”. A partir daí, cada participante deverá ficar com os dois pés no ar, na mesma altura e sem apoiar. Quem deixar o pé cair ou tocar o chão é eliminado/a. Vence quem conseguir ficar mais tempo com os pés para o ar.

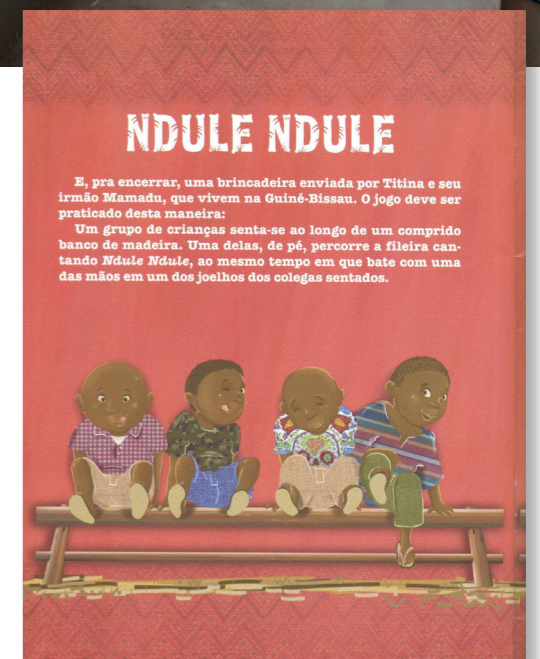
No final da vivência, sugerimos propor uma roda de conversa sobre os conhecimentos construídos, sentimentos percebidos e a relação que a atividade tem com o desenvolvimento de capacidades físicas.

DICA: Essa brincadeira pode ser realizada em várias rodadas, sendo que o/a participante vencedor/a poderá conduzir a próxima.

AValiação e Instrumentos: Observação roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), gravador de voz do smartphone, lousa, giz e mapa-múndi.

Para ter mais informações sobre Guiné-Bissau, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Guin%C3%A9-Bissau/481433>. Acesso em: 23 jan. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA II

TEMA: Brincadeira Ryembalay (Senegal).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Ryembalay, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Esta é a última atividade proposta pelo livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), com a brincadeira Ryembalay do Senegal. Após a leitura e explicação da brincadeira, sugerimos a retomada das brincadeiras que foram trabalhadas pelo livro, fazendo um tour pelo mapa-múndi, recordando os países conhecidos com o livro. Além disso, podem-se apresentar aspectos gerais do Senegal como: capital, idiomas, política, clima, moeda, crenças e população total.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: Todos/as participantes deverão se dividir em duplas e sentar frente a frente. Em seguida, um/a participante deve ficar com o braço esticado e o/a outro/a, com as pontas dos dedos, fará cócegas para cima e para baixo tentando fazê-lo/a rir. Quem rir, perde o jogo, e, quem permanece sério/a por mais tempo, vence.

Ao final da aula, pode ser realizada uma roda de diálogo com perguntas sobre a experiência com o livro, como: O que aprenderam com o livro? Quais atividades mais gostaram? Se ensinaram alguma delas fora da escola? Quais as sensações durante as vivências?

DICA: Trocar as duplas durante a vivência.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (BARBOSA, 2011), gravador de voz do smartphone, lousa, giz e mapa-múndi.

Para ter mais informações sobre Senegal, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Senegal/482481>. Acesso em: 23 jan. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 12

TEMA: Testando os conhecimentos.

OBJETIVO: Investigar as aprendizagens construídas até o momento.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Para esta atividade, pode ser solicitado aos/as estudantes que estudem o que foi apresentado nas aulas até o momento, pois haverá um teste de conhecimentos. Com isso, o/a educador/a deve fazer um roteiro de perguntas e respostas com base nas informações sobre o tema apresentado aos/as estudantes.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: A dinâmica é a mesma da brincadeira Cão que rouba o osso da Botsuana. No entanto, o/a participante deverá pegar o osso e responder corretamente uma pergunta sobre assuntos falados em aula, assim marcará um ponto.

SUGESTÃO DE ROTEIRO DE PERGUNTAS:

1. De qual país africano é a brincadeira Ntsa e Wotsuang Le Lesapo (Cão que rouba o osso)? **Resposta:** Botsuana.
2. Qual o nome completo do livro que foi referência das nossas aulas até agora? **Resposta:** Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas.
3. Qual a primeira brincadeira do livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas que foi vivenciada? **Resposta:** Mamba.
4. De qual país africano é a brincadeira Mamba? **Resposta:** África do Sul.
5. Qual o nome do país das crianças que fizeram a pesquisa no livro? **Resposta:** Quênia.
6. Qual o nome em português da brincadeira Kameshi Ne Mpuku da República Democrática do Congo? **Resposta:** Gato e rato.
7. Qual o nome da brincadeira que utiliza um montinho de areia? **Resposta:** Ambutan.

8. Qual foi a última brincadeira do livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas que foi vivenciada? **Resposta:** Ryembalay.
9. De qual país é a brincadeira Ryembalay? **Resposta:** Senegal.
10. Quantos países têm no continente africano? **Resposta:** 54 países.
11. Qual o nome da brincadeira que desenvolve resistência muscular, principalmente no abdome? **Resposta:** Ndule Ndule.
12. Qual país das brincadeiras do livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas começa com a letra G? **Resposta:** Guiné-Bissau.
13. Qual país que está à frente do Brasil, em primeiro lugar, com a maior população negra no mundo? **Resposta:** Nigéria.
14. De que país é a brincadeira Caçador e a Gazela? **Resposta:** Tanzânia.
15. Qual país do livro Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas começa com a letra S? **Resposta:** Senegal.

DICA: As perguntas podem surgir de questionamentos e curiosidades apontadas durante as aulas.

AVALIAÇÃO E INSTRUMENTOS: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Perguntas, gravador de voz do smartphone, lousa, giz, cone e bola de tênis (adaptável).



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 13

TEMA: Atividade avaliativa – relato sobre as experiências do 1º bimestre.

OBJETIVO: Identificar as aprendizagens construídas no 1º bimestre de aulas com a temática.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra.

DESENVOLVIMENTO: Solicitar aos/as estudantes que criem um texto contando os aprendizados e sentimentos das aulas com a conteúdos de matriz africana. Ao final, sugerimos também que realizem um registro em forma de desenho que expresse as vivências desse período. É preferível que essa atividade seja realizada individualmente, no caderno de registros dos/as estudantes ou em outro material disponível.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Caderno de registros, gravador de voz do smartphone, giz e lousa.

DICA: Pode ser escrito na lousa questões a serem respondidas ao longo do texto.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 14

TEMA: Música África – Palavra Cantada e Roda Africana.

OBJETIVO: Conhecer o continente africano por meio da música “África” e apresentar uma roda circular, proporcionando uma vivência de dança com elementos de matriz africana.

TEMPO ESTIMADO: 2 a 3 aulas.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Em sala de aula ou em ambiente aberto, apresentar a música “África” - Palavra Cantada (PERES; TATIT; ANTUNES, 2011) juntamente com a letra impressa para facilitar a compreensão. O/a educador/a pode solicitar aos/as estudantes que anotem ou grifem as palavras que não conhecem e curiosidades que são apresentadas na música. Em seguida, pedir para que eles/as comentem sobre a letra e apontem os elementos desconhecidos. É importante que o/a educador/a faça uma pesquisa prévia sobre os significados dos termos apresentados na letra da música. Sugerimos perguntar aos/as estudantes que apontem os termos e significados conhecidos, permitindo um diálogo entre todos/as. Se o/a educador/a preferir, pode anotar os termos na lousa para facilitar o diálogo.

Após a conversa sobre a música, pode-se propor uma vivência da Roda Africana – Palavra Cantada, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QjlmRDk9ktI> (Acesso em: 23 jan. 2020). Neste vídeo, a dupla de cantores, juntamente com algumas crianças, ensina uma dança circular com vários níveis de dificuldade.

DICA: É importante mencionar que o/ educador/a pode criar sua própria sequência ou criar coletivamente com os/as estudantes.



AValiação e Instrumentos: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Caderno de registros, caixa de som, música “África”, letras da música impressa, gravador de voz do smartphone, giz e lousa.

Letra da Música “África - Palavra Cantada”
(Sandra Peres, Paulo Tatit e Arnaldo Antunes)

Quem não sabe onde é o Sudão
Saberá
A Nigéria, o Gabão, Ruanda
Quem não sabe onde fica o Senegal
A Tanzânia e a Namíbia
Guiné-Bissau?
Todo o povo do Japão
Saberá
De onde veio o Leão de Judá
Alemanha e Canadá, saberão
Toda a gente da Bahia, sabe já
De onde vem a melodia, do ijexá
O sol nasce todo dia, vem de lá
Entre o Oriente e o Ocidente
Onde fica?
Qual a origem da gente?
Onde fica?
África fica no meio do mapa do mundo
Do Atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica lá
E aqui África ficará
Basta atravessar o mar
Pra chegar
Onde cresce o Baobá
Pra saber
Da Floresta de Oxalá

E malê
Do deserto de alah
Do ilê
Banto mulçumanamagô
Yorubá



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 15

TEMA: Jogo MemorAfro².

OBJETIVO: Propor a confecção de um jogo da memória, tendo como base o repertório de conhecimentos sobre a África. Esse jogo da memória poder servir de instrumento de diagnóstico prévio sobre as aprendizagens que foram construídas até o momento.

TEMPO ESTIMADO: 2 a 3 aulas.

LOCAL: Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO: Para a construção do jogo “MemorAfro” sugerimos resgatar os termos aprendidos até o momento, inclusive com a música “África” - Palavra Cantada (PERES; TATIT; ANTUNES, 2011). Para a confecção das cartas, será necessário fazer um levantamento de termos conhecidos pelos/as estudantes dentro do contexto da cultura africana e que corresponda ao número de participantes, neste caso, cada estudante ficará responsável por criar uma carta do jogo. Posteriormente, sugerimos realizar um sorteio ou solicitar para que cada estudante escolha um dos termos. Para facilitar o processo, o/a educador/a poderá levar recortado quadrados de folha de cartolina ou outro material similar, na medida 5 cm x 5 cm e entregar 2 deles para cada estudante. Caso queira um número maior de jogos, cada estudante deverá replicar as cartas. Sugerimos ao menos 5 jogos para uma turma de 30 estudantes, com isso, cada estudante precisará criar 10 cartinhas iguais para formar 5 pares.

É relevante comentar que o levantamento de palavras para a confecção do jogo permite um diálogo significativo em relação ao conhecimento sobre a África presente no imaginário dos/as estudantes, visto que podem reconhecer suas origens, ampliar o repertório sobre elementos culturais africanos e afro-brasileiros, como também estimular o interesse por tais culturas.

Por ser um jogo de criação coletiva, os/as estudantes podem ser estimulados a compartilhar ideias e ajudar uns aos outros.

² O jogo MemorAfro foi criado pela graduanda em Educação Física Marília Baldoíno dos Santos (UNESP/Bauru) em um planejamento pedagógico coletivo para o Projeto de Extensão “Brincando e Dialogando”, coordenado pela Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa, tendo como proposta a história e cultura africana e afro-brasileira.

Ao final da confecção, os/as estudantes poderão desfrutar do jogo e se divertir. Assim, com envolvimento no processo de criação, o jogo passa a ter outro significado para eles/as.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE: A dinâmica é igual a de um jogo da memória convencional. Divida a turma em grupos e entregue um jogo completo de MemorAfro. Sugerimos combinar as regras coletivamente e permitir que os/as estudantes se organizem com autonomia, caso seja necessário, o/a educador/a poderá intervir. Ganha o jogo quem conseguir mais pares.



DICA: A cada rodada podem ser trocado os grupos de jogadores/as.

AVALIAÇÃO E INSTRUMENTOS: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Cartolina ou papel similar, lápis de cor, tesoura, gravador de voz do smartphone, lousa, giz e mapa-múndi.

Essa atividade teve como embasamento teórico metodológico o material didático “A Cor da Cultura” articulando a construção de um jogo com os valores civilizatórios afro-brasileiros como ludicidade, memória e circularidade (BRANDÃO; TRINDADE, 2010). Acreditamos que essa proposta estimulou o trabalho coletivo entre os/as estudantes, como também a autonomia e criatividade.

Consideramos também, que a atividade de criação do jogo da memória é significativa para os/as estudantes por permitir que construam novos conhecimentos sobre os conteúdos apresentados, bem como ampliação da curiosidade e no modo de ver essas culturas. Dessa forma, concordamos com Brandão e Trindade (2010, p. 81) quando apontam a necessidade de “educadores/as possibilitem muitas e distintas situações e experiências que devam pertencer ao mundo de vivência de quem vai construir sua própria aprendizagem”.

Se o/a educador/a preferir, pode utilizar as cartinhas de MemorAfro já criadas. Dessa maneira pode fazer a introdução apresentando os termos e ilustrações e sugerir que os/as estudantes apontem quais são conhecidos, como também propor que pesquisem os significados.





SENEGAL



SENEGAL



NIGÉRIA



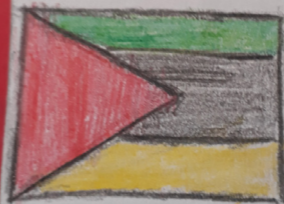
TANZÂNIA



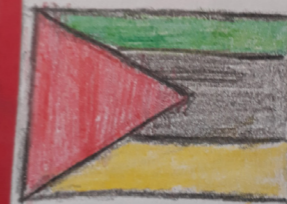
RUANDA



RUANDA



MOÇAMBIQUE



MOÇAMBIQUE



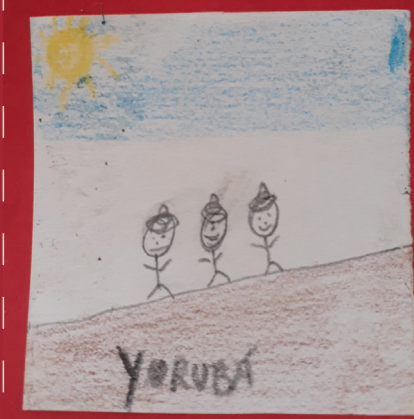
leão de judá



leão de judá



YORUBÁ



YORUBÁ



NDULE-NDULE



NDULE-NDULE



BERIMBAU



BERIMBAU



FEIJADA



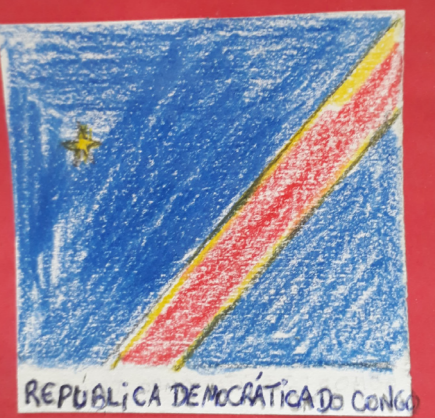
FEIJADA



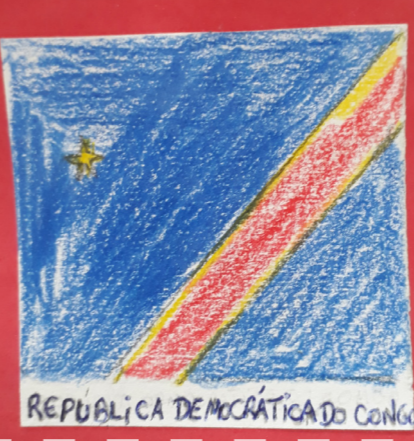
Egito



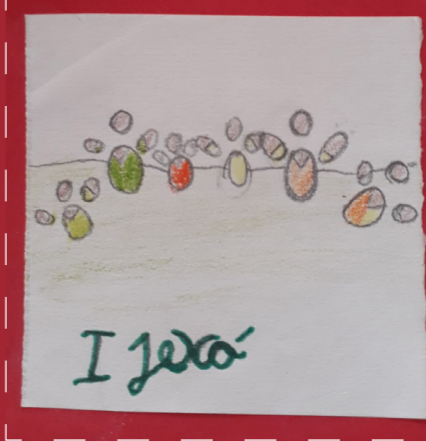
Egito



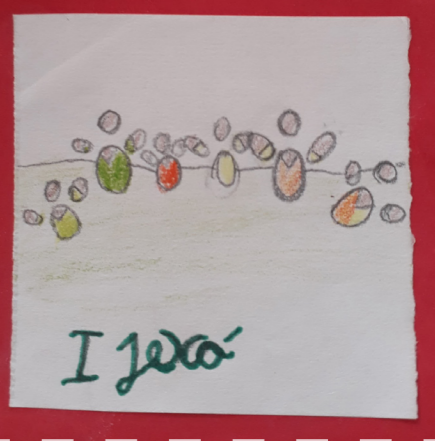
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO



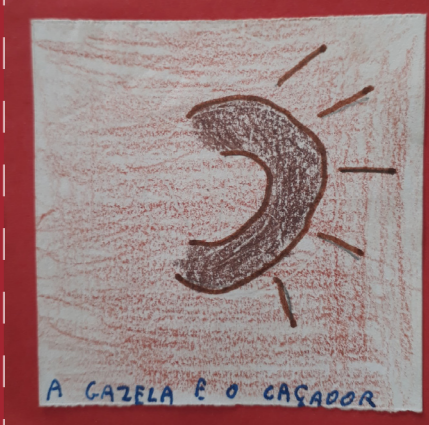
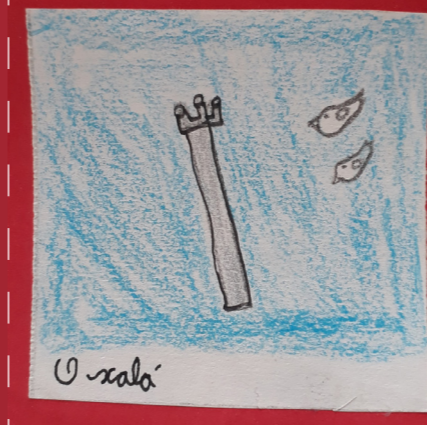
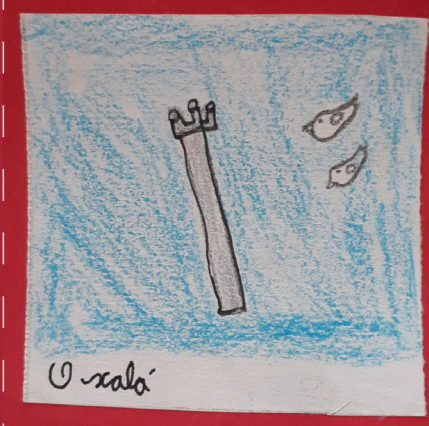
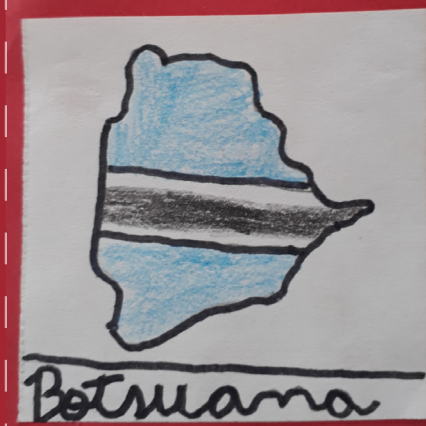
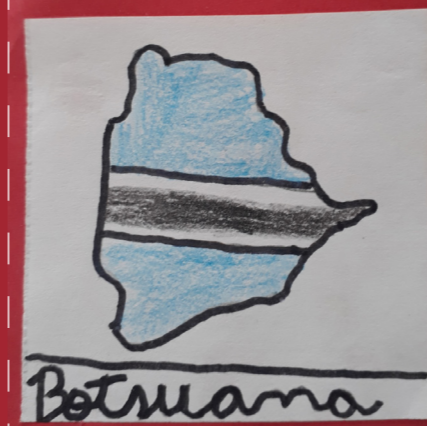
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO



Ilexá



Ilexá





SEQUÊNCIA DIDÁTICA 16

TEMA: Escravização e jogo G'bala³.

OBJETIVO: Contextualizar o período de escravização no Brasil e apresentar o jogo G'bala, proporcionando o aprendizado desse período histórico, a influência dos/as africanos/as na cultura brasileira, bem como conhecimento de movimentos básicos da Capoeira.

TEMPO ESTIMADO: 1 a 2 aulas.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Para essa atividade, é muito importante que o/a educador/a faça uma contextualização prévia com informações sobre o período histórico da escravização brasileira, para que não reproduza estereótipos existentes a respeito do tema. Como estratégia inicial, o/a educador/a pode partir de um diálogo com os/as estudantes sobre os conhecimentos prévios deles/as.

DESCRIÇÃO DO JOGO: A palavra G'bala na língua Iorubá significa "salvar", "resgatar". O jogo é organizado por um "Quilombo dos Palmares" que pode ser um círculo no centro do espaço e 4 fazendas dispostas em quadrados nos cantos que irão remeter ao período de escravização brasileira. Cada fazenda iniciará com 6 pessoas escravizadas, sendo as fazendas um pique para elas. O objetivo do jogo é que todos/as escravizados/as cheguem ao Quilombo dos Palmares, para isso, eles/as devem se reunir em uma das fazendas e se agrupar em 10 escravizados/as e, em seguida, gritar a palavra "G'bala" e de mãos dadas seguir até o centro. Feito isso, os 4 pegadores/as que representam a figura do "capitão do mato" não poderão pegá-los/as. Em meio as estratégias, os/as participantes poderão permanecer no quilombo ou voltar para as fazendas, que, nesse caso, poderão ser pegos/as. Se isso acontecer, devem ficar parados na posição da cocorinha (movimento de esquiva da capoeira) e um/a dos/as escravizados/as que não foi capturado/a deverá se arriscar para salvá-lo/a, fazendo

³ O jogo G'bala foi inspirado na criação das estudantes Melina Radaelli Gatti e Patricia Rossi na disciplina "Fundamentos da Capoeira", ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior e oferecida pelo Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar). O desenvolvimento desse jogo foi publicado no capítulo do livro: CORRÊA, Denise Aparecida; PATRINHANI, Gisele Fregolente. Construindo uma práxis pedagógica dialógica na motricidade escolar. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz. (org.). **Motricidade: experiências de educar e educar-se.** São Carlos: EDUFSCar, 2017. p. 53-66.

sobre o/a outro/a, o movimento da meia lua de frente (movimento da capoeira). Após isso, ambos/as escravizados/as deverão voltar as fazendas e realizar novamente o agrupamento. O jogo finaliza quando todas as pessoas escravizadas chegarem ao Quilombo dos Palmares, todas forem pegas pelos/as capitães do mato ou quando o/a educador/a perceber a necessidade de trocar os/as pegadores/as.

Sugerimos, ao final da vivência, uma roda de conversa sobre as percepções do jogo, contextualizando com o período histórico da escravização. Pode-se enfatizar também a importância sobre o trabalho em equipe e o cuidado com o próximo.

DICAS: Podem variar o número de capitães do mato, escravizados/as em cada fazenda ou para serem salvos/as, como também os movimentos da capoeira. As regras podem ser dialogadas a partir da necessidade no jogo.

AVALIAÇÃO E INSTRUMENTOS: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Gravador de voz do smartphone, lousa e giz.

Sugerimos para embasamento teórico o site Portal da Cultura Afro-brasileira, disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_III.php. Acesso em: 23 jan. 2020.

Para conhecer mais sobre a capoeira e seus movimentos, indicamos o site: <http://www.arteculturacapoeira.com.br/site/>. Acesso em: 23 jan. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 17

TEMA: Amagamulamulazetxê (Moçambique).

OBJETIVO: Apresentar a brincadeira Amagamulamulazetxê, proporcionando o aprendizado de suas características, bem como informações sobre seu país de origem.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula e quadra poliesportiva.

DESENVOLVIMENTO: Para essa atividade será utilizado como referência o livro Jogos de Moçambique (PRISTA; TEMBE; EDMUNDO, 1992). Esse tem como objetivo, preservar e divulgar 55 jogos recolhidos em algumas províncias do país. O jogo Amagamulamulazetxê pertence à província de Maputo, capital do país e em sua cultura pode ser jogado por homens e mulheres. Com base nisso, pode-se dialogar com os/as estudantes as questões de gênero nas diversas culturas africanas. Como será o primeiro contato com o livro, é relevante mostrar para os/as estudantes seus elementos como: capa, autor, ilustrador, biografias, entre outros. O/a educador/a pode realizar a leitura da atividade ou solicitar aos/as estudantes e apontar as diferenças percebidas no idioma do país, que apesar de ser a língua portuguesa possui diferenças em relação a que é falada no Brasil. Em seguida, o/a educador/a pode apresentar mais características do país como clima, pontos turísticos, crenças, entre outros.

DESCRIÇÃO DO JOGO: Esse jogo é realizado em duas etapas. Na primeira, dois/duas jogadores/as são escolhidos/as para se colocarem de pé, frente a frente e de mãos dadas. Os/as demais, formam uma fila colocando as mãos no/a participante da frente. Em seguida, andam em fila cantando a música:

“Amagamulamulazê”

“Amagamulamulazê”

“Amagamulamulazetxê”

Enquanto a música é cantada, os/as participantes um a um, passam por baixo das mãos dos/as dois/duas que estão à frente. Ao final da música, o/a participante que tiver passando por baixo é agarrado/a e deverá escolher entre duas frutas, previamente selecionadas pelos/as dois/duas jogadores/as. Após a escolha, o/a participante deverá formar uma fila atrás do lado escolhido e os/as demais

continuam a passar e cantar a música. Quando todos/as estiverem escolhido seus lados, formam-se duas equipes que deverão disputar a segunda fase do jogo. Os/as participantes agarram-se à cintura uns/umas dos/as outros/as, no caso da mesma equipe, e pelos punhos do/a adversário/a, no caso dos/as primeiros/as de cada equipe. Traçado um risco no chão, cada equipe deverá puxar a outra para o seu lado. Vence a equipe que conseguir que pelo menos um jogador/a da outra atravessasse o risco.

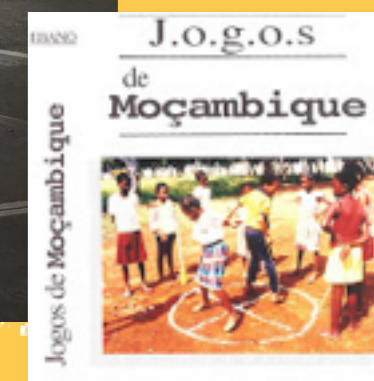
Ao final da vivência, possibilitar diálogos acerca da brincadeira, conhecimentos sobre o país e o cuidado com o/a outro/a.

CURIOSIDADE: Segundo Prista, Tembe e Edmundo (1992), na província de Niassa, esse jogo é chamado de “Eculué”, que significa “porco” na língua macua. Esse nome é dado por que o andar em coluna dos/as participantes faz lembrar os porcos caminhando.

AValiação e Instrumentos: Observação, roda de conversa e registro no diário de campo.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Livro Jogos de Moçambique (PRISTA; TEMBE; EDMUNDO, 1992), gravador de voz do smartphone, lousa, giz e mapa-múndi.

Para ter mais informações sobre Moçambique, indicamos o site: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Mo%C3%A7ambique/481978>. Acesso em: 03 fev. 2020.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 18

TEMA: Festival sobre as culturas africanas e afro-brasileira.

OBJETIVO: Organizar um evento em que possibilite aos/as estudantes compartilhar os conhecimentos construídos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira e permita um espaço de interação entre eles/as com seus/suas familiares e amigos/as.

TEMPO ESTIMADO: Pode variar dependendo das ações propostas. Em média 12 aulas.

DESENVOLVIMENTO: A organização do festival pode ser iniciada após a apresentação de um repertório de jogos, brincadeiras, danças e elementos históricos e culturais de matriz africana. Durante todo período de organização, sugerimos ao/a educador/a que utilize metodologias ativas⁴ e dialogadas com o intuito de estimular o desenvolvimento da autonomia e protagonismo dos/as estudantes. Sugere-se, portanto, que, tudo que for determinado para o evento, possa partir das ideias dialogadas com todo o grupo.

O evento pode ser organizado em quatro etapas, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Etapas da organização do evento			
Etapa	Assunto	Ações	Participantes
Etapa 1	Apresentação da proposta	Apresentação da ideia para os/as estudantes. Decisão sobre os aspectos gerais, atividades e nome do evento.	Educador/a e estudantes.
Etapa 2	Apresentação da ideia para os/as estudantes.	Separação dos grupos de trabalho e ideias para cada função.	Educador/a e estudantes.
Etapa 3	Divulgação do evento	Entrega dos convites aos/as convidados/ do evento e divulgação por meio de cartazes.	Educador/a e estudantes.
Etapa 4	Dia do evento	Realização das brincadeiras africanas e afro-brasileira, dança circular, exposição de trabalhos e artefatos e degustação de comidas típicas.	Educador/a, estudantes, colaboradores/as e convidados/as.

Fonte: Autora, 2020.

Na etapa 1, sugerimos a apresentação da proposta do festival com a intenção dos/as estudantes apresentarem aos/as familiares e amigos/as os conhecimentos construídos ao longo da intervenção pedagógica com elementos de matriz africana. Diante dessa informação, os/as estudantes podem apresentar sugestões e ideias, bem como a escolha do nome do evento, tudo isso dialogado com os/as demais colegas e o/a educador/a que mediará as ações.

Em seguida, pode ser realizada a escolha das funções e divisão das tarefas a serem desenvolvidas na organização, assim como as primeiras tomadas de decisões coletivas, o que favorece a participação de todos/as.

Nesta mesma etapa, os/as estudantes podem decidir as atividades que serão realizadas no evento, com base no que foi vivenciado e aprendido nas aulas ao longo dos processos educativos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. Poderão surgir sugestões como brincadeiras, jogos, danças, comidas, exposição, entre outros, que precisam ser definidos com base no espaço onde será realizado o evento e o número esperado de convidados/as.

A etapa 2 tem como foco organizar os/as estudantes em grupos de trabalho e definir as tarefas que serão desempenhadas. Dessa forma, apontamos os seguintes grupos: materiais e multimídia; brincadeiras; divulgação e recepção; comidas; exposição e decoração. Os grupos de trabalho devem ser definidos de acordo com os

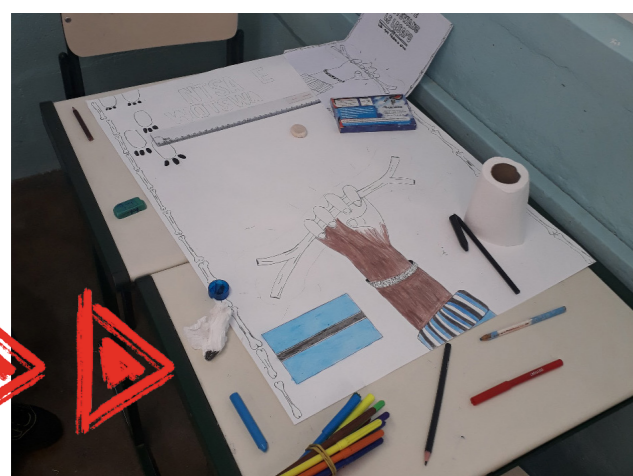
⁴ Entendemos por metodologias ativas as que apresentam o/a estudante como personagem principal e o maior responsável pelo processo de aprendizado, incentivando a autonomia e participação.

objetivos do festival. O grupo “Brincadeiras” apresentado acima, pode ser organizado em subgrupos conforme a variação de brincadeiras que podem ser apresentadas. Apesar de cada estudante ter uma função específica, pode ser combinado que todos/as podem contribuir com os demais grupos na organização e no dia do evento.

Segue uma sugestão de organização dos grupos de trabalho e possíveis funções:

Quadro 2 – Grupos de trabalho	
Grupos de Trabalho	Funções
Materiais e Multimídia	Organizar o material pedagógico e audiovisual para o evento.
Divulgação e Recepção	Elaborar cartazes, convites para a divulgação do evento. Receber os/as convidados/as. Realizar o cerimonial do evento. Realizar a pesquisa de satisfação.
Exposição e Decoração	Organizar a exposição dos trabalhos realizados. Decorar o evento. Apresentar os artefatos e elementos da exposição para os/as convidados.
Comidas	Decidir as comidas que serão servidas. Elaborar cartaz informativo sobre o cardápio. Servir os/as convidados/as no evento.
Brincadeiras	Organizar a apresentação das brincadeiras. Elaborar cartaz informativo sobre a brincadeira. Ensinar os/as convidados/as.

Fonte: Autora, 2020.



Elaboração dos cartazes das brincadeiras



A terceira etapa da organização do festival tem como intuito divulgar o evento para os/as convidados/as. O grupo de trabalho “Divulgação e Recepção” pode criar um convite com as informações do evento, sendo compartilhado por meio de aplicativos de rede social ou entregue pessoalmente para os/as convidados/as. Além disso, o grupo pode confeccionar cartazes informativos sobre as atividades que serão apresentadas no evento.



A quarta e última etapa diz respeito ao dia do evento. Neste dia, é importante que os/as estudantes estejam cientes de suas funções e tarefas e que o/a educador/a dê o suporte necessário a eles/as.

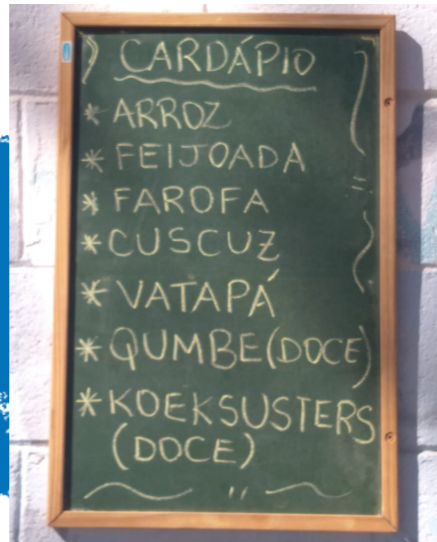
No início dos processos educativos desse planejamento, o/a educador/a pode sugerir a outros/as professores/as de componentes curriculares variados a incluir ações sobre a história e cultura africana e afro-brasileira em seus planejamentos, para ser possível a integração de conteúdos que possam dialogar entre as áreas de conhecimento. Partindo dessa premissa, levando em consideração os Anos Iniciais do Ensino Fundamental é possível dialogar com os/as professores/as de Arte e Polivalente, para que contribuíssem com a construção de aprendizagens significativas aos/as estudantes. Levando em consideração o evento a ser organizado, esses/as professores/as podem colaborar com a confecção de atividades artísticas e trabalhos a serem expostos, como: máscaras, bandeiras, cartazes, assim como em leituras com os temas abordados, contextualização de elementos culturais, históricos e geográficos, entre outras ações.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 19



Exposição de máscaras, bandeiras e trabalhos confeccionados pelos/as estudantes

Para que seja possível servir comidas típicas do contexto africano, o grupo responsável por essa função, pode contar com apoio dos/as demais estudantes e professores/as para sua efetivação. É possível também contar com o envolvimento dos/as familiares nesse processo, fortalecendo sua participação nas atividades escolares dos/as estudantes.



Comidas africanas e afro-brasileiras

O grupo de "Recepção e Divulgação" poderá ficar responsável por receber os/as convidados/as e direcioná-los/as por meio de um cerimonial que indicará as atividades.

Dependendo do número de convidados/os, as atividades do evento podem ser realizadas por meio de rodízio ou dividido em pequenos grupos. Ao final das vivências, pode ser apresentada uma exposição com trabalhos produzidos pelos/as estudantes, instrumentos e artefatos de matriz africana, painel de fotos com registros das vivências em aulas, entre outros.

TEMA: Atividade avaliativa – história sobre a “Viagem pela África”.

OBJETIVO: Identificar as aprendizagens construídas ao longo de todo o semestre com base nos conteúdos de matriz africana apresentados.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO: O/a educador/a pode propor que os/as estudantes criem uma história, contando como foi a experiência de conhecer o continente africano durante as aulas do semestre. Ao final, sugerimos também que realizem um registro em forma de desenho que represente essa viagem. Essa atividade pode ser realizada individualmente, no caderno de registros dos/as estudantes ou em outro material disponível.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Caderno de registros, gravador de voz do smartphone, giz e lousa.

DICA: Antes de iniciar essa atividade, o/a educadora/a pode propor uma roda de conversa inicial para que os/as estudantes comentem algumas percepções que tiveram ao longo dos processos educativos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 20

TEMA: Questionário final.

OBJETIVO: Identificar as aprendizagens construídas ao longo do semestre, por meio de questões abertas e fechadas.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula.

LOCAL: Sala de aula.

DESENVOLVIMENTO: O/a educador/a pode propor um questionário final com questões abertas e fechadas, a fim de compreender o que foi significativo na aprendizagem de conteúdos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira e fazer uma relação com os resultados do questionário aplicado no início das aulas. Entregar para cada estudante um questionário impresso e as orientações para o preenchimento.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: Questionários e gravador de voz do smartphone.

NOME: _____

1) O QUE VOCÊ ACHOU DE APRENDER SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

2) O QUE VOCÊ APRENDEU SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA?

3) O QUE VOCÊ ACHOU DA EXPERIÊNCIA DE ORGANIZAR O FESTIVAL COLETIVAMENTE COM SUA TURMA?



4) COMO VOCÊ SE SENTIU ENSINANDO AS ATIVIDADES PARA AS PESSOAS NO FESTIVAL? O QUE VOCÊ APRENDEU COM ISSO?

5) VOCÊ FALOU OU BRINCOU SOBRE O QUE APRENDEU COM SUA FAMÍLIA E AMIGOS/AS FORA DA ESCOLA?

() Sim () Não

SE SIM, DE QUE FORMA?

6) TEM MAIS ALGUMA COISA QUE VOCÊ GOSTARIA DE FALAR SOBRE A SUA "VIAGEM PELA ÁFRICA"?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por muito tempo, as culturas africanas e afro-brasileira estiveram cerceadas ao componente curricular de Educação Física, se limitando a apresentação descontextualizada de conteúdos ou, até mesmo, restrita a datas comemorativas. Com a promulgação das Leis Federais 10.639/03 (BRASIL, 2003) e 11.645/08 (BRASIL, 2008), os estabelecimentos de ensino passaram a ter a preocupação de efetivar esses conteúdos e tornar obrigatória a inclusão da história e cultura africana e indígenas em todos os estabelecimentos de ensino.

No entanto, sabemos que existe uma considerável fragilidade quanto ao desenvolvimento de conteúdos dessas culturas, devido à falta de formação inicial e continuada, e de espaços de diálogos entre os/as profissionais no que concerne à Educação para as Relações Étnico-Raciais. Acreditamos que esse material didático possa auxiliar profissionais do âmbito educacional numa perspectiva intercultural, abordando a história e cultura africana e afro-brasileira com possibilidades de intervenção e adaptações, como também consiga despertar no/a estudante o protagonismo para construção de suas aprendizagens e a curiosidade por tais culturas.

Esperamos também que esse material didático permita que o/a educador/a e os/as estudantes embarquem no universo da cultura africana e compreendam suas contribuições para a sociedade brasileira, construindo um modo de ver essa cultura sem preconceitos e estereótipos.



REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Adyr. **Caminhos da África**. Belo Horizonte: Dimensão, 2013. 48 p.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Ndule ndule**: assim brincam as crianças africanas. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto (org.). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de fazer**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 03 de março de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira e indígena". **Diário Oficial**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a lei nº 10.639, de 3 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 11 nov. 2019.

PERES, Sandra; TATIT, Paulo; ANTUNES, Arnaldo. **África**. Brasil: Palavra Cantada Produções, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yGv47mv7874>. Acesso em: 23 jan. 2019.

PRISTA, Antonio; TEMBE, Mussá; EDMUNDO, Hélio. **Jogos de Moçambique**. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992.

Sites

Associação Desportiva Arte Cultura Capoeira. Disponível em: <http://www.arteculturacapoeira.com.br/site/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Escola Britannica/CAPES/MEC. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br>. Acesso em: 28 mai. 2020.

Portal da Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_III.php. Acesso em: 23 jan. 2020.

Vídeo da roda africana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QjlmRDk9ktI>. Acesso em: 23 jan. 2020.

